

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP

RENATA THEREZA FAGUNDES CUNHA

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

A FEMINIZAÇÃO DA CULTURA  
CURITIBA, 1890 – 1930

CAMPINAS - SP  
Junho de 2001

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

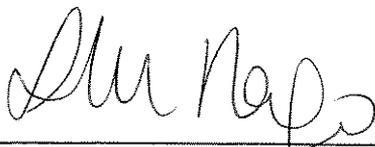
RENATA THEREZA FAGUNDES CUNHA

A FEMINIZAÇÃO DA CULTURA  
CURITIBA, 1890 – 1930

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, para fins de obtenção do grau de Mestre. Área de concentração História Social do Trabalho, linha de pesquisa História, Cultura e Gênero. Orientação: Professora Livre Docente Luzia Margareth Rago.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação e aprovada pela Comissão Julgadora em 27/06/2001.

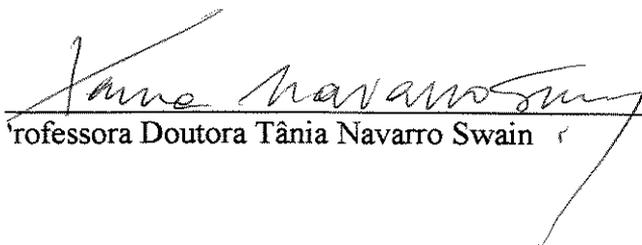
Banca examinadora:



Orientadora: Professora Livre Docente Luzia Margareth Rago



Professora Doutora Carmen Lúcia Soares



Professora Doutora Tânia Navarro Swain

CAMPINAS  
Junho de 2001

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**C914f** **Cunha, Renata Thereza Fagundes**  
**A feminização da cultura: Curitiba, 1890-1930/ Renata**  
**Thereza Fagundes Cunha. - - Campinas, SP: [s.n.], 2001.**

**Orientador: Luzia Margareth Rago.**  
**Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Mulheres. 2. Cultura. 3. Identidade sexual. 4. Modernidade.**  
**5. Feminismo. 6. Curitiba (PR) – Séc. XIX - XX. I. Rago, Luzia**  
**Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas.**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo evidenciar o fenômeno da feminização da cultura na *Belle Époque* curitibana. A partir da pesquisa nos jornais e revistas do final do século XIX e início do século XX, observou-se a ampliação da participação feminina nos espaços públicos da sociedade e no processo de modernização em Curitiba, cidade que então se beneficiava do desenvolvimento econômico do Estado do Paraná. A ocupação dos espaços públicos pelas mulheres - anteriormente restritas ao espaço doméstico - trouxe o aumento não só da sua visibilidade, como também novas possibilidades de ação tanto no universo público e profissional, quanto no subjetivo, no entendimento das relações sociais e na reflexão sobre si, desencadeando a crescente influência de suas criações e maneiras femininas de fazer sobre a constituição sociocultural, impulsionando novas conquistas no campo do exercício da cidadania.

## Abstract

The aim of this work is to make evident the phenomenon of the feminization in culture during the *Belle Époque* in Curitiba. Considering the research in newspaper and magazines at the end of the XIX<sup>th</sup> century and the beginning of the XX<sup>th</sup>, we have observed the increasing of women participation in public spaces in society and progress and modernization of Curitiba, village that has been benefited by the Paraná State economic growth. The occupation of public spaces by women — before this, they were confined to the domestic area — resulted not only the visibility of women but also new possibilities of action in terms of profession or in terms of developing the self, in the understanding of social contact and the self-reflection, originating the growing influence of its creations and female habits of doing over the social and cultural constitution, impelling new conquers in the field of citizenship.

## **Agradecimentos**

Agradeço às instituições financiadoras CAPES e CNPq e aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia Ciências e Letras da UNICAMP.

À minha orientadora, Margareth Rago, pela atenção, carinho e profissionalismo, sempre apontando para os caminhos libertários ao fazermos história.

Às professoras que igualmente contribuíram, sendo fontes de inspiração para acreditar na história como um vasto campo de possibilidades, proporcionando encontros de muito aprendizado e alegria: Ana Maria Burmester, Célia Marinho de Azevedo, Carmen Lúcia Soares e Tânia Navarro Swain.

A Marcelo Lima, Lili Basílio, Sara Eduarda de Castro e Luís Fernando Lopes Pereira, pela amizade, consideração e pela forma em que se inseriram no debate do tema, trazendo novas reflexões e apoio intelectual.

Às colegas Nádia Cristina Nogueira, Elisa Mariana Nóbrega e Socorro Cipriano, pelas deliciosas e construtivas discussões nos devaneios pela história. A ajuda sempre presente de Betinho, Berê, Marcinha e André.

As amigas que desde a adolescência estiveram ao meu lado, mostrando ser a amizade um caminho possível para a construção da liberdade: Lô, Kal, Kaki, Karin e Josi.

Aos meus familiares, principalmente à minha mãe, a quem dedico este trabalho, pelo amor e o incentivo, fundamentais nas horas difíceis, na pesquisa nos arquivos e na leitura dos textos.

A Marilisa Fagundes Cunha

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>01</b>
<b>1. A feminização da cultura .....</b>	<b>07</b>
<b>1.1. gênero, epistemologia feminista e a feminização da ciência .....</b>	<b>14</b>
<b>2. Mulheres, modernização e civilidade: A urbs se feminiza! .....</b>	<b>21</b>
<b>3. O cultivar dos corpos: movendo as fronteiras .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1. Sexualizando e transformando os comportamentos .....</b>	<b>71</b>
<b>4. Maneiras femininas de fazer: ações afirmativas .....</b>	<b>79</b>
<b>5. Filantropia e coquetismo: artes femininas de fazer .....</b>	<b>93</b>
<b>5.1. Assistencialismo e filantropia: cuidar é saber .....</b>	<b>93</b>
<b>5.2. O Borboletar das Coquetes .....</b>	<b>100</b>
<b>6. Mulheres modernas: usos e costumes .....</b>	<b>109</b>
<b>6.1. Nos descaminhos da moda: as aparências e a construção de si ..</b>	<b>127</b>
<b>7. Considerações Finais .....</b>	<b>133</b>
<b>8. Bibliografia .....</b>	<b>135</b>
<b>9. Fontes .....</b>	<b>139</b>

## Apresentação

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o processo de feminização da cultura em Curitiba, entre o final do século XIX e o início do século XX, observando como a experiência feminina influenciou na transformação dos hábitos cotidianos, dos valores morais e das concepções de mundo. Nesse momento, a cidade passava por inúmeras mudanças com o advento da modernização e sua configuração em "urbs", convivendo com o aumento da visibilidade e expressão das mulheres. A entrada na esfera pública do então denominado "belo sexo" significou não apenas a aceitação dos lugares e formas de comportamento a ele destinados, como insiste em mostrar a historiografia recente, mas também formas de interferência feminina na própria elaboração das referências culturais, sociais, morais e sexuais.

Privilegiam-se as ações afirmativas das mulheres, entendendo por isso a maneira pela qual elas atuaram ativamente na produção da cultura e na relativa transformação dos códigos sociais impostos pelo mundo masculino. Destaca-se a constituição de uma nova sensibilidade onde elementos culturais e atributos tidos como femininos alteraram os hábitos e os modos de percepção sociais, pois, ao mesmo tempo que se construía uma imagem idealizada de mulher para este momento de mudanças socioculturais, as características desta mesma imagem eram desdobradas nos discursos que propunham a todos os habitantes de Curitiba um empenho coletivo para civilizá-la e modernizá-la. Havia, portanto, uma confluência entre as expectativas diante da nova mulher e da nova cidade.

A modernidade abriu para os indivíduos um campo de possibilidades de atuação social, de manifestação cultural e de expressão sexual. O *fin-de-siècle* em muitos países capitalistas do mundo ocidental, foi marcado pela modernização e urbanização, que impulsionaram a explosão de movimentos sociais e artísticos. Tanto os movimentos operários e feministas, como o surgimento de vanguardas estéticas desestabilizaram e revolucionaram profundamente as formas mais conservadoras de organização sociocultural, moral e sexual. Daí o caráter histórico da feminização da cultura, fenômeno da modernidade, localizado em conformidade

com determinado grau de abertura política e de expressão. Fenômeno este, que provavelmente, não ocorreu nos regimes totalitários como o fascismo, que revelou-se misógino, homofóbico e preconceituoso em todas as direções.

Apesar de na modernidade curitibana verificar-se um grande investimento na codificação dos comportamentos cotidianos; paralelamente pode-se observar um processo crescente de individualização em que os sujeitos são levados a se perceberem como protagonistas de sua própria história e da política. O desenvolvimento dos movimentos feministas é esclarecedor nesse sentido. Com maior ou menor intensidade, ou ainda, com maior ou menor grau de consciência, as mulheres perceberam e questionaram a normatização de uma existência que era proposta sob uma forma ideal — mesmo ao se aproximarem deste ideal, as mulheres o transformaram.

A análise histórica da feminização da cultura, considerada no processo de modernização da cidade, sugere um alargamento temático e novas incursões metodológicas em relação aos "estudos de mulheres", pressupondo as diferenças entre masculino e feminino como construções culturais num contexto relacional. Hoje, esse é o entendimento proposto principalmente pelas teorias feministas, instrumentalizadas pelo uso da categoria do gênero. Esse tema traz algumas dificuldades, em se considerando a experiência das mulheres, instaurando um paradoxo. Afinal, mostra que, se elas sofreram exclusões, como apontam os estudos já realizados, simultaneamente tiveram um aumento de visibilidade e participação sociocultural, na medida em que a entrada das mulheres em cena transforma a cultura masculina, em maior ou menor proporções.

A entrada das mulheres na esfera pública teve como efeito a feminização da cultura, mesmo não sendo um fenômeno calculado e racionalizado. Explicando mais detidamente: as trabalhadoras trouxeram novas reflexões sobre o mundo do trabalho e sobre os direitos sociais de todos os cidadãos; a atenção ao gosto feminino redecorou os ambientes para melhor recebê-las; uma multiplicidade de serviços surgiu em função da presença das "mulheres modernas", como os bufetes com entrega à domicílio, lavanderias, confeitarias e escolas; o linguajar dos homens passou a ser mais contido na presença das senhoras; a riqueza de detalhes passou a

compor os trajes masculinos, novidades nos produtos para o asseio e higiene corporal passaram a ser consumidos por todos; o refinamento dos gestos e a delicadeza tornaram-se condição *sine qua non* de civilidade.

O tema da feminização da cultura valoriza as maneiras femininas de fazer, pois estas deram conta de inserir a marca feminina na cultura ocidental, mesmo que aparentemente de forma muito sutil, não só escapando ou resistindo às normas, mas reelaborando os parâmetros masculinos edificadores da nossa cultura. Tomando atitudes afirmativas, as mulheres públicas – evidentemente pensando numa acepção contemporânea do termo –, manifestas ou anônimas, desafiaram códigos, driblaram leis, conquistaram seus espaços e seus amores, criando sua própria lógica e invertendo as idéias dominantes. Este trabalho é um elogio às mulheres, é a história da positividade de suas atitudes cotidianas, pois enfatiza traços cuja sutileza pode esconder, mas não negar, a feminização da cultura na *Belle Époque* curitibana.

Para trabalhar com a hipótese de que a sociedade não é fruto de uma construção de gênero unívoca, mas resultado de uma forma específica de inscrição dos sujeitos sexuada nos discursos, cabe reverter a maneira de pesquisar e narrar os acontecimentos. Isso requer um outro olhar, predisposto a trazer à tona a dimensão feminina da constituição sociocultural das sociedades, observando seu feminizar, ou seja, a tomada de qualidades, modos, significados e características femininas na sua construção, conforme pôde revelar a pesquisa empírica.

O primeiro capítulo, *A feminização da cultura*, apresenta a problemática pesquisada e as hipóteses que foram trabalhadas. No subitem *Gênero, epistemologia feminista e a feminização da ciência* traz a proposta teórica que orienta a pesquisa, centrada no uso da categoria gênero e nas discussões da epistemologia feminista, questionadoras dos parâmetros edificadores do pensamento científico corrente.

O capítulo 2, *Mulheres, Modernização e Civilidade: a urbs se feminiza!* demonstra como o processo de modernização da cidade de Curitiba, entre 1890 e 1930, foi permeado pelo ideal da civilização, que articula ordem, progresso, refinamento de hábitos e docilização dos costumes, apontando a relação entre "civilizar" e "feminizar". A cidade ideal é feminina, pois, valorizou-se a delicadeza,

a suavidade, a domesticidade, o que significa uma apropriação das características então naturalizadas como femininas na sua construção cultural.

No capítulo 3, *O cultivar dos corpos: movendo as fronteiras*, explicita-se tanto a vontade de moldar quanto a de modernizar os ideais de gênero, numa extensa rede discursiva — constituída por médicos, pedagogos, psicólogos, intelectuais e demais divulgadores. Essa rede é tecida em torno da problematização das práticas corporais, visualizando a tentativa de fixar relações pautadas nas diferenças binárias entre os sexos, originária de entendimentos essencialistas, deslocadas para o campo da moralidade. No subitem 3.1, *Sexualizando e ressignificando comportamentos*, vêem-se tanto a normatização e a reiteração dos discursos, como as ações questionadoras que impulsionaram transformações.

No capítulo 4: *Maneiras femininas de fazer: ações afirmativas*, verifica-se, para além do revés da norma, a multiplicidade de papéis socioculturais das mulheres que nas suas atitudes cotidianas em relação ao trabalho, ao amor, aos espaços públicos e privados publicizaram suas opiniões e obtiveram conquistas, destacando-se no cenário da modernização de Curitiba. Feminizando a cultura com o seu pensar, criaram entendimentos sobre si, extrapolando as tentativas de disciplinarização dos comportamentos, com estratégias específicas e maneiras femininas de fazer que contestam a unilateralidade da construção cultural.

No capítulo 5, *Filantropia e coquetismo: artes femininas de fazer*, elegi duas figuras bastante polarizadas: as "damas de caridade" e as "coquetes", para mostrar como — cada qual a seu modo — desenvolveram maneiras de inserção no espaço público, trazendo novas percepções sobre as relações entre os gêneros. A filantropia, em Curitiba, impulsionou mulheres das elites e de outros setores a saírem às ruas, buscando formas de negociação, gerenciando dinheiro, formando opiniões e uma consciência de gênero. Organizando campanhas, bailes e encontros para arrecadar fundos, grêmios e associações geridos por mulheres, foram responsáveis pela construção e manutenção de instituições de atendimento aos menos favorecidos, como a Maternidade Paranaense e o Asilo São Luiz. Entendida para além da mera extensão das atividades domésticas, a filantropia proporcionou às curitibanas novos campos de ação e inserção pública, apresentando as maneiras femininas de gerenciar

o social. Para Michelle Perrot<sup>1</sup>, esta prática pôde representar a descoberta de um mundo novo, o espaço público, impulsionando conquistas futuras.

Por sua vez, o coquetismo simbolizava a rebeldia e o *glamour* das primeiras décadas do século XX, pois esta prática era marcada pela sensualidade e avidez pelo moderno. As coquetes conduziam suas vidas de forma totalmente afirmativa, adquirindo independência sobre seus corpos, legitimando comportamentos e aspirações, podendo desenvolver com mais liberdade sua subjetividade — lúdica, erótica e sedutora. Georg Simmel via no coquetismo uma "arte" de si, pela qual a mulher experimentava estratégias e assumia as "regras do jogo" no relacionamento com os homens, não necessariamente pela apelação sexual, mas pela imposição da sua vontade.

Filantropia e coquetismo apresentam, pois, duas dimensões da experiência feminina que ampliaram seus domínios, feminizando a cultura com suas maneiras de agir.

*Mulheres modernas: usos e costumes*, sexto capítulo, mostra a feminização da cultura através do uso dos objetos e da moda. Longe de serem considerados como temas menores, o consumo, os usos e costumes e suas transformações traduzem signos modernos que denotam maior liberdade de movimento e visibilidade às mulheres. Além disso, as inúmeras novidades modernas desencadeiam mudanças na vivência consigo, construindo singularidades, territorializações e marcas do eu. São documentos para a pesquisa histórica, sobre as formas pelas quais os indivíduos se colocam diante de si, do outro e constroem as relações sociais. Domínios de um cotidiano ainda pouco explorado, os objetos e seus usos estão entrelaçados às mudanças, aprendizados, desenvolvimento de hábitos, costumes e tradições que denotam a feminização da cultura.

---

1 PERROT, M. Sortir. In: DUBY, G. et PERROT, M. (org). *Historie des femmes. Le XIX siècle*. Paris: Plon, 1991.

## 1. A feminização da cultura

Em "A evolução do feminismo", livro concluído na década de vinte e publicado em 1933, a escritora feminista Marianna Coelho, portuguesa radicada em Curitiba, afirmava a importância da presença das mulheres na sociedade, como participantes ativas na organização social e cultural. Exaltando as características femininas, a poetisa, educadora e colaboradora de vários jornais, propunha que as mulheres rompessem ainda mais as fronteiras do espaço doméstico para atuarem, em conjunto com os homens, na elaboração das leis, na produção cultural e na esfera política.

Entendendo o feminismo como um movimento "humanista", fundamentado nos conceitos de "justiça social" e "igualdade" entre os sexos, a narrativa denota a vontade explícita em fazer valer as potencialidades femininas. Para ela, as mulheres deveriam exercer funções diferentes das tradicionalmente estabelecidas, chegando a afirmar que o progresso, tão almejado na época, só seria alcançado mediante a "conquista da igualdade dos sexos":

*A vida atual, com todos os seus males, e bens, que a guerra mundial nos legou, impele a mulher a alargar a sua esfera de ação fora do tradicional acanhamento da vida doméstica. Ela é hoje chamada a deveres sociais diferentes e inadiáveis pela urgente luta, que tem de sustentar, fazendo assim concorrência ao homem e por uma verdadeira cadeia de diversos elos — que partem desse forte impulso, se foi acelerando e desenvolvendo o movimento mundial que tão fortemente agita o sexo feminino e se denomina: *Feminismo*.<sup>2</sup> [sem grifo no original]*

Alguns anos antes, o filósofo-sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) iria inspirar-se no movimento feminista para refletir sobre as diferenças entre os sexos, acreditando que o feminismo influenciaria o futuro da humanidade de maneira mais profunda e positiva do que a própria questão operária. No texto "A

---

2 COELHO, Marianna. A Evolução do feminismo. Subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna S.A., 1933. p. 15.

cultura feminina"<sup>3</sup> (1902), em que vislumbra uma maior contribuição das mulheres à cultura, Simmel antecipa a ansiedade de Marianna Coelho e de tantas outras feministas das primeiras décadas do século XX, indagando: "*produzirá a liberdade que as mulheres buscam novas qualidades culturais?*"

Vivendo em pleno *fin-de-siècle*, Simmel problematiza, entre outros temas de sua época, as relações entre homens e mulheres. Para ele, a cultura ocidental é cindida em "cultura objetiva", relativa aos resultados materiais, concretizados objetivamente, e "cultura subjetiva", que diz respeito aos sentimentos e emoções que constituem a subjetividade. A esta cisão ele atribui um caráter sexuado. O filósofo criticava a modernidade capitalista e a cultura "dividida" sexualmente, fazendo uma analogia entre cultura objetiva e masculinidade e cultura subjetiva e feminilidade. A cultura pautada no ideal do progresso e nas relações capitalistas mediadas pelo dinheiro carregaria a marca da masculinidade, porque estaria adaptada à capacidade de produção do homem, excluindo o outro sexo. Percebendo nos movimentos de mulheres uma imensa capacidade transformadora, o filósofo inquietava-se ao ver os traços da produção feminina restritos a um único "domínio": o espaço doméstico.

Na sua opinião, as profissões e a cultura como um todo só teriam a ganhar com a participação ampliada das mulheres, indo além do elogio à técnica, para uma mudança de sensibilidade no desenvolver das atividades humanas. Marca-se aqui um distanciamento entre a análise proposta nesta pesquisa, que visa focalizar as diferenças de gênero enquanto construtos culturais e o pensamento de Simmel. Embora este levante questões salutares — inclusive tomadas como ponto de partida para indagar sobre a participação simultânea dos gêneros na sociedade da modernidade —, o filósofo sujeitava a diferença entre homens e mulheres à "essência" de cada sexo. Não obstante, sua leitura metafísica não o impediu de ser um dos primeiros teóricos a argumentar a favor da importância do movimento que se fazia premente na época em todo o mundo, lutando pela emancipação das mulheres: o feminismo. No início do século XX, o autor, que problematizou a cultura feminina na modernidade, fazia um apelo às mulheres para inventarem novas atividades culturais, estendendo seus domínios, indo além da adaptação à cultura formada sob a

---

3 SIMMEL, Georg. Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ótica masculina, para exercitar sua própria lógica, acrescentando e criando, imprimindo à sociedade traços femininos.

Ambos preocupados com a ampliação e a valorização da participação cultural feminina na modernidade, o filósofo Simmel e a feminista Marianna Coelho, testemunha das transformações ocorridas na *Belle Époque* em Curitiba, remetem-nos a algumas reflexões: o que se entendia por "feminino" na modernidade curitibana? O que caracterizava as "atitudes femininas" e como estas interferiam na formação cultural da cidade? O que as ações femininas produziram e legaram de original à sociedade? Como marcaram e deixaram seus traços, neste período de transformação com a modernização da "pequena urbs"? A cultura formada sob a ótica masculina sofreu um processo de feminização com a maior participação das mulheres? Valores femininos foram incorporados?

Poderíamos perguntar porque revisitar o passado a partir destas questões, ou ainda, qual a sua importância e atualidade? É interessante observar que, apesar das inúmeras conquistas dos movimentos feministas e de um conjunto de atitudes de mulheres que em muito transformaram a história do mundo — trazendo outros olhares e rupturas para uma série de significações existentes em nossa cultura —, ainda nos encontramos num patamar de des/igualdade entre os gêneros que deixa muito a desejar. Basta observar que na IV Conferência Mundial da ONU sobre a mulher, realizada em Beijing, China, 1995, foi aprovada uma "Plataforma de Ação Mundial - PAM", para o avanço das mulheres. Em junho de 2000, em New York, realizou-se outra conferência, Beijing+5, para avaliar a implementação da PAM, compromisso firmado por 197 países, incluindo o Brasil. Tais assembléias demonstram a necessidade ainda presente de eliminar todas as formas de discriminação contra a mulher, promovendo políticas públicas para a igualdade de gênero e os direitos das mulheres como direitos humanos, diante de fenômenos mundiais como a feminização da pobreza e o aumento da violência exercida contra as mulheres<sup>4</sup>.

---

4 Jornal Fêmea, n.º 89. Brasília: CFEMEA, 2000. Articulação de Mulheres Brasileiras. Políticas Públicas para mulheres no Brasil: Balanço após Beijing. Brasília: AMB, 2000.

A história vista pelo olhar das mulheres tem mostrado que as atitudes femininas de reelaboração e rompimento de barreiras entre os sexos tiveram consequências tanto nas questões mais práticas, quanto no plano simbólico, desconstruindo a cronologia de uma organização social feita a partir da ótica masculina. Nesse sentido, valeria enveredar pelas discussões trazidas pela busca de uma forma de produção do conhecimento especificamente feminista, tal como vem sendo debatida nos meios acadêmicos.

A historiografia brasileira dedicada aos estudos sobre mulheres na virada do século XIX para o XX tem partido de um ponto comum: a crítica à marginalização ou a exclusão dos sujeitos "mulheres" da História. Preocupa-se em mostrar que estas entraram em segundo plano nos processos sociais, afirmando sua vitimização. Aponta, nesse sentido, para duas principais vertentes: a análise dos processos de normatização, ou dos mecanismos de poder que impunham papéis, definindo lugares de ação permitidos às mulheres e excluindo-as de qualquer possibilidade de intervenção no espaço e no pensar público, presumindo a construção de um mundo exclusivamente masculino e opressor. Na outra vértice, vê-se o resgate da participação feminina pelo engrandecimento das vidas extraordinárias de algumas mulheres, cujas trajetórias subverteram a lógica da opressão e do controle através de práticas questionadoras, mesmo que no microcosmo da vida social.<sup>5</sup>

---

5 Sobre esta questão ver: MATOS, M.I.S. de, e SOLER, M. A. (org.). Gênero em debate. Trajetórias e perspectiva na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997. Entre as principais referências destas vertentes teóricas na historiografia brasileira estão as seguintes pesquisas: DIAS, M. O. L. da S. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984. LEITE, M. M. Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. RAGO, M. Do cabaré ao lar. A Utopia da cidade disciplinar, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. CUNHA, M. C. O espelho do mundo. Juquerv. a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. ENGEL, M. de A. Meretrizes e doutores. O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988. SOIHET, R. Condição feminina e formas de violência. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1989. ESTEVES, M. de A. Meninas Perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. SAMARA, E. de M. As mulheres, o poder e a família. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1988.

É o caso ainda da produção historiográfica paranaense<sup>6</sup>, voltada para as questões femininas neste mesmo recorte temporal. Em "Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na I República", Etelvina M. de C. Trindade mostra que a participação social das mulheres nunca foi tão requisitada quanto na Primeira República. Partindo da análise da educação feminina e enfatizando as práticas normativas, demonstra o paralelo entre a idealização da mulher-mãe-esposa enquanto uma missão que o período republicano lhe atribuiu e as noções de pátria, ordem e progresso. Em "Mulheres polonesas; 1870-1920", Wilma de L. Bueno aponta a vitimização das mulheres através da construção de estereótipos sobre as imigrantes polonesas, pautada na tríade de preconceitos de gênero, etnia e classe. Cynthia Roncaglio, em "Pedidos e recusas; mulheres, espaço público e cidadania", marca a dificuldade de entrada no espaço público pelas curitibanas, entendendo que apesar de algumas conquistas estas permaneceram muito aquém do exercício da cidadania.

Estes trabalhos, referências importantes, tiveram como preocupação principal fazer a denúncia dos processos normativos e das formas de dominação de gênero, dando menos destaque às outras possibilidades da experiência feminina, isto é, aos momentos de criação de meios e espaços de questionamento das normas pelas mulheres. A partir deles e graças a eles, podemos hoje vislumbrar um segundo momento na historiografia sobre as mulheres no Paraná: uma produção que dê voz às maneiras femininas de fazer com maior insistência.

Este estudo acena para um deslocamento em relação àquela produção historiográfica, uma vez que não focaliza a história das mulheres apenas da perspectiva da normatização, viés que tende a vitimizá-las excessivamente. Visa perceber as diferenças entre homens e mulheres enquanto efeitos de processos de materialização de normas regulatórias; entretanto, observa também a possibilidade de haver entre a imposição de normas e a sua simples reiteração pelos indivíduos espaços de liberdade, onde estes as constroem, reelaboram, desviam e recriam, num processo simultâneo.

---

6 TRINDADE, E. M. de C. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na I República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.  
BUENO, W. de L. Mulheres polonesas (1870-1920). Curitiba: Dissertação, Mestrado, UFPR, 1996. RONCAGLIO, C. Pedidos

Tem predominado, entre os historiadores, uma tendência para analisar o passado percebendo as formas de controle sobre os grupos minoritários, esquecendo-se, muitas vezes, que estes elaboram suas próprias definições e significações do mundo, que não são totalmente passivos, o que levaria a enxergar uma sociedade simplesmente dominada de cima para baixo. Por outro lado, também não se trata de querer heroicizá-los enxergando "resistências" por toda a parte. Trata-se, antes, de perceber a lógica que rege as relações sociais e as formas de comportamento, sobretudo na esfera da divisão sexual, narrando a história das práticas e dos elementos que atuam na sua execução. Ressaltam-se, assim, as maneiras de fazer pelas quais os sujeitos se relacionam entre si e consigo, na singularidade de suas experiências, não só reiterando, mas reelaborando e dobrando a normatividade.<sup>7</sup>

A necessidade de regular condutas e delinear contornos entre masculino e feminino e a exigência da reiteração dessas regras revela um processo dinâmico de atualização, desvendando uma face produtiva, pois, conforme Judith Butler, *"o fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta"*.<sup>8</sup>

Localizado na não conformidade completa à normatização, há um lugar de construção capaz de transformar e reelaborar as materializações reguladoras das maneiras de agir. Em várias ações promovidas pelas mulheres que viviam na *Belle Époque* curitibana, na instabilidade entre a permissão e o veto, vêm-se as possibilidades de, mesmo num fragmento que irrompe no cotidiano, estimularem reflexões, desencadearem polêmicas e reelaborações, provocando insistentemente uma oscilação nas normas e na moralidade masculina, em vigência.

Ao dar sentido a estas ações, articuladas a um ritmo de vida modernizante, percebe-se a interferência das atitudes das mulheres na construção cultural de valores e ideais da nascente "urbs", como o da civilidade e progresso, bem como nas maneiras de fazer tidas como "masculinas" ou "femininas", reestruturando as

---

e recusas. mulheres. espaço público e cidadania. Curitiba: Pinha, 1997.

7 FOUCAULT, M. *História da sexualidade. os cuidados de si*. Vol III, Rio de Janeiro: Graal, 1985.

8 BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". In: Louro, G. L. (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.154.

relações entre os gêneros. Essas atitudes são debatidas e avaliadas sob diferentes prismas discursivos, denotam a repercussão das maneiras femininas de fazer na construção cultural, onde mulheres e homens interagem sendo igualmente produtores das questões significativas na edificação da cidade moderna, refutando atribuir o caráter de unilateralidade à produção da cultura.

Para além da ação consciente dos indivíduos, é possível pensar na constituição de uma nova sensibilidade que tende a incorporar, afirmar e valorizar as dimensões femininas e dionisíacas da cultura tal qual um "processo civilizador", inspirado no conceito de Norbert Elias, no qual as atitudes civilizatórias seriam vistas na sua dimensão feminizadora ao indicar um refinamento dos sentidos e a docilização dos hábitos. Ainda no início do século XX, apesar de inserido no pensamento metafísico, Simmel chamava a atenção para a dimensão subjetiva da cultura feminina, diferenciando-a da masculina, racional, apolínea e objetiva, apostando na resignificação cultural a partir da incorporação da emoção, da cadência, da fluidez e das "cores" femininas na sociedade. Estudando a constituição do capitalismo no século XVI, Werner Sombart, por sua vez, notou como a introdução do açúcar na corte, e com ele um "adoçar" de sensações, resultou da presença cada vez maior das mulheres. Já Piero Camporesi, ao analisar o hedonismo na Europa iluminista, demonstra como os novos perfumes, pratos culinários, cortes de cabelo, vestimentas, enfim, um novo gosto e estilo surgidos com o afrancesamento da Itália traduzem mudanças nos sentimentos e nos comportamentos dos homens. O brasileiro Gilberto Freyre mostra que houve um "adoçamento" da língua portuguesa por causa da influência da ama-de-leite negra. Ela *"fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles"*. O "menino branco" teria aprendido a língua portuguesa ouvindo as vogais mais abertas, característica das línguas africanas, misturadas ao "afeto" das amas-de-leite, resultando no "amolecimento" do idioma falado no Brasil.<sup>9</sup>

---

9 CAMPORESI, P. Hedonismo e exotismo, a arte de viver na época das Luzes. São Paulo: UNESP, 1996. ELIAS, N. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. SIMMEL, G. Filosofia do Amor. São Paulo: Martins fontes:1993. SOMBART, W. Lujo v capitalismo. Madrid: Aliança Nacional Editorial, 1979. FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 517.

## 1.1 Gênero, epistemologia feminista e a feminização das ciências

*"Cada novo esforço em compreender o que foi pensado e feito cria um novo passado e um novo futuro".<sup>10</sup>*

*Andrea Nye*

A chamada "questão das mulheres" desenvolveu-se teoricamente nos últimos quarenta anos, partindo do diálogo entre pesquisa científica e movimentos sociais. A partir de 1960, as reivindicações feministas para a igualdade de tratamento e oportunidades impulsionaram o surgimento de estudos sobre mulheres na academia. Atendendo a esta demanda, as narrativas históricas acostumadas até então a centrar-se num sujeito único, universal e masculino, passaram a perceber a existência de um outro lado, um universo feminino, nas temáticas clássicas do discurso historiográfico, ampliando posteriormente tais temas, desdobrados em novos objetos de estudo.

O desenvolvimento de uma epistemologia feminista, como outra forma de narrar o passado, traz em si a atualidade das questões colocadas pelo próprio objeto de estudo desta pesquisa: a feminização da cultura. A inserção cada vez maior das temáticas que giram em torno das mulheres e das relações de gênero e, mais ainda, um número crescente de pesquisadoras, vêm denotando a existência de maneiras femininas de fazer ciência, ou ainda, a feminização dos saberes. Podemos refletir sobre a feminização das Ciências Humanas e da História em especial, a partir da inserção de novas categorias e temáticas, das maneiras de analisar, eleger o objeto e narrar as experiências humanas sob o prisma das mulheres.

Para Sandra Harding<sup>11</sup>, produzir conhecimentos na perspectiva das mulheres sugere uma crítica às ciências e seus postulados universalistas, que têm privilegiado as necessidades, interesses e desejos masculinos, garantindo uma compreensão parcial das práticas sociais. A epistemologia feminista traria legitimidade à vida das mulheres, pois a toma como ponto de partida, fornecendo elementos diferenciados

---

<sup>10</sup> NYE, Andrea. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995. p.17.

para a fundamentação teórica. Ao invés de "*acrescentar mulheres e gênero*" aos temas e teorias já dadas, propõe-se questionar as verdades, hierarquias e tendências políticas da ciência para alcançar resultados menos parciais e distorcidos, preenchendo um "*vazio*" entre as experiências das mulheres e as construções teóricas dominantes.

Visualizando multiplicidades e descentrando-se do sujeito masculino universal, a categoria gênero instrumentalizou o pensar sobre as diferenças entre os sexos como formas de poder e organização das relações entre os indivíduos. Segundo a historiadora norte americana Joan Scott:

*Os sistemas simbólicos, quer dizer, os modos como as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência (...) gênero é então um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.*<sup>12</sup>

Em contraste com as conotações físicas do sexo e com atribuições essencialistas, o termo gênero vem sendo apropriado, principalmente a partir da década de 90, para teorizar a questão da diferença sexual enfatizando os aspectos socioculturais que a fabricam, reportando-se a um conjunto de relações dinâmicas, para além da demarcação biológica. Esta abordagem preenche uma lacuna teórico-metodológica, levando em conta que a experiência de um sexo tem a ver com o outro, refutando a existência de esferas separadas na tessitura das relações sociais. Desta forma, observa-se a configuração de posições dissimétricas entre homens e mulheres, bem como das mulheres e dos homens entre si, compreendendo também a análise da diversidade étnica e de classe. Instituído outras possibilidades de análise no terreno das relações entre os indivíduos, a categoria gênero vem sendo utilizada dentro de múltiplos referenciais teóricos, entre estes aqueles fundamentados no pós-

---

11 HARDING, S. *Whose science? Whose Knowledge. Thinking from women's lives*. New York: Cornell University Press, 1991.

12 SCOTT, Joan W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: *Educação e realidade*, v.16. Porto Alegre, 1990. p. 11 e 16.

estruturalismo francês, por sua vez inspirado em diversas escolas da psicanálise dedicadas a compreender a produção das identidades.<sup>13</sup>

Este campo analítico privilegia a análise dos processos discursivos, vistos enquanto práticas que se efetivam sobre os sujeitos, porém enfatiza a subjetividade, as "linhas de fuga" e os múltiplos significados agentes na fabricação das identidades. Desnaturaliza determinadas práticas a partir da análise de sua constituição histórica, decodificando uma rede de discursos, saberes e instituições, bem como os momentos de ruptura com esta rede que se instaura enquanto poder.

A categoria gênero não parte de uma variável única, quer seja a dominação masculina, a causalidade econômica, ou a fixação do gênero como forma de identificação inerente ao corpo. Para a teórica feminista Judith Butler<sup>14</sup>, devemos analisar a "*performatividade*" do gênero, revendo as práticas regulatórias que materializam corpos sexuados, sobre os quais o "*construto do gênero é artificialmente imposto*", repensando o processo pelo qual normas corporais são assumidas.

A análise de gênero se insere num plano interdisciplinar, dinâmico e plural. Priorizando os efeitos discursivos, articula múltiplas relações, acionando representações simbólicas, conceitos normativos, a organização social e política, bem como a identidade subjetiva, para compreender como o gênero funciona enquanto um significante das relações de poder. Sob a perspectiva da epistemologia feminista e dos filósofos da pós-modernidade, a categoria gênero rompe com estruturas já consagradas pelo discurso histórico, como a fixidez das identidades, desconstruindo-as para rever arquétipos e estereótipos. Assim, visualiza-se a dinâmica do conceito da "diferença" nas práticas cotidianas, no discurso, no processo de socialização e construção das identidades.

Historicamente, poderíamos visualizar as teorias como aquelas cujos significados são elaborados dentro de afirmativas discursivas feministas e aquelas não feministas. A epistemologia feminista funda-se na dinâmica do conceito da

---

13 SCOTT, J. idem ibid. p. 8.

14 BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". In: Louro, G. L. (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

diferença e na sua pluralidade para promover outras interpretações dos grandes temas históricos, dando sentido às experiências humanas a partir do ponto de vista das mulheres. Permite-se assim ressignificar teorias, sistemas e categorias "*inventadas pelos homens*"<sup>15</sup> e criar mecanismos inéditos, com novos *insights* para a teorização do gênero como elemento organizador da sociedade e da cultura.

Formulando várias faces de um mesmo termo, isto é, enfocando as teorias culturalistas, estruturalistas e pós-estruturalistas<sup>16</sup>, a epistemologia feminista surge como um empreendimento contemporâneo, demarcando um espaço de definição, insistindo sobre a inadequação das teorias existentes para explicar as relações e as diferenças entre os gêneros. Se a teoria se centra na busca de sentidos, então a teoria feminista seria, por seu interesse fundante, descobridora de maneiras que dariam sentido às experiências que giram em torno das questões de gênero, pois somente ela pode revelar com êxito os desígnios de um pensar sexista. Portanto, requer a feitura de uma narrativa histórica que não trate futilmente a problemática da desigualdade e nem argumente pela inclusão simbólica nas condições masculinas, mas que incursione por novos territórios colocando em evidência outros valores, acionados num processo de feminização do conhecimento reelaborado permanentemente.

Ao criticar a concepção positivista dicotômica razão/emoção na construção do conhecimento, a filósofa Alison M. Jaggar<sup>17</sup> sublinha que a teoria crítica feminista para além da razão se vale também da emoção para determinar a "*seleção de problemas e o método pelo qual são investigados*", contribuindo com o desenvolvimento do conhecimento ao estimular novas respostas "emocionais" para o presente e o passado. Para Jaggar, esta própria dicotomia, transferida à identidade de gênero, associando masculino/razão e feminino/emoção, ligando as mulheres à "*educação emocional*", produziu uma certa eficácia e, ao ser incorporada, proporcionou que desenvolvêssemos uma habilidade extra e especial para reconhecer emoções e compreender sua gênese. A análise política proposta pela

---

15 NYE, op. cit.

16 PEDRO, J. M. \*. & GROSSI, M. P. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

epistemologia feminista acaba incorporando a emoção na construção do conhecimento, pois depara-se a todo o tempo com mecanismos de dominação que provocam sentimentos em torno da exclusão, tendo de compreendê-los tanto quanto "*vislumbrar maneiras mais livres de viver*". Desta forma, segundo Jagggar:

*O modo proposto de construção teórica demonstra a necessidade simultânea e a interdependência de faculdades que nossa cultura abstraiu e separou umas das outras: emoção e razão, avaliação e percepção, observação e ação. O modelo de conhecimento aqui sugerido é anti-hierárquico e anti-fundamentalista; e pode ser adequadamente simbolizado pela radical metáfora feminista da espiral ascendente. As emoções não são mais básicas que a observação, a razão ou a ação para a construção da teoria; mas também não são menos importantes.*<sup>18</sup>

A pesquisadora Sondra Farganis compartilha desta crítica ao "*modelo cartesiano de ciência*", enfatizando o caráter social do gênero. Fatores sociais concretos afetam conteúdo, forma de pensamento, idéias, concepção e compreensão, dando a homens e mulheres perspectivas diferenciadas nestes processos. Inevitável, portanto, que a sociedade "*estratificada pelo gênero*" produza diferentes práticas científicas:

*Distinguindo-se de uma posição essencialista, o argumento é duplo: primeiro, o pensamento é portador das características sociais do pensador e de como essas características são consideradas socialmente; segundo, as mulheres têm experiências sociais do mundo diferentes daquelas dos homens e vêem, portanto, esse mundo diferentemente.*<sup>19</sup>

---

17 JAGGAR, A. "Amor e Conhecimento: A Emoção na Epistemologia Feminista". In: JAGGAR, A. M. & BORDO. Susan R. Gênero, Corpo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 175.

18 idem, ibidem, p. 180.

19 FARGANIS, Sondra. "O Feminismo e a Reconstrução da Ciência Social". In: JAGGAR, A. M. & BORDO. Susan R. Gênero, Corpo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 225.

Nesse sentido, a crítica feminista abre o caminho para a feminização das ciências humanas, levando em conta como as mulheres percebem o mundo e como atuam enquanto pesquisadoras, criando maneiras específicas de análise baseando-se nessa percepção. Isto obriga a uma reflexão permanente sobre fundamentos epistemológicos e sobre a ordem social mais ampla da qual estes fazem parte, questionando a solidez e a estabilidade da ordem masculinista, buscando uma nova linguagem.<sup>20</sup>

Também criticando o "(neo)positivismo" científico, conforme denomina Farganis, alguns autores vêem a construção do conhecimento como uma prática discursiva, portanto política e não neutra. Historicizando as dispersões e evidenciando a artificialidade das construções conceituais, teóricos críticos como Foucault, Derrida, Lyotard, Guattari e Deleuze, entre outros, reconceituam a ciência, desconstruindo sua suposta objetividade, o que permitiu fundamentar de maneira mais consistente as teorias feministas.

Nesta perspectiva, esta pesquisa evidencia a feminização da cultura, em Curitiba, entre o final do século XIX e início do XX, analisando a ampliação da participação feminina na construção de novos territórios, físicos e desejantes, organizados por outra ótica que não a masculina, bem como a incorporação de valores, qualidades, modos, significados e características femininas por toda a sociedade.

A categoria do gênero é fundamental para desenvolver este tema, já que pode evidenciar tanto a eficácia das construções culturais que impõem atributos específicos relativos a cada sexo, estabelecendo relações de poder e resistência, quanto as experiências do desdobrar destas especificidades na formação da sociedade. Partindo das relações entre os sexos, refuta a oposição binária que confere somente a um destes a participação no processo produtivo, reiterativo e reelaborador, reivindicando o deslocar das hierarquias e não aceitando como real/natural que toda nossa cultura tenha sido formada dentro de uma única visão de

---

20 Compartilhado desta perspectiva na historiografia brasileira veja-se os trabalhos de DIAS, Maria Odila L. da S., MALUF, Marina, NAVARRO-SWAIN, Tania, PEDRO, Joana e RAGO, Margareth.

mundo, masculina, dicotômica e excludente. Assim, a construção cultural é focalizada através de outras maneiras possíveis de participação, intervenção e influência, valorizando as experiências femininas que emergem com a análise de gênero, pois, mesmo assimilando em maior ou menor grau discursos pautados em diferenças "essenciais", as mulheres fizeram-se presentes, desdobrando-os, com suas próprias maneiras de agir e pensar.

## 2. Mulheres, modernização e civilidade: a "urbs" se feminiza!

*Há vozes que vibram,  
Que vibram no escuro  
E lembram delícias  
de um belo futuro*

Júlia da Costa, 16/05/1907

Quantas vozes vibravam tecendo o cotidiano de mulheres que viviam em Curitiba, na passagem do século XIX para o século XX? De onde partiam estas vozes e que futuro almejavam lembrar? Ao som dos teares na fábrica de tecidos, no burburinho da feira das imigrantes na rua José Bonifácio; em casa, na companhia de um romance, de um bordado, das filhas aprendizes e das costureiras, ocupada com os afazeres domésticos; nas ruas, no bonde, no baile, nas reuniões, na escola, no "meeting", no "team", no cinematógrafo.... enfim! Lá estavam as mulheres vivendo a cidade e construindo-a com suas múltiplas vozes, escapando ao silêncio e reinventando as atitudes.

A cidade se modernizava e as fronteiras entre os sexos se movimentavam ora rompendo, ora reafirmando valores tradicionais numa engenhosa mescla de mudança e manutenção de costumes tradicionais. Modernização, progresso, civilização! Temas diários neste *fin-de-siècle*. A explosão de novidades modernas vinha junto com a aclamação dos padrões europeus de civilidade, despertando nos curitibanos<sup>21</sup> um sentimento de profunda transformação. Em 1853, Curitiba vivera a transição de Província da Comarca de São Paulo para Capital do Estado do Paraná, o que lhe conferia um outro *status*. Apesar de ser ainda uma cidade relativamente pequena, era elogiada por sua "paisagem social" singular, graças às qualidades de sua população "*ordeira e afanosa, caldeada pelo sangue de raças diversas*".<sup>22</sup>

---

\* Estão entre aspas os termos do vocabulário de uso corrente na época, presentes nas fontes pesquisadas.

21 Curitibanos e curitibanas: estes termos são aqui utilizados para designar de forma generalizada os habitantes de Curitiba, compreendendo a multiplicidade étnica, de gênero e classe.

22 Pátria e lar. O Município. n.º 5 e 6. Curitiba, Novembro e Dezembro de 1912. P. 12/13.

As fontes pesquisadas bem como a historiografia paranaense recente demonstram a singularidade da enorme dimensão que os ideais civilizadores burgueses tiveram na configuração da cultura e das experiências de grupos e indivíduos em Curitiba. A historiadora M<sup>a</sup>. Inês M. de Boni (1985) ressalta que segundo a opinião geral da imprensa e de acordo com dois dos mais importantes historiadores paranaenses da época, Romário Martins e Rocha Pombo<sup>23</sup>, *“estariamos frente a uma cidade onde se encontrava concretizado o projeto político da classe dominante, a civilização. Nela encontramos democracia, cultura, virtudes, beleza, bem-estar, confraternização, movimento, trabalho, lazer, enfim, ordem e progresso”*.<sup>24</sup> Ao tratar dos conflitos que envolveram as políticas de incentivo à imigração e as medidas de controle e segurança no Paraná em meados do século XIX, o historiador R. Edgar Lamb também demonstra a identificação das elites com os ideais de progresso e civilização: *“sabemos que a proposta das elites prescrevia uma convivência pacífica e a harmonia social, ambas necessárias ao sucesso da empreitada civilizadora (...)”*<sup>25</sup>.

A vontade de civilizar a "urbs" marca o final do século XIX e o início do século XX em Curitiba. As políticas públicas implantadas pelos prefeitos cujos mandatos atravessaram este período — como os Códigos de Posturas Municipais, leis e medidas políticas — estiveram imbuídas deste ideal, buscando caracterizar a cidade como civilizada e moderna. Sempre que possível estabeleciam-se diferenças em relação aos outros centros urbanos nacionais, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, a fim de qualificar a "pequena urbs" como "terra do futuro". Hoje tem-se como referência da capital do Paraná as qualidades de cidade de vanguarda e moderna, tanto no campo da urbanização como das artes, da cultura e da educação, embora ainda convivamos com as inúmeras dificuldades inerentes às grandes cidades. Mais do que a resolução dos problemas urbanos, houve desde a sua fundação a construção de um imaginário social em torno da civilidade e

---

23 Rocha Pombo e Romário Martins eram "homens de letras", historiadores, políticos e colaboradores da imprensa curitibana.

24 DE BONI, M. I. M. O espetáculo visto do alto, vigilância e punição em Curitiba 1890-1920. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 14.

modernidade, de forma tão eficaz que sua funcionalidade é percebida até hoje, tanto pelos que aqui vivem, quanto pela imagem que se tem de Curitiba a nível nacional e até mesmo internacional.

Metamorfose urbana. O escritor Leôncio Correia, ao descrever como era Curitiba em 1880, tachava-a de provinciana capital de dois sobrados e duas praças, cidade poeirenta durante a seca e cheia de lama na estação chuvosa, com uma inestética igreja matriz, meia dúzia de ruas – e um "beco do inferno". Descrevera com certa ironia a antiga Curitiba, que ainda vivia às voltas com a precariedade de recursos, serviços e opções de lazer: à noite *"tão timidamente e a tão longa distância namoravam-se os lampiões de querosene"*; às quintas-feiras e domingos assistia-se às retretas em frente ao palácio municipal, executadas pela banda da polícia... *"Mas todas as noites caísse chuva ou geada, houvesse calma ou uivassem os ventos vagabundos, era certa a invariável e monótona orquestra dos sapos (...)"*.<sup>26</sup>

Uma década depois, Curitiba já começava a sentir as mudanças que traziam ao cotidiano citadino uma série de novas experiências. No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, a cidade se reorganizava espacialmente e adquiria feições mais modernas. O progresso enfim traria a *"decadência da república aristocrática dos sapos!"*.

Nas ruas já pavimentadas, viam-se passar bondes e automóveis, homens, mulheres, vendedores ambulantes, trabalhadores apressados, estudantes barulhentos, crianças que colavam seus rostos nas vitrinas das *bombonnières* e se divertiam com os balões de borracha distribuídos nas promoções dos magazines.

Com "intensa e expressiva atividade social", era exaltada a superior distinção do gosto dos curitibanos na arte, na indumentária e nos "espíritos incorruptíveis" de seus artistas e homens de letras, considerados formadores de opinião, em vez de simplesmente reproduzirem de "torna-viagem" o que acontecia em outros centros metropolitanos. Às mulheres curitibanas acrescentava-se a qualidade de

---

25 LAMB, R. E., Uma Jornada civilizadora. imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná. 1867 a 1882. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

26 Leôncio Correia. "A boêmia do meu tempo". In: Ilustração Paranaense. nº6 Curitiba, 1928. p. 9. Leôncio Correia foi escritor, poeta e político ocupando vários cargos públicos no Estado do Paraná.

comunicativas e acolhedoras, além de "chics" e "bem postas" de corpo e alma. Para o escritor Julio Dantas, as sulistas eram diferentes das demais brasileiras — mais independentes:

*Encontrei no Brasil dois tipos diferentes de mulher. A brasileira do sul, "coquete"... mais cosmopolita mais americana, vive, sobretudo, para a elegância e para o prazer. A brasileira do norte, mais portuguesa, mais caseira, mais patriarcal, preocupa-se sobretudo com o lar.(...)*<sup>27</sup>

A presença do "belo sexo" nas ruas da "florescente capital" era uma constante. Mesmo antes de se tornar comum o passeio às compras, o hábito das "elegantes" fazerem o "footing" e a presença das colegiais em direção às escolas, as mulheres já ocupavam este espaço como vendedoras ambulantes, transeuntes a caminho do trabalho ou "carroceiras" abastecendo a cidade. Não eram "marmanjos carroceiros" que a abasteciam com frutas, legumes, verduras, pão e leite, mas charretes, puxadas a cavalo e conduzidas por "*moçoilas, lindas colonas de faces rosadas*", que faziam da pequena urbs uma cidade "*bem amanhecida, recebendo os 'bons dias' de carinhas brejeiras e ... respeitosas*".<sup>28</sup> Aos sábados, o som dos guizos presos aos rocins "gordos e educados" anunciava a chegada das charretes ao Largo da Ordem. O "coração da urbs" tomava ares festivos com a agitação do "*meeting de mulheres*", um amontoado de lenços coloridos e saias longas com listas acima da barra, vindas das "colônias" para vender e fazer compras.

O fato de serem mulheres que abasteciam a cidade não passou despercebido aos cronistas e fotógrafos da época, ao registrarem tais momentos como mais uma peculiaridade que distinguia a capital paranaense de outros centros urbanos. Chamava a atenção o conjunto próprio de maneiras de fazer que imprimia aos sábados uma policromia sem igual, outra noção de tempo, a vibração do burburinho, oferecendo à população "*salutaríssima lição*". Esta lição consistia na percepção da afirmação das maneiras femininas de fazer, visíveis desde o primor da decoração das

---

27 Júlio Dantas. "A mulher brasileira". In: Ilustração Paranaense. n° 2 Curitiba, fevereiro de 1928. p. 14.

28 Hermes Fontes. "A cidade sorriço". In: Ilustração Paranaense. n° 1. Curitiba, janeiro de 1928.p. 22.

"carrocinhas", na "educação" dos rocins, até na negociação das compras, pois, não as faziam "a galope, na aflição e atropelo". O comércio da região dava grande importância à "típica freguesia colonial", tendo como tradição adotar um atendimento especial em virtude das freguesas exigentes e sem pressa para comparar, discutir e pechinchar. Especializados em atendê-las, "empregados escolhidos a dedo" desciam das prateleiras às derrubadas armarinhos, roupas, sapatos, secos e molhados. Ouvia-se de longe, por "horas a fio", a mistura dos idiomas junto aos balcões onde as jovens e senhoras "mexedicas e tagarelas" negociavam a fim de economizar qualquer tostão, denotando inclusive sua responsabilidade na economia doméstica-produtiva em que estavam inseridas.

A heterogeneidade étnica trazida pela presença da imigração alemã, italiana, polonesa, francesa, suíça, inglesa, entre outras, aparentava para os cronistas uma "paisagem social única", fazendo de Curitiba a "cidade mais típica do Brasil", pois, nos arredores da área urbana, banhados e colinas eram transformados em "logradouros de trabalho alegre". Entretanto, os imigrantes nem sempre foram vistos com bons olhos. Sobre estes recaíam preconceitos: "preguiçosos", "doentes", "bêbados". Sinônimos de novos braços para trabalhar, a antítese também era considerada verdadeira, pois, quando inseridos no mercado de trabalho, passavam a "perigosos anarquistas" e "arruaceiros".<sup>29</sup>

De acordo com Wilma de L. Bueno, apesar das várias atividades que desempenhavam, como lavadeiras, carroceiras, vendedoras, costureiras, criadas e operárias, além da eventual chefia da família, as mulheres imigrantes, principalmente as polonesas, tiveram uma imagem estereotipada veiculada pela imprensa:

---

<sup>29</sup> Sobre esta questão ver: De BONI, op.cit. e LAMB, op.cit.

*Grande parte dos jornais e revistas da época exploraram a imagem da mulher imigrante polonesa como sendo pobre, infeliz, criada doméstica, atrapalhada, arruaceira e outros atributos. Somou-se a essas idéias um sentimento jocoso, sugerindo possibilidades alternativas, principalmente ao homem casado infiel, desejoso de novas aventuras.*<sup>30</sup>

Contudo, apesar do reforço às imagens preconceituosas, ainda de acordo com W. de Lara, as imigrantes polonesas foram responsáveis pela introdução de "novos costumes na sociedade curitibana":

*Ofereciam os produtos em domicilio, trazendo conforto para as famílias citadinas; condicionaram as famílias urbanas a manterem duas criadas puxando água dos chafarizes, substituindo o antigo costume de servirem-se dos pipeiros; supriam a cidade de mão-de-obra para os trabalhos informais, que raramente ou pouco foram notados; ocuparam o Largo da Ordem e a rua José Bonifácio na condição de freguesas de artigos especializados; moldaram a cidade de dinamismo trazendo a imagem da mulher alegre, camponesa e trabalhadora.*<sup>31</sup>

No burburinho da José Bonifácio e nas cotidianas atitudes afirmativas que estas mulheres tomavam para si considerando suas próprias vontades, as imigrantes garantiram seus espaços incorporando-se à cidade e fazendo incorporar suas maneiras de fazer à feição da "urbs". Foi o caso de "Josepha", uma moça de origem polonesa que não se deixou abater pelos preconceitos, criando suas estratégias para poder casar-se com quem queria. O pai do pretendido em questão era contra o casamento, e, em 1899, João Theodoro Calass recorreu à polícia para comunicar sua oposição à decisão do filho, Francisco, de casar-se com uma "polaca". Josepha reagiu:

---

30 BUENO, Wilma de Lara. Mulheres polonesas (1870-1920). Curitiba: Dissertação, Mestrado, UFPR, 1996. p. 99.

31 Idem ibidem. p. 150.

*Sabedora esta do fato, foi igualmente à polícia e só para declarar, a vista de Theodoro, que de fato namora a nove meses a seu filho. Com grande escândalo para o pai queixoso, ela a sua vista batia com a mão no peito e exclamava repetidamente: - Sim, amo, adoro o Chiquinho desde nove meses! (...). E como Josepha fizesse certas declarações comparecerá a polícia para indagações.<sup>32</sup>*

Dias depois, o jornal Diário da Tarde anunciava o veredicto:

*Há dias noticiou o fato, aliás, interessante de ter ido à polícia uma moça de 19 anos, Josepha de tal, declarar estar apaixonada (...). O pai de Calass opõe-se até agora ao casamento. O casamento porém realiza-se hoje. Desde manhã andam os dois pombinhos passeando de carro pelas ruas desta capital.<sup>33</sup>*

O casamento entre etnias nem sempre significava um "bom negócio", além disso a união com uma "polaca" poderia ser "perigosa", visto que estas exibiam "ares de liberdade, independência e auto-determinação". É provável que justamente tais características tenham impellido Josepha e tantas outras imigrantes a atitudes tão corajosas para a época, realizando seus desejos, driblando a norma, operando sobre si a conduta que lhe convinha para ser feliz.

Outras mulheres abalavam a chamada tranqüilidade moral do cenário urbano. Eram as prostitutas, mendigas e desordeiras, as "mulheres perdidas". As "mariposas" eram alvos privilegiados da moralidade higienista vigente, incumbida de corrigir tais "desvios". Sofriam diariamente a vigilância policial, tendo sido tomadas várias medidas oficiais para afastá-las da região central da cidade,<sup>34</sup> denotando a grande preocupação com a influência que as prostitutas poderiam causar às "gentis senhoritas" e senhoras, visto que anunciavam maneiras mais livres de ser, exageradas nos gestos, vestimentas, linguajar e maquiagens.

---

<sup>32</sup> Diário da Tarde. "Caso Interessante", nº. 16. Curitiba, 7 de abril de 1899.

<sup>33</sup> Diário da Tarde. "Caso Interessante", nº. 18. Curitiba, 10 de abril de 1899.

M<sup>a</sup>. Inês M. de Boni ressalta que as mulheres ocupam a maior estatística das prisões por infração de cunho "moral" entre 1890 e 1920, detidas por *"turbulência, desordens, embriaguez, vadiagem, ofensa à moral"*, entre outras contravenções. A autora conclui que, "em Curitiba, muito pouco se atentava contra a moral pública".<sup>35</sup> Embora os dados possam demonstrar *"imprecisão classificatória de comportamentos"*, *"dissimulação do que realmente se estava reprimindo"* e o mascaramento da realidade social, estes compreendem um número mínimo de indiciados por prostituição.

Cáftens, prostitutas, jogadores e ébrios eram categorizados como "desordeiros", "vagabundos", "viciados" ou "depravados", constituindo-se inimigos da ordem. Vistos como criminosos, os "agentes" do jogo, meretrício, "desordem" e "vadiagem" sofriam as ações repressivas de toda a comunidade. Autoridades sanitárias, policiais, políticos, cidadãos e cidadãs dispuseram-se a favor de uma "cruzada moral", denunciando, exigindo e propondo "providências necessárias". Apesar das tentativas de idealização do espaço urbano como "limpo", "ordeiro" e "familiar", mulheres cujas condutas eram consideradas desviantes resistiam às "ações moralizadoras" e não deixavam de atuar nos bares, botequins, "clubs", "casas de tolerância", "casas de tavolagem", "lupanares", hotéis e "pensões de mulheres".<sup>36</sup>

Durante todo o período pesquisado houve a preocupação com o afastamento dos locais de "meretrício e vício" da região central da cidade. Apesar do incômodo, as casas "licenciosas" e "promíscuas" permaneceram, como permanecem até hoje, em pleno centro da cidade. Em 1911, Gastão Faria criticaria os "Caminhos da perdição":

---

34 Os "Códigos de Posturas" municipais previam nos seus artigos o afastamento dos bordéis do centro da cidade.

35 De BONI, op. cit. "abstraídas as prisões e processos sobre raptos e defloramentos." p.121.

36 TOKARSKI, C. R. & FEITOSA, S. Contradições de uma sociedade: condutas desviantes e prostituição em Curitiba, de 1910 a 1916. Monografia, UFPR, 1988. Este trabalho aponta tanto para as estratégias de vigilância quanto para a resistência da prática da prostituição em Curitiba.

*Em toda parte aumentam, dia a dia, as hediondas casas de taboagem, onde o homem, esquecendo-se de que tem mãe, esposa, filhos, se entrega, braços abertos ao vício e a degradação(...) envenenados pelos vapores alcóolicos corrompidos pela libertinagem desenfreada (...). E essas mulheres possuem tal arte, tal jeito, para seduzir o homem que ele, não podendo resistir às suas tentações, esquece o sentimento de dignidade para pensar na sedutora.(...)<sup>37</sup>*

Demonstrando a continuidade tanto da prática da prostituição quanto do inconformismo e regulação em torno dela, outro artigo, publicado na Gazeta do Povo mais de uma década depois, em 1924, aponta as mesmas queixas, ou seja, o aumento dos "lupanares", "sob os olhos da infância ... ao lado das nossas residências":

*Os lupanares aí estão, com suas portas abertas, mostrando o vício em toda a sua realidade.(...) O número de lupanares, suplanta o números de escolas existentes em nosso meio, quer dizer que o vício triunfa sobre a instrução (...).*

*Não queremos com estas considerações afivelar no rosto uma máscara de moralista que a época não comporta, queremos sim que a nossa população se veja livre dessa praga que infesta nossa capital, afastando-a do seu centro.<sup>38</sup>*

O "movimento prodigioso do progresso" modificara a paisagem de "natureza exuberante, doce e maternal" da Curitiba de outrora, trazendo consigo uma série de problemas urbanos que não cabiam no tão difundido ideal civilizador. O escritor Lúcio Pereira lembrava com nostalgia dos "idos tempos" aplacados pela civilização:

---

37 FARIA, Gastão. "Caminhos da perdição". In: Diário da Tarde, 25 de outubro, 1911, p. 1.

38 Gazeta do Povo. "A Evolução da nossa metrópole. Providências necessárias". 14/02/1924.

*(...) a encantadora provinciana de 1870-72, com sua simplicidade angélica, coroada na primavera de flores de pessegueiros, de macieiras e ameixeiras, hoje quase ocultas aos nossos tempos olhares pelas construções que se erguem onde então só existiam cercas, muros e quintais! (...) Na risonha quadra que lembramos, ainda não tínhamos telégrafo elétrico, nem bondes, nem estrada de ferro, nem iluminação elétrica, nem Passeio Público, nem imprensa diária.<sup>39</sup>*

Com o rápido vaivém urbano surgiram edifícios, ruas pavimentadas, o comércio das vitrinas, as fábricas, as ilustrações nas revistas e as novas modas. Curiosos e sedutores, objetos e engenhocas surgiam a cada dia. O trabalho se reorganizava com as "indústrias", os espaços ganhavam novas cores e formas com as recém-chegadas inovações arquitetônicas, incluindo a *art nouveau*, primando pela delicadeza nas linhas, pelos motivos florais e femininos.

O aumento do comércio também contribuiu para o aparecimento de uma nova paisagem urbana. Novas edificações e vitrines coloridas instalavam-se ao redor da Praça Tiradentes e do Paço Municipal, inaugurado em 1916, onde se concentravam as lojas ditas modernas, tanto por oferecer os últimos lançamentos da moda européia, quanto pela "*arquitetura suspensa por traves e colunas de ferro, rasgadas por amplos vãos envidraçados*"<sup>40</sup>. Eram os signos modernos representando os maiores desejos do *fin-de-siècle*: progredir, modernizar e civilizar! Também surgiam novas maneiras de ver e fazer as coisas, de relacionar-se com a cidade, com as pessoas e perceber suas diferenças.

Entre tantas novidades que a modernização aproximava da população estava a pluralização do convívio entre homens e mulheres. Trabalho, lazer e comércio proporcionavam convivências para além do espaço doméstico. Com as mulheres adentrando cada vez mais na esfera pública, todos viviam intensamente o despertar da cidade.

---

39 PEREIRA, Lúcio. *Contos paranaenses*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896. p. 61/63.

40 Paraná Moderno. *Comércio Progressista*. Nº 8. Curitiba, 15 de janeiro de 1911.

Engenhosa novidade, o cinematógrafo encantava os olhos e proporcionava a "ilusão da viagem". A historiadora Angela Brandão revela que, através dos "films", Curitiba "respirava os ares do mundo", sentia-se cosmopolita. As mulheres eram assíduas freqüentadoras das sessões cinematográficas, que aconteciam em diversas casas de diversão como o Coliseu, Édem, Central Park, Smart, Mignon, Teatro Hauer, Teatro Guaíra e Teatro São Theodoro, que prometiam entretenimento familiar e agradável espetáculo maquinico. Igualmente novidade, o feminismo gerava debates no mundo todo, e como não poderia deixar de ser, alguns filmes, certamente de tom humorístico, eram inspirados nessa temática. "Mulher eleitora", "Mulheres policiais", "Domesticando um marido", "Astúcia de mulheres"<sup>41</sup>, são exemplos de "*films*" cujos enredos discutiam a tão propalada emancipação da mulher, colocando em pauta a discussão sobre as novas posturas femininas, apesar dos desfechos provavelmente terem tendência moralista.

Um episódio interessante aconteceu nos cinematógrafos em 1911, delineando uma disputa do espaço entre homens, mulheres e seus chapéus. Em voga no momento, os "enormes chapéus", importados dos grandes centros da moda européia, Paris, Milão, ou confeccionados pelas chapeleiras em Curitiba mesmo, eram indispensáveis às "elegantes". Tais acessórios, alguns "adornados carnavalescamente", causavam imensa dificuldade à visão nos cinematógrafos. A imprensa declarou guerra aos incômodos complementos de traje, publicando sátiras e protestos dirigidos às senhoras, tal qual esta poesia que vinha acompanhada de um desenho caricato<sup>42</sup>:

---

41 BRANDÃO, Angela. A Fábrica de Ilusão. O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba. 1905-1913.

42 Paraná Moderno. nº 14. 26/02/1911. p. 3.

*Como tudo está mudado  
Nesta terrinha dos meus!...  
Ali vão de braço dado  
Duas cantoras, Santo Deus!*

*Esses Colossos de palha  
São uma praga e da pior,  
Pois cada vez mais se espalha,  
Cada vez fica maior.*

*A saia em baixo é uma peia,  
O corpo parece um pião.  
Na cabeça – ó moda feia!  
Um balaio, um chapelão*

*Há uns que lembram um quiosque,  
Tem de tudo o que se queira...  
Outros parecem um bosque,  
Cada pluma é uma aroeira.*

*Que até parece uma horta  
De verdura – as vezes tem:  
Feijão, fava, ervilha torta  
Tomate e abóbora também.*

*No teatro, então, é um espanto!  
Em frente tendo-se algum,  
Si há canto – ouve-se o canto,  
Do mais, se fica em jejum.*

As "elegantes senhoras" não quiseram dar o "braço a torcer", resistindo o quanto podiam a despojar-se dos adornos. A polêmica se estendeu durante semanas em que os ataques aos chapéus tornavam-se ainda mais ácidos. No entanto, a questão posta não se resumia à "afetação" frívola da moda, a resistência na permanência dos chapéus mostrava estar em jogo a autonomia de escolha e a insubmissão aos críticos.

Foi então uma mulher, a respeitada conselheira de moda Madame Charlotte, quem pôs fim à discussão, "*passado movimento de amor-próprio (ofendido?)*" que impelia as senhoras a sustentarem os chapéus ante as severas críticas:

*Já se vai bem delineando a linha de mutuas concessões e de respeito devido á sociedade, pela quase que completa abolição dos grandes chapéus nos teatros.(...) Vem a sã razão dominar a cena e dar aso a que todos aplaudam o gesto do bom gosto que se difunde do belo sexo, quando surge soberano nas platéias cultas, com simples, e por isso mesmo, elegantes e vaporosos adornos. Os centros chiques de Paris,*

*Viena, Berlim e Milão instituíram, há pouco, a lei lógica e bem aceita por todas as elegantes, da abolição completa nos teatros de toda a enorme série de chapéus. E como havia uma séria objeção de todo o mundo feminil que exigia uma substituição imediata, surgiu o invento (...) dos gorros e das toucas.*<sup>43</sup>

Qual senhora elegante discutiria com Madame Charlotte? A eficácia da sua coluna, "Nas regiões da moda" do jornal Paraná Moderno, comprovava-se nas ruas, onde eram reproduzidos com "a rapidez do relâmpago, as idéias, os conselhos e as ponderações", conforme mostra a carta de uma leitora:

*Ainda a pouco lendo o que escreveu a propósito das "toucas" e "gorros" perguntei a mim mesma, não sem ironia, se seria possível conseguir que as nossas elegantes abolissem repentinamente os grandes chapéus, já se vê nos teatros e nas casas de diversão. (...)*<sup>44</sup>

Os cinemas eram a grande atração no lazer das primeiras décadas do século XX, além das "fitas" em si, era o próprio maquinismo dos cinematógrafos que atraía o público, aliás variado, pois tinha um preço acessível, ao menos no Coliseu, parque onde funcionavam além do cinema várias outras atrações como a "fonte iluminada", o "cosmorama", o carrossel e a pista de patinação, o ingresso custava o equivalente ao preço de um jornal diário, 200 réis, ou de um pão com salsicha da padaria do seu Adolfo Müller. A velocidade do "evoluir" urbano provocava uma ânsia por novidades. Os assistentes dos filmes ainda mudos na primeira década do século XX, reclamavam providências, recebendo com euforia a possibilidade de acoplar sons às imagens aliando o fonógrafo ao cinematógrafo:

*(...) Já não é sem tempo para o nosso incessante evoluir. O fonógrafo, o gramofone, o grafofone e todas as máquinas de armazenar e despedir*

---

<sup>43</sup> Madame Charlotte. Nas regiões da moda: "Os gorros e as toucas nas casa de diversões". Paraná Moderno. nº 15 05/03/1911. p. 4.

*sons, são coisa banal, corriqueira e já fastidiosa para o nosso sentido da audição. Por outro lado todas as concepções próprias a desdobrar cenários e pessoas, todos os cinemas que enchem as nossas retinas de luz movimentada, vão caindo do demasiadamente usual e não longe virá o dia em que não impressionará o nosso espírito ansioso de novidades. E essa de que nos dá conta a nota acima virá a tempo oportuno para interessar, com um cunho original, a multidão farta de velharias e que sonha surpresas fantásticas. E já a par das populações dos grandes centros, a de Curitiba, insaciável por tudo quanto demonstre adiantamento se vai aborrecendo desses arcaísmos de alguns dias apenas e exigindo o movimentar ascendente da evolução científica aplicada.*<sup>45</sup>

Surpresas fantásticas! A magia das artes mecânicas e o fascínio pela técnica, exaltavam a perfeição das máquinas que chegavam a ser comparadas aos corpos, tamanha sua funcionalidade, conforme coloca L. F. Lopes Pereira:

*Existia uma verdadeira montagem de um espetáculo da técnica para as massas onde o que está em destaque são exatamente os novos maquinários, que passam a atrair por si mesmos, por seu próprio funcionamento, pela sua engenhosidade e não pelo que são capazes de fazer. (...)*

*O funcionamento dessas novas engenhocas fascinava a população e estabelecia uma utopia de uma sociedade que fosse tão perfeita quanto as máquinas, em uma comparação que chega aos organismos vivos. Era importante fazer com que a população apreciasse tais conquistas, daí o sucesso das exposições.*<sup>46</sup>

---

44 Ninon, la Charmeuse. Crônica sobre a moda: "A propósito de Madame Charlotte". Paraná Moderno. nº 18 26/03/1911. p. 3.

45 Paraná Moderno. nº16, Curitiba, 12/03/1911. P. 4.

46 PEREIRA, Luis Fernando Lopes. Paranismo: O Paraná Inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 60-61.

Ao analisar "O Homem da Multidão", de Edgar Allan Poe, o filósofo W. Benjamin salienta as *"uniformidades de vestuário e de comportamento, mas também uma uniformidade de expressão facial"* que Poe dá à multidão, onde os pedestres movimentam-se maquinalmente, agindo como que acoplados às máquinas, expressando a relação entre a *"selvageria e disciplina"* da era da produção capitalista, conforme mostrara Marx:

*"Toda espécie de produção capitalista... tem em comum," disse Marx, "o fato de que não é o trabalhador que utiliza os instrumentos de trabalho, mas os instrumentos de trabalho que utilizam o trabalhador; mas é só com a maquinaria que esta inversão pela primeira vez adquire uma realidade tecnicamente palpável". Ao trabalhar com a máquina, os trabalhadores aprendem a coordenar seus "próprios gestos no uniforme e incessante movimento de um autômato".*<sup>47</sup>

O corpo ideal aproximava-se da instrumentalidade maquínica, órgãos devidamente cultivados trariam ao corpo humano maior funcionalidade, valor cultuado com o progresso e a crescente industrialização. Denise B. Sant'Anna afirma a existência de uma expectativa médica e empresarial preocupada em conter as perdas físicas e aumentar seu nível de energia, tornando *"o corpo uma máquina funcional e rentável, ou seja, um mecanismo que deve saber produzir, transmitir e transformar um movimento."*<sup>48</sup>

A contenção dos gestos, o controle das emoções e das necessidades biológicas, enfim, a criação de corpos capazes e produtivos, estavam previstos nos desígnios da moral civilizadora curitibana. Porém, havia coletividades e indivíduos que desafiavam padrões. Trabalhadores faziam greves<sup>49</sup>, doentes resistiam às

---

47 POE, Edgar Allan. O Homem da multidão. Porto Alegre: Paraula, 1993. p. 14.

48 SANT'ANNA, D. B. "O corpo entre antigas referências e novos desafios". In: Cadernos de Subjetividade/ PUC-SP, v. 5. São Paulo: EDUC, 1997. p. 275.

49 Sobre o movimento operário em Curitiba ver: Fonseca, R. M. & Galeb, M. A greve geral de 17 em Curitiba, resgate da memória operária. Curitiba: Ibert, 1996.

vacinas, mães cometiam infanticídio<sup>50</sup>, mulheres e homens rompiam estereótipos quanto à masculinidade e a feminilidade. A modernidade presumia as diferenças e o inusitado.

Ao tratar da modernidade, Simmel e Benjamin caracterizaram-na acima de tudo como um momento formado por um conjunto disperso de "*experimentações do novo*". Para estes autores, compreender o "novo" passa por reconhecê-lo como algo que está condenado a ficar velho e desaparecer, marcado por criações e reformulações constantes.<sup>51</sup> O caráter fragmentário da incessante experimentação do novo na modernidade revelava a característica transitória e fugidia das transformações que acompanharam a vida dos habitantes de Curitiba neste período. Sentindo o acelerar do tempo, o encurtar das distâncias, o dia-a-dia da "pequena urbs" em construção, via a ampliação tanto das interrelações e interdependências entre as pessoas quanto das formas de ver e entender o outro, sendo este "outro" muitas vezes representado pelas mulheres.

Partilhando dos espaços públicos trabalhando nas fábricas, no comércio, nas ruas como verdureiras e vendedoras ambulantes de "variadas bugigangas", "alugadas" em casas de família, nos escritórios como secretárias e "assistentes", ministrando aulas e dirigindo as escolas, nas casa de saúde e assistência, telefonistas, costureiras, cabeleireiras, manicures, garçonetes, dançarinas, prostitutas, ou ainda como donas de "quiosques" e "bodegas", e até mesmo administrando os negócios da família, a visibilidade das mulheres não se resumia à sua simples presença na cidade. As crônicas e notícias da época enfocam a peculiaridade das atitudes femininas. Sendo criticados ou apoiados, os atos de "coragem", "rebeldia", "solidariedade", "luta pela igualdade", "emancipação" e "feminismo", são freqüentemente divulgados na imprensa, denotando sua significância enquanto se erguia a "sociedade moderna".

*"É muito próprio das mulheres o sair para verem e serem vistas"*, lia-se em 1890, na coluna "Bric à Brac" da revista Club Curitybano, segundo o pensamento de

---

50 Etelvina Trindade salienta que "nem tudo são sempre flores nas relações entre mães e filhos"; a família estava sujeita a conflitos, intrigas e revoltas, muitas vezes tratadas com violência. No ambiente doméstico a mãe podia ser "um fator de ordem e permanência ou desagregação e desordem". Trindade, op. cit. p. 218-220.

51 FRISBY, David. Fragments de la modernidad. Teorias de la modernidade en la obra de Simmel, Kracauer y Benjamin. Madrid: Visor, 1992.

Manoel Bernardes. Já na primeira década do século XX, o aumento da circulação das mulheres, é apontada como demonstração de "civilidade" no relato de Nestor Vitor, intelectual paranaense radicado no Rio de Janeiro, em visita à Curitiba, sua cidade natal:

*Achávamo-nos por acaso em frente a um grande estabelecimento de fazenda e armazém, onde vi entrarem duas ou três senhoras de distinção.*

*Outra novidade para mim, disse eu. No meu tempo não havia senhora curitibana que viesse às lojas sozinha, para fazer compras a esta hora. Parece coisa insignificante, não é? Mas pode-se medir a civilização de uma terra pela liberdade de movimentos que tenham nela as mulheres. E olhem: vejam que diferença entre o porte dessas senhoras agora e o ar acanhado, profundamente provinciano que elas tinham, em geral há vinte anos atrás.<sup>52</sup> [sem grifo no original]*

Nos discursos que descreviam a cidade, Curitiba era apontada como tendo uma predisposição para a "civilité" e o progresso. Arriscava-se inclusive compará-la aos grandes centros, outras "metrópoles" como Rio de Janeiro e São Paulo, encontrando aqui "qualidades superiores". Em 1928, Hermes Fontes descreveu sua viagem ao Paraná como um "verdadeiro deslumbramento comocional". Na sua opinião, as grandes e pequenas capitais do Brasil eram quase sempre "grandes arremedos do Rio", mas o Paraná era um Estado "diferente", nele "tudo era característico":

---

52 VITOR, Nestor. Terra do Futuro. Impressões do Paraná. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1913, p. 108.

*(...)A terra e a gente, a paisagem física e os horizontes morais, a ética das pessoas e a ética das multidões.*

*Curitiba, por si só, é um exemplo de tudo isso. Topograficamente ou demograficamente é uma cidade "sui-generis", uma cidade toda ela mesma, com seus costumes e seus gostos, suas tendências e simpatias, todos os lances largos e pormenores ligeiros, que possam caracterizar uma "autonomia" no tempo e no espaço. A urbe e a civitas, o desenho urbano e as oleogravuras rurais fixam, na cidade e seus arredores, as maiores belezas do nosso cabedal nativo e do nosso gosto e tendências progressistas. (...)*<sup>53</sup>

Curitiba "*sui gêneris*": sobre essa epígrafe se construiu todo um imaginário sobre a cidade desde o começo de sua metamorfose. Desde o clima às condições geográficas, tudo era peculiar, despontava como cidade moderna, organizada, higiênica e, acima de tudo, civilizada. A "pitoresca capital" sentia-se apta a participar da construção do "grande edifício social" e, mais do que isso, elaborava e encampava uma cruzada civilizacional disposta numa capilaridade operacional que a cada dia descobria novas maneiras de fazer e lugares de ação da civilidade.

Produziam-se discursos entusiásticos em torno da "civilização", mesmo com todas as precariedades que enfrentava-se enquanto "urbs" – problemas com a água, luz, saneamento, moradia, pobreza, etc. A esperança no desenvolvimento, trazida também pelo surto da comercialização da erva-mate, movimentava todos rumo a um futuro redentor. Numa atmosfera quase mítica, curitibanos embarcavam na visão da transformação da "qualidade social" das pessoas e da cidade que parecia estar se desenvolvendo em harmonia. A ordem era civilizar, e isto estava presente em todos os campos da vida urbana.

Para o sociólogo alemão Norbert Elias<sup>54</sup>, é difícil resumir o conceito de civilização, pois refere-se a uma variedade de fatores: "*nada há que não possa ser feito de forma 'civilizada' ou 'incivilizada'*". Além do desenvolvimento tecnológico e

---

53 Hermes Fontes. "*A cidade sorriso*". In: Ilustração Paranaense, Ano II. nº1. Curitiba, janeiro de 1928.p. 22.

54 ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 23.

científico, as maneiras, os costumes, a forma como homens e mulheres vivem juntos e os mecanismos de vigilância e punição impostos sobre estes podem denotar ou não "*civilização*".

No entanto, é possível estabelecer qualidades comuns que levam as atitudes a serem consideradas civilizadas. E mais: é possível tornar-se civilizado, constituir de forma "especial" sua cultura. Nesta intenção, grande parte dos curitibanos empenhavam-se em estabelecer normas para as maneiras, costumes e hábitos, em prol do bom desenvolvimento da cidade civilizada que queriam. Para Elias, o conceito de civilização ocidental, em especial o significado deste para os ingleses e franceses, reflete a consciência que o ocidente tem sobre si mesmo. Sintetiza aquilo que uma sociedade ou grupo acha que tem de melhor em relação ao outro, é um diferencial qualitativo, de caráter pessoal, incidindo diretamente nos sujeitos, pois, é no agir, pensar, vestir, demonstrar, sentir, etc., que se dá a medição do grau de civilidade.

Pode-se fazer um paralelo entre a proposição discursiva para o desenvolvimento de um projeto civilizador e a construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná, em especial para a capital, então próspera economicamente, pois vivia o surto da erva-mate, centralizando sua comercialização, a industrialização e as transformações urbanas. Artistas, intelectuais, literatos, políticos e historiadores, afirmavam as particularidades paranaenses buscando acabar com o isolamento do Estado em relação aos demais. Influenciados pelo positivismo, anticlericalismo e republicanismo, iriam aderir ao "Movimento Paranista", com o objetivo de exaltar, e de certa forma forjar, peculiaridades do Paraná, pautando-se nos seus diferenciais étnicos, naturais e na invenção de tradições, como as lendas primitivistas sobre os índios paranaenses. Segundo o historiador Pereira, características "progressistas" estariam presentes na construção desta identidade regional que faria uso das narrativas como a histórica e das artes plásticas nas criações simbólicas, propondo um diferencial qualitativo,

embevecendo o imaginário popular com a crença no progresso, desenvolvimento social e civilização<sup>55</sup>.

Na *Belle Époque* curitibana, marcada por este desejo de civilizar, edificavam-se contornos entre feminilidade e masculinidade. Elegia-se o comportamento "adequado", devendo ser qualitativamente "superior", para mulheres e homens, circunscrevendo-os em campos de ação diferentes. No entanto, estes contornos moviam-se no mesmo ritmo que se transformava a "pequena urbs", ora rompiam-se fronteiras, ora fundavam-se outras, estabelecendo novas normas que competiam na tentativa de preservar ou abolir os costumes tradicionais, tal qual percebe-se na indignação do articulista do Diário da Tarde, em 1911:

*No Mignon, o melhor teatro que nós temos e que devia por isso ser o lugar distinto das reuniões familiares, está lastimavelmente reduzido à casa de espetáculos para homens, tal a maneira desarbidamente leve com que se apresentam vestidas as suas cantoras. Ontem, por exemplo, a senhora Lina Bello apareceu com os seios nus, quase a saltar do corpete e braços e axilas.*

*É verdade que a senhora Lina tem uns bonitos seios, mas há de convir que não está fazendo cenas para homens e sim cantando para nós e nossas filhas...*<sup>56</sup>

O Mignon foi um dos importantes espaços de lazer da *Belle Époque* curitibana sendo, com suas atrações, uma vitrine dos novos comportamentos e modismos. As roupas "leves" e os "seios nus" das cantoras chocavam o público conservador que considerava tais espetáculos apropriados somente para os homens, denotando a preocupação em manter certos modernismos longe da inspiração das moças, educadas nos moldes tradicionais. Novamente percebe-se a censura em torno

---

55 PEREIRA, Luis Fernando L. Paranismo: O Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

56 Diário da Tarde. Curitiba, 02 de setembro de 1911.

dos comportamentos vistos como perigosos, reafirmando seu poder de influência, daí a contenção.

Continuando seu protesto à demasiada aptidão curitibana aos modernismos, o articulista do "Diário" ainda faz uma comparação dizendo que até mesmo no Rio de Janeiro, o espetáculo de Lina Bello seria considerado censurável aos olhos familiares e "ouvidos virgens", livrando-se da pecha de "provinciano pudico", conforme eram tratados os menos afeitos às novidades:

*No Rio ela não conseguiria aparecer nesse traje nos concertos familiares do Pavilhão Internacional porque não o consentiriam a empresa, a polícia e o público.*

*Aqui quando se reclama contra esses excessos taxa-se-nos logo de provinciano pudico, arrepiado ou qualquer outra coisa. Ainda mais: certas cançonetas francesas, italianas, onde a lubricidade campeia infrene? Será isso digno de ouvidos pudicos ou virgens?*

*Um lembrete para a empresa do tão lindo Mignon sobre isso que é indigno da nossa sociedade e vós tereis feito um grande serviço.<sup>57</sup>*

Interessante perceber que apesar de tantas preocupações transitando entre o "moderno" e o "pudico", o público parece não ter deixado de assistir — e aplaudir —, ao espetáculo de Lina Belo e outras tantas atrizes, cantoras, transformistas e dançarinas. No entanto, embora houvesse tentativas de coibir a mudança de costumes, a modernização vinha num ritmo infrene, e as relações entre os gêneros são vistas como um termômetro oscilante entre as permanências e transformações.

A despeito de todo o controle que se pretendia impor sobre o comportamento das mulheres, inúmeras atitudes cotidianas escapavam às normas e furavam os bloqueios fronteiros que tentavam mantê-las num só espaço: o doméstico, ou num só modelo de conduta: o de "anjo velador" do lar e da família. Rompendo as barreiras apregoadas pela "boa moral", ora chocando pelo atrevimento, como quando recusavam-se a casar ou ter filhos, mantinham amantes, deixavam-se bolinar nos

---

<sup>57</sup> Diário da Tarde, Curitiba, 02 de setembro de 1911.

cinemas, isso sem falar nas brigas de casal em que o "desafortunado esposo levava a pior", ora via sutilezas, o olhar sobre si mesmas enxergava as mudanças como possíveis e a emancipação como necessária.

A vontade de civilizar a "urbs" centrava-se na europeização dos costumes; a noção de "*civilité*" para os curitibanos aliava a modernização ao refinamento de hábitos, educação, cortesia, docilidade, controle de emoções, condenação da violência e necessidade de higienização, processo que exigia atenção, cuidado e delicadeza em relação ao corpo e aos espaços.

Neste sentido, o engendrar da cidade civilizada valia-se dos ideais então construídos em torno do "feminino". A delicadeza, a suavidade, a contenção e leveza eram qualidades divulgadas também como femininas e os discursos civilizatórios não cessavam de reafirmá-las. Civilizar era viver em harmonia. Desejava-se que, na cidade, reinasse a mesma harmonia que deveria reger os lares, graças à presença das mulheres na sua organização. Portanto, os ideais de civilidade e domesticidade se aproximavam, em ambos estavam impressos os traços paralelamente delineados em torno da feminilidade.

Destacando o papel civilizador da mulher, o simpatizante da "*agitação feminista que ora se opera em todo o mundo civilizado*", Alfredo Munhoz condenava os "*espíritos retrógrados ou egoístas*" que consideravam as mulheres seres inferiores destinadas somente à procriação da espécie:

*Isto nem devia se discutir hoje em dia quando vemos, verificamos, não só o papel da mulher no progresso humano, mas também sua indispensabilidade e as positivas vantagens que dia a dia ela revela, comparticipando salientemente do movimento sempre ascendente de nossa civilização.*<sup>58</sup> [sem grifo no original]

Por sua vez, Debay, psicólogo em evidência nas colunas dos jornais ao final do século XIX, atribui ao cérebro feminino a qualidade de "órgão da benevolência", o que as torna sensíveis, obsequiosas, caritativas e fáceis de se compadecerem das misérias alheias. Observa num dos seus artigos como as características consideradas

femininas eram percebidas na sua importância para o processo de construção da civilidade que visava, entre outras coisas, "suavizar" os costumes:

*(...) Não são somente estas as qualidades da mulher; há outras de ordem mais elevada, que colocam certas mulheres ao lado dos homens mais ilustres de todas as épocas; a lista de seus nomes é tão longa que não podemos citá-la aqui ... a mulher foi formada para o homem do mesmo modo que o homem foi feito para a mulher; são ambos necessários um ao outro; sem a mulher; o que faria o homem na terra, e reciprocamente?... Coube a mulher o privilegio de temperar, de suavizar a rudez do sexo masculino. Foi efetivamente por influência das mulheres que os costumes grosseiros se transformaram.*<sup>59</sup> [sem grifo no original]

Defensora da igualdade entre os gêneros, a poetisa e "eterna miss Paraná", Didi Caillet escreveria em "Taú", publicado já na década de 1930, que ser mulher é uma "glória", por exercer prestígio e predomínio sobre a sociedade. Acreditando na civilização e na feminização do mundo, disse:

*A civilização é um carro em disparada, que leva em triunfo a mulher. A vida circula em torno dela, e os fatos, as artes, as ambições, são o seu cortejo permanente, que vai levantando pelos longos caminhos a poeira d'ouro que é o esplendor da História. Há uma mulher na explicação de todos os acontecimentos e sem ela o mundo ficaria vazio como uma floresta sem pássaros (...). Nas suas mãos brancas estão os fios que governam os homens e nas pontas destes fios oscilam as nações...*<sup>60</sup>

---

58 MUNHOZ, Alfredo. "A Mulher". In: A Colméia. Curitiba: Tipografia Setragni, 1898. p. 7.

59 DEBAY, A. "Da benevolência da mulher". In: Revista Club Curitybano, n.º 17. Curitiba: Tipografia Dezenove de Dezembro, 16 de setembro de 1890. p. 5. \* Em artigo sobre o prazer no casamento nos anos 20 e 30 no Brasil, Margareth Rago, analisa a necessidade da educação sexual, propalada pelo discurso médico e demais divulgadores, entre eles A. DEBAY, que afirmava que a ignorância dos homens sobre os aspectos físicos e morais da mulher levava aos desentendimentos no casamento, tornando-os "ridículos e injustos". RAGO, M. "O prazer no casamento". In: Idéias. Revista do IFCH, Ano 2, n.º2. Campinas: UNICAMP, 1995.

60 CAILLET, Didi. Taú. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & C., 1932.

Todo o período pesquisado foi marcado pelo ideal civilizador e este por sua vez vinha se constituindo de características vistas como essenciais às mulheres, neste sentido a normatização dos comportamentos dóceis reforçava-se tanto em relação ao "belo sexo", quanto em relação a toda a população. Para sua concretização, cada indivíduo era chamado à responsabilidade de rever seus hábitos e formas de pensar, dedicando-se ao esforço pessoal de reconstrução das subjetividades, opondo brutalidade e grosseria à delicadeza, gerando uma mudança de sensibilidade atravessada pela feminização dos costumes:

*O progresso é um monumento fundido com os esforços da humanidade e transformado em cascata de benefícios para o mundo; e assim, a todos assiste o imperioso dever de levar a ele a sua pedra, de concorrer com seu trabalho para a sua manutenção e prosseguimento.*<sup>61</sup>

Velhos hábitos eram constantemente criticados por não acompanharem o movimento civilizador que deveria se dar tanto no campo material quanto no moral, constituindo os comportamentos individuais. Em todos os lugares atentos olhares vigilantes estavam de plantão, prontos para criticar comportamentos pouco dóceis, mal educados ou anti-higiênicos. Esta era a crítica que se fazia a certos passageiros dos bondes, taxados de grosseiros e indelicados ao posicionarem-se de forma a obrigar aos outros um contato por vezes "repelente", com seus capotes imundos, gastos e sebosos, exigindo não só uma medida de higiene, mas de civilidade:

*Quanto mais se acentua o progresso que a olhos vistos se desenvolve nesta nossa querida Curitiba, mais se vão evidenciando certos defeitos ainda arraigados aos velhos costumes, mas que forçosamente devem desaparecer. Referimo-nos hoje a certos hábitos que vemos serem praticados muito incomodamente nos amarelentos bondes pelo pessoal da South (...). Não deve ter escapado a todos quantos viajam nos citados bondes, o costume indelicado de certos indivíduos... da Companhia, que têm por hábito viajar em pé... por falta de educação ...mormente se*

---

61 O Guarany. 1891.

*tratando de senhoras que entram e saem dos bondes(...). Trata-se, como se vê, de uma grosseria inqualificável, que não condiz com os nossos foros de gente bem educada.*<sup>62</sup> [sem grifo no original]

A "gente bem educada" de Curitiba queria reprimir as indelicadezas e grosserias inqualificáveis, não condizentes com a qualidade de civilizada que se empenhavam em imprimir à cidade. Aí a presença das mulheres tinha o importante papel de balizar o aprendizado dos novos hábitos, pois, em favor das senhoras e "gentis senhoritas", os homens deveriam aprender a se comportar de forma mais refinada. Ao compor "regras para uso dos que freqüentam *bonds*", Machado de Assis refere-se ao comportamento desejável à presença de senhoras. O cumprimento dos artigos — "nada menos que setenta" —, seria necessário ao desenvolvimento de tão importante e "democrático" meio de locomoção cada vez mais freqüentado pelo "belo sexo":

*Art. VII - Das conversas*

*Quando duas pessoas, sentadas à distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.*

*Art. IX - Da passagem às senhoras*

*Quando alguma senhora entrar o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.*<sup>63</sup>

Criticando o mito da inferioridade da mulher e de suas especificidades psicológicas, o professor Justiniano de Mello, colaborador de diversos periódicos, no artigo "Psicologia da Mulher" cita entre outros autores o socialista utópico Charles Fourier, para lembrar aos leitores que "*a extensão dos privilégios às mulheres é o*

---

62 Gazeta do Povo. Usos e costumes. Curitiba, 23 de janeiro de 1924. (Tratava-se dos funcionários da Shouth Brazilian Railways Company).

63 COUTINHO, Afrânio. (org.). Machado de Assis. Obra Completa. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 9ª edição, 1997.

*principio genérico de todo progresso social*". O autor destina aos homens o aprendizado das "virtudes femininas", não por mera coincidência, daquelas que fazem do indivíduo um ser civilizado:

*"A mulher é, e o homem torna-se". Ora, tornar-se é coisa incerta. (...)*  
*Todas as virtudes da humanidade são inerentes a mulher; o homem é forçado a adquiri-las.*<sup>64</sup> [sem grifo no original]

Para além de seu potencial civilizador, vários autores<sup>65</sup> apontam que nas sociedades patriarcais são as mulheres que suscitam os grandes questionamentos. Ao final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, os movimentos feministas tiveram grande repercussão, problematizando as situações de desigualdade ao reivindicarem o direito ao voto, educação, profissionalização, maior participação social e também ao inquirirem sobre a moral sexual dos relacionamentos mulher/homem.

Na época colonial, segundo Kátia Muricy<sup>66</sup>, *"a reserva da família antiga era ainda testemunhada pela persistência do confinamento das mulheres no interior do sobrado urbano, que repetia, na cidade, a função das casas-grandes rurais: a guarda das mulheres e dos valores"*. Entretanto, a historiadora destaca que, mesmo quando submetida ao marido e reclusa no lar, a mulher *"desempenhava um tipo específico de participação cultural"* e sua função social na direção de várias tarefas da vida doméstica era complementar às funções do marido. Contudo, o desenvolvimento urbano e a europeização das elites brasileiras foram determinantes para a transformação dessa realidade. Quando se abriam os salões das casas para as festas e recepções, cujo sucesso dependia inteiramente da habilidade feminina, as mulheres passaram a ter um papel fundamental no processo de construção de uma nova sociabilidade da família brasileira de elite.

Os elementos caracterizados pelos discursos da época como próprios da feminilidade refletiam-se nos diversos campos socioculturais que iam se

---

64 MELLO, J. "Psychologia da mulher". In: O Cenáculo. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1895.

65 BADINTER, E., BOURDIEU, P., HOBBSBAWM, E., LE RIDER, J., PERROT, M., SHOWALTER, E., SIMMEL, G.

66 MURICY, Kátia. *A razão cética. Machado de Assis e as questões do seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

transformando conforme a mulher ocupava mais espaços, sendo mais percebida e vista. As evidências da feminização atravessavam o público e o privado, os relacionamentos e a sociabilidade, as aparências e a moda, os cuidados com os corpos, os objetos e seus usos. Elias<sup>67</sup> sublinha que o funcionamento das sociedades é marcado por uma “ordem invisível”, um certo fio condutor das sensibilidades ao qual os indivíduos estão presos sem que necessariamente o percebam, pelo qual seguem desenvolvendo hábitos, realizando suas ações, dentro de determinadas formas de pensar, sentir e entender o mundo. Esta "ordem" está sempre em movimento, visível quando uma população quer elevar seu patamar de civilização. Fazendo um paralelo com o autor, pode-se relacionar o enaltecimento da civilidade em Curitiba, constituída de modos e maneiras reforçadas como naturais do feminino, com o desenvolvimento de uma sensibilidade, cuja ordem que estabelece, pouco perceptível ao primeiro olhar, segue o viés da feminização.

Uma mudança de valores acompanhava este processo em via dupla: ao mesmo tempo que valorizava-se a sensibilidade feminina e seus atributos, para toda a sociedade, os padrões de masculinidade e feminilidade alteravam-se atenuando limites entre algumas fronteiras simbólicas que aos poucos se dissolviam. Todavia, mulheres "que se masculinizavam" e "homens femininos" eram vítimas de severas críticas, pois, ao orientarem-se de forma diferenciada na constituição de si, estes questionavam as atribuições tidas como "essenciais" do sexo masculino e feminino.

A masculinização das mulheres era uma das polêmicas levantadas pela moda, havia o medo de que adaptações dos trajes gerassem a perda da feminilidade. As "ultra-modernas" que buscavam praticidade e originalidade em modelos de trajes masculinos, bem como as modistas favoráveis a essa mudança, nem sempre eram bem vistas apesar do aumento cada vez maior de adeptas, por exemplo, do uso de calças.

Apesar das críticas, alguns homens também adotavam estilos da moda feminina, primando pelo requinte dos detalhes. "Dandys" e "almofadinhas" permitiam-se a outras regras, queriam distinguir-se parecendo civilizados, gentis e delicados. Para tanto, incorporavam trejeitos, gostos e usos femininos:

---

67 ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

*Nós, as mulheres, diz-nos uma elegante senhora, possuímos uma infinidade de segredos dos quais nos utilizamos diariamente a fim de melhorar nossa atração física. Os almofadinhas procuram por todos os meios esses segredos para seu uso. Ainda ontem, após a saída de meu primo que me fora visitar, notei a falta de uma latinha de creme de cera purificada... Naturalmente ele invejou minha cútis e vai procurar conseguir o que consegui...<sup>68</sup>*

Ao analisar a crise da masculinidade na França dos séculos XVII e XVIII, Elisabeth Badinter ressalta a presença dos "preciosos" franceses, que literalmente copiavam as mulheres cultas do século XVII, satirizadas por Molière em "As preciosas ridículas". Embora desprezíveis numericamente, para Badinter sua influência fora marcante:

*Sorratamente, os valores femininos progrediram na "boa sociedade", a ponto de parecerem dominantes no século seguinte. Sabemos agora que as preciosas não foram um microcosmo ridículo. A resistência e as zombarias de que foram alvo são de fato sinais de sua influência.<sup>69</sup> [sem grifo no original]*

Tratando da mesma temática, a crise da masculinidade na Viena do início do século XX, Jacques Le Rider<sup>70</sup> sublinha a preocupação de intelectuais vienenses com o culto moderno à androginia e à desestabilização das fronteiras sexuais, explicadas somente pela absorção social de modos e valores femininos, fenômeno tratado de "feminização geral". Já Piero Camporesi<sup>71</sup>, historiador italiano, demonstra que na Itália da época das Luzes, em meio ao afrancesamento e refinamento dos gostos, a moda masculina parecia adotar o estilo feminino, tão leve e "aéreo" que permitia dançar a qualquer momento. Fazendo um paralelo com a opinião destes autores,

---

68 Gazeta do Povo. "Segredos femininos". Curitiba, 15 de janeiro de 1924.

69 BADINTER. Op. cit. p. 13.

70 LE RIDER, Jacques. A modernidade vienense e as crises de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

71 CAMPORESI, P. Hedonismo e exotismo, a arte de viver na época das Luzes. São Paulo: UNESP, 1996.

podemos dizer que os "almofadinhas", não só pelos trajes e comportamentos, mas também pelas opiniões, favoráveis ao feminismo, são uma das evidências da feminização da cultura na Curitiba *fin-de-siècle*.

Os costumes feminizados causavam indisposição aos olhos mais tradicionais. Porém, o convívio com "homens femininos" e mulheres "independentes" já se tornava corriqueiro, dando indícios do processo incessante do feminizar dos hábitos da cidade civilizada, conforme demonstra o diálogo publicado em 1911 por Eugênio Vidal no Paraná Moderno:

*“Mulheres e borboletas.*

*Se não são de todo iguais,*

*É que as mulheres são mais*

*Que volúveis, - indiscretas.”*

*E foram estes versos, ó bom leitor, que, naquela mesma noite, em frente ao Café Paraíso, num grupo de rapazes (...), provocaram um protesto por parte de um feminista dandy, pernóstico e pretensioso (...).*

*— Eu, meu caro feminista de bengalinha, olho a mulher por outro prisma; no fundo do seu ser não descubro nenhuma das grandes qualidades que possui o comum dos homens. (...)*

*— Pois entendo que estás obcecado pelas doutrinas de algum anti-feminista moderno. És um suggestionado, que condenas toda a raça das mulheres, porque alguma talvez, fez abortar o teu primeiro beijo de amor.*

*— (...) Com franqueza, sou sectário enragé do anti-feminismo; julgo a mulher inferior ao homem; a sua realza está unicamente no lar doméstico, onde ela impera como mãe. Fora desse belo santuário dos afetos almos e cândidos, a mulher só poderá ser um objeto de risota e de desprezo.*

*— Pois bem, quanto a mim, (...) juro pelos meus manes que a mulher é um ente semi-divino, perfeito, superior ao homem, porque possui o condão que este não pode possuir de reduzir corações (...).<sup>72</sup>*

---

72 Eugênio Vidal. *“Sob a noite luminosa”*. In: Paraná Moderno. n°23, Curitiba, 30/04/1911. p. 1.

A temática apresentada instala-se num paradoxo. Revelar que a cidade se feminiza, e, mais ainda, que a civilidade é feminina, pode remeter a uma idéia essencialista do ser feminino. Entende-se, entretanto, que as práticas discursivas analisadas reforçaram atributos tidos como essenciais a cada sexo, estimuladas justamente pelo medo e incertezas de que uma verdadeira "anarquia sexual" acontecesse. No tocante às mulheres, tal reforço se deu inclusive pelo processo de divulgação e incorporação de um ideal em torno das maneiras de fazer femininas à idealização da civilidade no imaginário social. O contexto acelerado da modernidade ocasionou a perda de antecedentes e referências culturais, proporcionando um movimento não linear, multifacetado, com múltiplas vozes, falas de vários tempos, tradicionais e emancipadoras, baseado em três pontos paralelos: o reforço das idéias essencialistas onde as características de cada sexo seriam naturalmente pertencentes a eles, inclusive com a atualização destes "atributos naturais"; a materialização deste reforço, visto no embricamento da "essência feminina" como elemento constituinte do ideal de civilidade; e o debate, questionamento e reconstrução do ideal de feminino, marcado pela diversidade, por sucessivos cortes que desestabilizaram a noção de inteireza das "essências", denotando a própria dinâmica de sua construção, mostrando que não é algo dado.

A cidade civilizada tornava-se feminina. Modos, ações e pensamentos femininos eram cada vez mais polemizados e incorporados pela sociedade curitibana. A visibilidade das moças e senhoras crescia nos espaços públicos de lazer e trabalho, adaptando-se a essa nova e exigente presença. Suas maneiras de agir e de comportar-se balizavam o ideal de civilidade, carente de leveza, delicadeza, emoção, praticidade e prudência, características humanas enaltecidas como civilizatórias e sexualizadas como femininas na Curitiba *fin-de-siècle*.

Portanto, vale analisar como os discursos médico, jurídico, pedagógico, entre outros que discutiam as questões femininas, difundidos pela imprensa da época, definiam a identidade da mulher, refletindo sobre suas práticas e seus corpos, buscando normatizá-los. Por outro lado, é importante perceber o contraponto desse movimento, analisando como as mulheres reagem a estas construções, através de suas ações e da publicização de seus modos de pensar, inserindo-se nesse debate.

### 3. O cultivar dos corpos: movendo as fronteiras

Em Curitiba, a imprensa periódica mostra a crescente preocupação com a sexualidade e as transformações dos papéis sexuais por volta de 1890-1930. Estes discursos funcionavam como propulsores de atos novos de enunciação, capazes de transformar, reproduzir e rearticular as idéias de sexualidade e identidade de gênero, recaindo no campo da moralidade. Comentários, notas, traduções, cartas, anúncios e artigos publicados nos jornais e revistas da época, apresentam-se como possibilidades abertas de fala, reatualizando e multiplicando sentidos. Há uma intertextualidade que permeia as narrativas analisadas. Neste embricamento de idéias, reproduzem-se e nascem "verdades" sobre as condutas femininas.

Para a psicanalista Maria Rita Kehl<sup>73</sup>, no século XIX homens e mulheres fizeram parte das formações sócio-culturais que os constituíram enquanto "sujeitos modernos", contudo engenha-se neste período uma especificidade feminina, "subjetiva e social", sendo objeto de construções discursivas — médicas e filosóficas — que elaboram verdades sobre sua "natureza" segundo o desejo de alguns homens, o que não equívale à "verdade da mulher". É justamente esta verdade que vemos ser questionada e transformada pelas próprias mulheres e reelaborada por alguns homens ao longo do período pesquisado, pois o encaixe das mulheres à "feminilidade" não foi "perfeito", e quando se deu, em maior ou menor grau, não foi desprovido de conflitos.

As questões sobre a sexualidade permearam o pensamento ocidental durante séculos, porém as descobertas no campo da biologia, no século XVIII, contribuíram para que homens e mulheres fossem vistos como diametralmente opostos devido à anatomia dos órgãos e funções. O corpo, analisado segundo suas possibilidades materializadas revelava experiências distintas relativas ao sexo: reprodução, gestação, parto, funções uterinas e dos ovários, por exemplo, davam sentido ao corpo da mulher e apontavam dicotomias "reais" em relação ao corpo do homem.<sup>74</sup>

---

73 KEHL, M. R. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

74 Analisando a história do corpo no ocidente, Thomas Laqueur apontou que até o século XVIII, este não era representado de forma bipolar, dividido entre masculina e feminina, pois, a concepção científica que se tinha até então, era de que só havia um sexo, melhor desenvolvido no homem e inferior na mulher. Assim, o "útero era o escroto feminino, os ovários eram os

No entanto, a instituição de uma hierarquia entre os corpos, ou melhor entre os sexos, se dava na conversão de tais características físicas para o campo da moralidade, no qual as diferenças eram justificadas. O corpo passou a receber uma gama de investimentos. Problemática presente principalmente no discurso médico, sanitaria e pedagógico, a cultura do corpo é alvo de ações reguladoras tecidas numa imensa rede discursiva que passava a vulgarizar preceitos higienizadores, moralizadores e civilizadores. Discursos especializados ou não se cruzaram, tendo o corpo humano como campo de atuação. Essas intervenções traduziam nas práticas de cuidados com o corpo parte do arsenal simbólico que constituía os ideais de civilidade, bem como de feminilidade, masculinidade e das relações entre os gêneros.

Os estudos sobre a história da sexualidade de Michel Foucault trazem importantes contribuições para operacionalizar o uso da categoria gênero. Analisando os discursos enquanto instituintes de práticas, Foucault mostra como o discurso sobre a prática da sexualidade ocupa o epicentro da formação da identidade dos sujeitos. Daí a importância em inquirir as fontes de pesquisa sobre como foi possível a arquitetura de determinados tipos identitários de gênero, desconstruindo a naturalização que circunda os papéis sociais, as práticas cotidianas e a elaboração discursiva organizados em torno do feminino e do masculino.

Ainda segundo Foucault, a história da sexualidade é a história do discurso sobre o sexo, da materialidade das práticas discursivas relativas à sexualidade ou ainda a história dos discursos que a constituem como objeto de conhecimento<sup>75</sup>. Estes discursos objetivam uma rede de relações tecida entre prescrições, proibições e permissões, que regulam o fazer e o falar sobre a sexualidade, recaindo sobre os sujeitos o efeito das práticas imbricadas neste jogo.

Sob a perspectiva foucaultiana, vemos os discursos pesquisados como dispositivos de poder, carregados de intencionalidade<sup>76</sup>, concorrendo para definir de acordo com o sexo as posições sociais que os sujeitos ocupavam na sociedade do

---

testículos, a vulva um pequeno prepúcio e a vagina era um pênis". LAQUER, T. La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud. Madrid: Cátedra, 1994.

75 FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

76 FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

final do século XIX e início do século XX em Curitiba<sup>77</sup>. O poder do discurso está na arbitrariedade, onde se cruzam mecanismos de interdição e exclusão, explicitando desejos, interesses e "vontades de verdade", propulsores da fixidez das posições sociais delimitadas pela sexualidade, como a relação entre feminino e espaço privado e masculino e espaço público, oposição binária assentada nas diferenças biológicas naturalizadas, no reforço essencialista dos status atribuídos a homens e mulheres.

O novo estatuto que as mulheres adquiriam na vida cidadina, ocupando gradativamente espaços e atividades até então tidas como masculinas, nas profissões, na educação, na prática de esportes, na moda e na independência das atitudes, gerava um duplo movimento. Ao mesmo tempo, atenuava as fronteiras entre espaço público e privado, entre mulheres e homens, reiterando códigos normativos de diferenciação sexual. O processo cada vez maior de intervenção feminina na cultura produzia crises e reorganizações nas constituições das identidades sexuais. Por isso mesmo, concomitante à feminização da cultura, desencadeava-se uma onda de reforço e contenção das diferenças pautadas na "natureza" e na anatomia dos corpos.

Enleados na malha discursiva da qual emergem ambigüidades e conflitos, os corpos transformam-se em principal agente de demarcação das diferenças sexuais e de gênero. Servindo como um receptáculo de informações que deveriam nortear as aparências, gestos, comportamentos e atitudes, sujeitos eram circunscritos via corpo em "masculinos ou femininos", "saudáveis ou doentes", ou ainda em "honestos e degenerados". Conforme as mulheres obtinham maior liberdade de movimentos através das novas práticas corporais, como a experimentação dos esportes, da moda, das atividades laborais nas fábricas, do consumo e do premente alargamento da profissionalização e escolarização feminil, mais olhares voltavam-se às maneiras pelas quais seus corpos deveriam ser cultivados.

---

<sup>77</sup> Processo semelhante foi observado em São Paulo por RAGO, M. Do cabaré ao lar. A Utopia da cidade disciplinar, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 e SAMARA, E. de M. As mulheres, o poder e a família. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1988. E no Rio de Janeiro por ENGEL, M. de A. Meretrizes e doutores. O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988 e SOIHET, R. Condição feminina e formas de violência. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1989.

Apesar do discurso médico movimentar-se, ampliando ou modificando as concepções sobre o organismo e o significado do corpo feminino, nesse período o discurso anatômico prevalece, e com ele as diferenças entre os sexos evidenciadas morfológicamente. Segundo Foucault<sup>78</sup>, o discurso médico no século XIX adquire um estatuto político, pois o olhar da medicina institucionaliza-se, mobilizando dispositivos de poder apoiados nesse saber que pretende operar um controle, disseminar informações e sujeitar todas as estruturas sociais.

A valorização da ciência balizava não só o discurso médico, cujo olhar atento privilegiava a anatomia, ordenando o corpo materializado, espacializando e corporificando nele a doença e a saúde, a beleza e a feiúra, a magreza e a gordura. Os órgãos eram vistos como suportes dos sintomas não só das doenças enquanto moléstias físicas, mas enquanto patologias deslocadas para o campo da ordem moral. Porta-vozes de diagnósticos e prescrições morais, os médicos do final do século XIX e início do XX foram em grande parte influenciados pelo positivismo e pelo método do racionalismo, estruturado a partir dos fatos observáveis, do visível e da experimentação.

O opúsculo do positivista Rui Teixeira Mendes sobre a "preeminência social e moral da mulher" sugere conexões entre a separação biológica dos sexos e o desenvolvimento científico e moral da sociedade, reafirmando a "positiva" distinção entre os papéis sociais de gênero, justificando as intervenções médica, filosófica e pedagógica moralizadoras:

*Que significa esta separação?*

*O sexo que corresponde ao masculino representa a aptidão maior de modificar o meio em proveito da espécie, é o fator industrial propriamente, pois, é nisto que se resume a indústria; o sexo que corresponde ao feminino concentra em si, no mais alto grau, a aptidão de modificar a espécie; é o fator moral por excelência.<sup>79</sup>*

---

78 FOUCAULT. op. cit.

79 MENDES, R. T. A preeminência social e moral da mulher segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva. Conferência realizada em 27 de novembro de 1908. Rio de Janeiro: Igreja e apostolado positivista do Brasil, 1931. p. 8.

O "especialismo médico" fora criticado pelos positivistas como uma "monstruosidade", cuja pretensão era tratar isoladamente fenômenos que por sua natureza não poderiam ser fracionados. Paralelamente, a teoria evolucionista introduzia a idéia de natureza humana mutável, interrogando sob em que medida o meio, o tipo de vida e a educação poderiam transformar a morfologia e as capacidades de uma pessoa.<sup>80</sup> O olhar vigilante dos médicos sobrepunha-se ao espaço social, diagnosticando-o, estudando desde as topografias e meteorologia, à classificação e análise das doenças e epidemias, aos controles estatísticos da saúde e a sanitização física e moral da sociedade.

A dignificação da saúde, higiene e limpeza relacionava-se à idéia de bem-estar e à busca de um patamar mais elevado de civilidade. Cada indivíduo deveria ir internalizando a desconfiança em relação à sujeira e doença — repetidamente associadas aos pobres, prostitutas e imigrantes "mal-cheirosos"—, operando na edificação de uma nova sensibilidade. Segundo Alain Corbin:

*(...)Novas exigências sensíveis rejuvenescem a civilidade; a acentuada delicadeza das elites, o desejo de manter à distancia o dejetos orgânico, que lembra a animalidade, o pecado, a morte, em resumo, os cuidados de purificação aceleram o progresso. Este é estimulado igualmente pela vontade de distinguir-se do imundo zé-povinho. Tudo contribui para estabelecer um novo estatuto do desejo sexual e da repulsão, que por seu turno aviva o impulso das práticas higiênicas.<sup>81</sup>*

O saber médico, agindo como um dispositivo de poder, tratava de medicalizar a sociedade enquanto os sujeitos eram chamados a responder por um conjunto de práticas corporais às aspirações morais, ideológicas e políticas, amparadas por instituições que reproduziam e rearticulavam discursos intimamente ligados às modernas propostas e tecnologias médicas. É o caso da escola, que deveria contar com o aparato médico para formar cidadãos civilizados, nutridos por

---

80 TUBERT, S. *Mulheres sem sombra: Maternidade e novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. p. 29.

81 CORBIN. Op. cit. p. 442.

uma consciência sanitária. A intervenção médica traçava toda uma concepção de educação, abarcando desde a engenharia dos edifícios escolares, a seleção e classificação dos alunos, até a formação de professores para agirem como auxiliares na inspeção e manutenção sanitária.<sup>82</sup> Edificando uma pedagogia do corpo exercitada com base nos contrapontos entre saúde e doença, limpeza e sujeira, virtude e vício, a escola passava a ser canal de medicalização social, impondo lições de assepsia, higiene física e moral que deveriam ser incorporadas, transformadas em hábitos pessoais necessários à melhoria da saúde pública.

O programa escolar deveria conciliar suas exigências com os interesses da saúde infantil, a fim de obter das crianças "a maior soma de trabalho intelectual sem prejudicar seu desenvolvimento corporal". À higiene caberia determinar a distribuição das horas de trabalho, repouso, alimentação e recreio durante o dia e estabelecer ponderação entre os exercícios do espírito e os do corpo.<sup>83</sup> Para tanto a escola organizava suas atividades sob a orientação médico-sanitarista, que propunha também a obrigatoriedade da ginástica nas instituições educacionais.

Nas escolas femininas, a prática "saudável" da ginástica, esportes e dança foram incentivadas a fazer parte dos programas curriculares.<sup>84</sup> Surgiam clubes, associações e escolas onde esportes e dança podiam ser praticados pelas moças. Saber dançar era fundamental para freqüentar bailes e saraus, uma das principais atividades de lazer na época, porém os rodopios de corpos colados nos salões eram criticados principalmente pela Igreja Católica:

*(...) A dança mundana, diz S. Carlos Borromeu, é um círculo cujo centro é o demônio e cuja circunferência são os seus escravos; o uso dos bailes, diz S. Francisco de Sales, é tão grave ocasião para o mal, que a alma corre neles os maiores perigos: assim como existem plantas, diz o mesmo*

---

82 RODRIGUES, Marília M. A Prevenção da decadência: discurso médico e medicalização da sociedade – Curitiba- 1931-1942. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

83 Dr. Guiraud. Higiene intelectual. In: Pátria e Lar. n.º2. Curitiba, Agosto de 1912.

84 A dança cada vez mais fazia parte dos programas escolares oficiais e extra curriculares. A Escola de Artes e Indústrias do Paraná, por exemplo, incluía a dança - princípios gerais, histórico e gêneros - no programa de Estética. In: A Arte. 15/01/1895.

*Santo, que atraem o veneno das serpentes, assim os bailes atraem o veneno das paixões. (...)*<sup>85</sup>

O perigo de despertar nas mulheres o "veneno das paixões" incentivava a divulgação dos conselhos que tentavam dissuadi-las de dançar tangos e maxixes. Sobre o corpo feminino, mais uma vez, recaíam as restrições. No entanto, nos bailes, saraus e "bailecos" populares via-se a modernização das danças acompanhada do encurtar das saias e do colar dos corpos que rechaçavam tais recomendações pudicas. As opiniões também não eram unânimes quanto às questões que circundavam o matrimônio e a reprodução, bem como as práticas corporais que estes envolviam. As novas maneiras femininas de se comportar, mais livres e questionadoras, traziam outras perspectivas para a discussão de temáticas como a contracepção, menstruação, gravidez, limitação do número de filhos, aborto, uniões livres e divórcio, gerando polêmicas especializadas no corpo feminino, como denota o artigo do pedagogo Justiniano de Mello no final do século XIX:

*Ainda não terminou a discussão levantada numa grande cidade brasileira a propósito do anúncio de certo médico, o qual diz poder operar a esterilização da mulher (...). Bem melhor seria que a ciência reservasse os seus recursos supremos para ocasião própria, isto é, para quando a salvação dos doentes reclamasse imperiosamente o emprego dessa terapêutica do desespero.*<sup>86</sup>

O discurso médico difundido a partir do século XIX extrapolava os limites do conhecimento relativo à cura das doenças para ocupar-se também da "promoção da saúde, virtude e felicidade", indo além da preocupação com as patologias e técnicas terapêuticas, para gerar modelos de indivíduos sadios, normatizando a existência humana e "*legitimando-se para reger as relações físicas e morais dos indivíduos e das sociedades onde se inserem*", conforme analisa Silvia Tubert:

---

85 A Estrela. "Danço. meu tio!". nº 138. Curitiba, 25/11/1900. p. 4.

86 MELLO, J. op. cit. p. 11.

*As regiões, as moradias, as pessoas, as paixões dominantes, o vestuário, a educação física e moral dos habitantes são objetos de descrições minuciosas. E, como se não fosse suficiente a implantação dos médicos, solicita-se que a consciência de cada indivíduo esteja medicamente aberta: cada cidadão deverá estar informado sobre o que é necessário e possível saber na área da medicina.*<sup>87</sup>

Embora houvesse divergências entre os médicos, a maioria incentivava a maternidade, promovendo o desenvolvimento da pediatria e da puericultura, bem como das instituições de proteção às grávidas, mães e crianças. A maternidade estimulava o desenvolvimento das tecnologias médicas, que exigiam cada vez mais cuidados com o "aparelho reprodutor" feminino. A documentação analisada sugere pensar que os médicos aumentaram suas preocupações em torno do corpo feminino, feminizando seu objeto de estudo e diagnosticando um número cada vez maior de sintomas, ampliando o rol das doenças que acometiam somente ao "sexo frágil". *"Dias de incômodo, flores brancas, cólicas uterinas, inflamação do útero e dos ovários, suspensão, regras demasiadas, regras escassas e falta de regras"*<sup>88</sup>, mereciam atenção redobrada das mulheres e nos consultórios médicos dos doutores Espíndola, Dante Romanó e Vitor do Amaral, entre outros, especializados em "moléstias das senhoras".

Preocupados em inculcar "bons" hábitos na população feminina, os olhares dos doutores e demais intérpretes do discurso médico focalizavam com especial atenção os corpos femininos. Estes sofriam uma vigilância e por conseguinte uma medicalização maior que os masculinos. Divulgava-se a idéia de que a mulher tinha a "natureza" mais frágil e emotiva, portanto era mais vulnerável às patologias mentais. Hábitos femininos, gestos, gostos, a moda e a leitura eram medicalizados. Contudo as mudanças de hábito nos trajes, na dança e a "correria" que a chegada de novos romances nas livrarias provocava nas "gentis senhoritas" denotava um movimento inverso, ou no mínimo divergente dos conselhos tradicionalistas.

---

87 TUBERT, op. cit. p. 62.

88 Gazeta do Povo. Ano VIII. Curitiba 20/09/1926. p. 2.

A fim de amenizar as críticas recebidas por parte dos "libertinos e amigos da moral independente", a Igreja Católica desaconselhava, em nome dos bons costumes, a leitura dos romances de Victor Hugo, Balzac, Zola, Gongurut, Dourget, Maupassant, Tolstói, D'Anuzis, Duma, entre outros muito em moda. Amparava-se na ciência médica para proibir as "más leituras" e salvaguardar as fiéis do perigo das enfermidades mentais encarnado na literatura:

*Agora a palavra da ciência vem aplaudir e justificar o procedimento da Igreja, nesta questão. Não é mais padre, é um médico que fala a respeito da leitura de romance. O Dr. Luiz Modena, conhecido autor de vários opúsculos sobre enfermidades mentais, publicou ultimamente um importante trabalho, dando como uma das coisas deles, a leitura de certos romances(...). É incontestável diz ele, que o costume de se lerem romances vai pouco e pouco falseando o pensamento e o sentimento; adulteram-se os dotes próprios e espontâneos do critério, as leis ingênicas do sentimento, e daí, por fim abre-se larga porta à uma excitação cerebral, que conduz a neurastenia, e até a loucura.<sup>89</sup> [sem grifo no original]*

A preocupação com a leitura e escrita femininas para que não induzissem ao devaneio e a excitação, indo além do propósito recomendável de aprimoramento e refinamento da educação das mulheres, buscava frear essa possibilidade de exercitar a subjetividade que poderia escapar às regras. Daí as recomendações das leituras de "romances inofensivos" e moderação na escrita:

*Senhora. Escrevei poucas cartas, porém com caligrafia caprichada, português correto e em fino e escolhido papel. Provareis assim que sois gente educada. Os dois primeiros requisitos conseguireis com o cuidado e o outro na papelaria do "O Estado".<sup>90</sup> [sem grifo no original]*

---

89 A Estrela. "O ensino da Igreja confirmado pela ciência". n° 1115. Curitiba, 17 de maio de 1900. p. 2.

90 O Estado do Paraná, Anúncio. n° 147. Curitiba 3 de julho de 1925. p. 8.

Entretanto, participar de grêmios literários e escrever foi uma das principais atividades de algumas mulheres. A poetisa Júlia da Costa foi quem inaugurou a poesia paranaense, publicando os primeiros poemas em 1867. Em 1901, empenhou-se pessoalmente para manter mulheres escrevendo e discutindo literatura. Já o hábito de escrever cartas tornava-se cada vez mais difundido entre as mulheres, pois, elas tinham a seu favor a ampliação do acesso à educação, além de ser um espaço onde o "devaneio", a "excitação", os "delírios" e os sentires eram permitidos, possibilitando o desenvolver das subjetividades:

*Cara amiga:*

*Escrevo-te a luz fraca de minha alcova, de manhã, tiritando de frio, vendo através das vidraças a neblina intensa no espaço.*

*E com essa baixa da temperatura, o meu coração sente-se possuído de uma emoção, ao mesmo tempo boa e má: é a da saudade.*

*(...) Em vão procuro recordar, nestas pálidas linhas a ventura dos tempos idos da infância e, neste recôndito da vida, vejo que a flor olorosa da esperança pouso a pouco fenece no caule invisível da minha alma.*

*Tua Inah.<sup>91</sup>*

Embora a modernização dos costumes pluralizasse as maneiras pelas quais os indivíduos trabalhavam sua subjetividade, o corpo enquanto espaço físico e moral era alvo de acirrada observação. Tal diligência demonstra que os padrões corporais almejados, como imputar à mulher o desejo maternal ou a força física ao homem, ou ainda, a identidade sexual como consequência direta da anatomia não eram estanques nem naturais, mas construídos. Ao construir uma "normalidade", buscava-se ter o controle sobre algo que tendia a escapar, "degenerar-se", "perder-se", os corpos deveriam ser controlados e adestrados, neles espacializavam-se as individualidades, o entendimento sobre si, bem como as transformações e fugas. Conforme explicita Judith Butler, o "sexo" é forçosamente materializado no corpo através de práticas regulatórias, o que significa dizer que o sexo não é anterior ao

---

91 Inah. *Bilhetes postais*. In: O Palládio. Ano I nº 2. Curitiba, 15 de junho de 1920. s/p.

gênero, mas é também um "construto ideal", fabricado num processo de reiteração e resistência à normatividade. Neste sentido observa-se que quanto mais se imputavam normas aos corpos femininos, mais apareciam novas práticas questionadoras.

O corpo localizava-se entre a imperatividade e reiteração discursiva que o codificava e o exercício da subjetividade. Recebendo o impulso das transformações dos costumes e da ampliação do acesso às novidades modernas, o corpo era também o espaço onde se delineavam as linhas de fuga da normatividade. Corpos femininos adquiriam maior liberdade de movimentos, livrando-se dos corpetes, aderindo aos cabelos curtos, transparências e calças compridas, reelaborando os estereótipos de gênero. A imagem dos sexos mudava correspondendo ao repensar sobre as identidades de gênero, os papéis sociais no trabalho e nos relacionamentos.

Entretanto, a modernidade também impôs ao corpo sexualizado como feminino o lado tirânico da idealização do progresso. Para Walter Benjamin, a comercialização do corpo figurada na prostituta representa a apoteose da empatia pela mercadoria, levando à desintegração da "aura" da feminilidade, transformada em apelação publicitária de massa ou em prostituição.<sup>92</sup> Esta questão afetava de modo semelhante o processo de modernização em Curitiba: a imagem da mulher erotizada era crescentemente associada ao consumo. Num dos ambientes habitados pelo universo masculino, as "casas de *chopp*", corpos desnudos podiam ser vistos aliando o fascínio pelas novas maquinarias e mulheres nuas:

*Na casa de chopes Ao Grande Tonel há uma caixa que contém um maquinismo fim de século: Quem ali for e colocar-se à frente da caixa e numa fenda que a mesma apresenta depositar uma moeda de 200 réis, verá passar diante dos olhos as vistas as mais extraordinárias, repassadas de volúpia sui generis.*<sup>93</sup>

---

92 BENJAMIN, W. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

93 Diário da Tarde. nº 36. Curitiba, 4 de maio de 1899. p.2.

Fazendo também a crítica à modernidade, em um ensaio sobre a prostituição (1892), Simmel a vê como o objeto de um erro social e não da mulher que se prostitui, já que a *"posição da prostituição depende dos sentimentos sociais que ela desperta"* e a sociedade burguesa tem nas prostitutas *"os bodes expiatórios que se punem pelos pecados cometidos pelos homens da boa sociedade"*.<sup>94</sup>

O comportamento dos corpos "mundanos e indecorosos" das "negociadoras da carne" estimulou uma série de medidas para a contenção da decadência moral que passava a ser representada pela meretriz. A disciplinarização das condutas femininas era pautada na antítese "mulher honesta" e "mulher perdida", e o espaço corporal era o cartão de visitas pelo qual media-se a "honra" da mulher. Porém, a prática da prostituição revelava, a parte todas as mazelas, possibilidades de liberdade, de não contenção, exagero e autenticidade. Etelvina Trindade ressalta que a prostituta levaria ao ápice as qualificações atribuídas ao sexo feminino, já que esta não via a necessidade de se auto-reprimir:

*A meretriz é, mais do que ninguém, aquela que "encarna" a imagem inquietante e turbulenta da personalidade feminina; nervosa, cíclica, excitável, presa fácil das paixões e desvarios; de poucos pendores intelectuais, de sensibilidade à flor da pele e sujeita a todo tipo de perturbação da razão, que decorrem, em última instância, de sua própria "instabilidade corporal".*<sup>95</sup>

Em Curitiba, corpos "decaídos" e "honestos" também deveriam estar afastados geograficamente. O Código de Posturas de 1895 e os subseqüentes regulamentavam a urbanização e previam entre os artigos a exclusão dos bordéis do centro da cidade<sup>96</sup>. Casas de "má fama" eram objeto da vigilância sanitária, que, amparada no saber médico e antropológico, engendrava a "higiene policial das meretrizes". Codificando organicamente a prostituta, classificavam-na na tentativa

---

94 SIMMEL, op. cit. p. 15.

95 TRINDADE. op. cit. p. 228.

96 Correio Municipal. Órgão da Municipalidade de Curitiba. n° 15. Curitiba, 12 de outubro de 1895.

de controlar seu comportamento ameaçador da moral e da saúde pública, devido principalmente ao horror à sífilis. Em 1919, a polícia, através do gabinete de identificação e estatística, tentaria uma nova medida de controle sobre estas mulheres:

*(...) Assim, doravante as meretrizes de nossa capital serão chamadas ao gabinete de identificação e estatística, onde ser-lhe-á dada uma carteira de identidade, com o nome de sua possuidora, filiação, nacionalidade, naturalidade, data de nascimento, estado civil, instrução, estatura, marcas e sinais particulares visíveis na vida ordinária (no rosto e nas mãos), notas cromáticas (cores da pele, olhos e cabelos) e a fotografia.<sup>97</sup>*

A "mulher honesta" deveria esquivar-se de qualquer aproximação à aparência da meretriz, resguardando-se, contendo gestos, rindo e falando baixo, não abusando das transparências, decotes, maquiagem e cores fortes, práticas que o "coquetismo" veio contrariar, criando modos e modas mais autônomos.

Outros parâmetros, a magreza e a gordura, figuravam como contraponto entre a beleza e a feiúra e entre a saúde e a doença. Controlar a estética e a saúde do corpo era também uma tarefa delegada aos indivíduos; a moda européia associava elegância e esbeltez e submetia principalmente as mulheres às dietas emagrecedoras com a ingestão de pílulas, tônicos, emulsões e vitaminas, lançados num mar de aconselhamentos médicos e estéticos que não raro divergiam opiniões.

O Dr. Miguel Couto via nas malhas do tecido celular que "acolchoava uns fofos" de tecido adiposo à mulher, além de reservas para a futura maternidade, a função de lhe tornar mais alva a cútis, mais sutil a penugem, mais suaves as arestas e as formas mais torneadas. Contrário à cultura da magreza, criticava a medicina complacente com a moda:

*A obra prima não se emenda; mas veio a tirania da moda, e decretou a magreza universal, necessária à queda das omoplatas aos pés, sem*

---

97 Diário da Tarde. "A polícia dá um assalto à syphilis". Curitiba, 18 de setembro de 1919. p. 6.

*embarços nem protuberâncias da túnica inconsútil e impalpável. E a este capricho que deforma a intangível perfeição, a medicina se submeteu em uma função cosmética, justificando-a na fórmula tendenciosa de Heckel (e não Haeckel), “a mais leve adiposidade acessível à vista é mórbida”. Aqui a medicina é a complacência.*<sup>98</sup>

A mulher que porventura conservasse tais "fofos adiposos" corria o risco de ser vítima de pesadas críticas; a gordura continuamente vinha associada à fadiga, à lerdeza dos movimentos, à falta de maleabilidade e agilidade corporal, requisitadas pela vida moderna, além de ser a causa primária da feiúra. Contudo, a desobediência às padronizações estéticas revelam mulheres muito mais autônomas em relação aos seus corpos:

*No domingo em que vimos a esbelta e elegante senhorita sair da Igreja do Bom Jesus para tomar o seu auto, estava com um vidro de Emulsão de Scott dentro da bolsa. Tivemos então a verdadeira explicação da causa porque Mlle. tanto tem engordado nestes últimos tempos. Se Mlle. Soubesse quanto está ficando feia!...*<sup>99</sup>

Havia moças e senhoras que recorriam aos conselhos médicos e às novidades anunciadas nas revistas e jornais para manterem-se em forma. No uso de banhos, óleos, chás, dietas, exercícios, massagens e remédios parecia estar a solução dos problemas estéticos muitas vezes relacionados à falta de saúde. Mas o culto à beleza não representava apenas imposição e repressão, o exercício de cultivar os corpos como belos e saudáveis também podia proporcionar um debruçar-se sobre si, a reflexão e o questionamento de velhos hábitos. Destacando a elaboração crítica das mulheres, a abolição dos espartilhos era citada na Revista A Colméia como uma mostra da "evolução do pensamento e da vontade do mundo feminino".<sup>100</sup>

---

98 Dr. Miguel Couto. In: Pythagoras, n.º 9 a 12. Dezembro de 1920.

99 Focalizando. "A causa da gordura". Ilustração Paranaense. Ano II n.º5 Curitiba, abril de 1928. p. 23.

100 A Colméia. Curitiba: Tipografia Setragini, 1898. p. 9.

Os currículos escolares, atravessados pelos discursos médicos higienistas, iriam reproduzir os ideais civilizatórios não só classificando os maus hábitos, mas agindo com intuito correccional. Fazendo um apelo à garantia da saúde pública, os preceitos higienistas viriam reforçar o modelo da família nuclear burguesa como exemplar, intervindo na atribuição de papéis e no inculcar da vigilância e auto-regulação:

*Se o asseio não é toda a higiene, constitui sua parte essencial, inútil, pois, insistir quanto a importância que há em inculcar as crianças hábitos de asseio, desde que entram para a escola e fazer desses hábitos imperiosa necessidade.*

*É uma educação a encetar, não menos útil que a física e intelectual, e que o asseio do rosto, das mãos, do pescoço, das orelhas, do couro cabeludo, das roupas deve ser objeto de vigilância incessante por parte dos professores e professoras.*<sup>101</sup>

Embora houvesse uma predominância discursiva, não só os homens debruçavam-se sobre o corpo feminino. Havia em Curitiba um grande número de mulheres parteiras que divulgavam suas habilidades, colocando-se a serviço da população feminina através dos jornais. Profissão legalizada para qual exigia-se curso e diploma, em 1920 as parteiras mobilizaram as autoridades públicas para conter o aumento e a ação das "aparedeiras", como eram chamadas as parteiras "clandestinas" que não tinham a formação exigida. A briga pela profissionalização também veio a expandir o curso de medicina às mulheres e inspirou a "reflexão sobre a coerência de oficializar certas ocupações exercidas pelas mulheres".<sup>102</sup>

A primeira médica curitibana, doutora Maria Falce, ingressara na Faculdade de Medicina em 1914. Autora de diversos trabalhos científicos, não se dedicou especificamente à saúde da mulher, no entanto seu feito causara a indignação de muitos, inclusive de colegas que no início do curso tentaram persuadi-la a desistir.<sup>103</sup>

---

101 Dr. Guiraud. Higiene e Asseio. In: Pátria e Lar. n°4. Curitiba, Outubro de 1912.

102 TRINDADE. Op cit, p. 266.

103 NICOLAS. Maria. Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná. Curitiba: s/ ed., 1977. .p.221.

O fato de ter persistido em meio a tantas críticas e dificuldades sugere que a doutora foi sensível às questões feministas da época, sendo ela mesma uma precursora, pois sua insistência em permanecer na Universidade Federal do Paraná denota seu entendimento sobre importância da extensão deste direito às mulheres.

Gradativamente as mulheres também iam adquirindo maior movimentação corporal, durante os estados em que anteriormente mantinham-se imobilizadas ou reclusas, caso do período da gravidez e da menstruação, paulatinamente desassociados da noção de "incômodos". Procedimentos higiênicos e tônicos, como a caminhada, os passeios ao ar livre e os banhos, iam sendo adotados:

*(...) quanto a opinião popular que empresta ao banho frio qualidades prejudiciais, durante a canícula, só se pode dizer que ela é uma abusão sem valor. (...)*

*A gravidez e todo o período da atividade uterina tiram também, do uso higiênico e científico do banho frio, reais e inestimáveis proveitos. Eis toda a vantagem de um banho frio.*<sup>104</sup>

Com o ideal feminino construído intrinsecamente ligado à maternidade, o próprio desejo de ser mãe fora incentivado de maneira que muitas mulheres não se sentiam completas sem terem filhos. Somente a mulher mãe possuiria o "*caráter de dignidade que a eleva[va] acima de si mesma*".<sup>105</sup> Uma boa mãe seria o "*objeto sagrado da veneração pública e das mais doces emoções*".<sup>106</sup>

A professora feminista Júlia Wanderley era extremamente respeitada pelo caráter de decisões firmes e inteligência com a qual circulava no cenário intelectual e político curitibano; entretanto, o fato de não poder ter filhos tirava-lhe a plenitude, alcançada somente através da adoção. No seu livro íntimo, montado com anotações pessoais, fotografias e recortes sobre as opiniões da imprensa a seu respeito,

---

104 Dr. E. M. *O banho frio*. Paraná Moderno, nº13, fevereiro de 1911. p. 3

105 Club Curitibano, nº23. Curitiba, 16 de dezembro de 1890.

106 Club Curitibano. nº23. Curitiba, 16 de dezembro de 1890.p.6.

escreveria: “em 1º de novembro de 1901 teve conhecimento do nascimento de seu amado filhinho adotivo... a quem consagrou toda a afeição da sua grande alma”.<sup>107</sup>

Apesar ser perceptível a eficácia simbólica na incorporação do "mito do amor materno"<sup>108</sup>, a modernidade trazia novidades para as curitibanas: o cinematógrafo, o teatro e a imprensa aproximavam-nas dos sonhos de beleza difundidos na Europa. Quem dera estarem em Paris, onde existiam as famosas “*émailleuses*” ou “esmaltadoras”, que operavam maravilhas “rejuvenescendo o rosto das senhoras de quem a formosura ameaça[va] despedir-se”; tais especialistas empregavam tratamentos “científicos e exclusivamente higiênicos”. Banho de água salgada, esfregação com toalhas grossas e dieta a base de grãos de café pela manhã, muito agrião, alface e espinafre para as gordas; caldos especiais e fortificantes para as magras; suspensórios para ombros caídos e massagens para carnes frouxas. Estes e tantos outros receituários eram usados para emagrecer ou engordar, branquear a cútis, alisar a pele... enfim, para corrigir todos os defeitos que constituíam a divisão entre fealdade e beleza.<sup>109</sup>

Pastilhas anti-sépticas, injeções e banhos de asseio, tônicos e pílulas podiam ser comprados na Farmácia Internacional, na Araújo, ou na Drogaria Suíça, todas localizadas na entre a rua Riachuelo e a antiga Praça Municipal<sup>110</sup>, ou ainda nas tantas outras drogas espalhadas pelo centro da cidade, visto que este comércio desenvolvia-se rapidamente. Fins estéticos e a manutenção da saúde estimulavam o uso de mirabolantes invenções farmacêuticas. Na procura da cura de moléstias mortíferas como a “phtisica, a escrófula, a sífilis, e também grande número de afecções mentais”, especialmente aquelas “*hereditárias e [que] passam dos pais*

---

107 Vários autores. Júlia Wanderley: Homenagem de seus colegas, amigos e admiradores. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia., 5 de maio de 1918. p. 5.

108 Conforme expressão de Elisabeth Badinter ao afirmar que o instinto maternal não existe naturalmente, mas foi construído culturalmente.

109 Paraná Moderno. Beleza Artificial. nº 3, 11/12/1910. p.3

110 Ponto de concentração do comércio, a Praça Municipal é atualmente a Pç. Generoso Marques. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Cores da cidade: Riachuelo e Generoso Marques. Curitiba: Fundação Cultural, v.3, nº 110, março de 1996.

*enfermiços a uma parte e algumas vezes a totalidade dos filhos*<sup>111</sup>, fabricavam-se tônicos, remédios e engenhosas fórmulas injetáveis:

*(...) Os líquidos... e que são obtidos pela maceração de diversos órgãos, como o cérebro de macacos e outros animais próximos ao homem, vêm hoje representar mais ou menos o licor da longa vida tão sonhado e tão trabalhosamente procurado, sempre inutilmente, pelos alquimistas medievais. (...) não é mais possível contestar o efeito tônico das injeções de líquido testicular sobre os indivíduos débeis, ou debilitados pela idade ou pela intemperança e ainda sobre os despauperados por padecimento de longa data.*<sup>112</sup>

A busca frenética da ciência médica por curas, sempre noticiada nos periódicos, expunha a fragilidade da incipiente ciência que ainda não dava conta de sanar todos os males como as doenças epidêmicas que causavam insegurança à saúde pública. Enquanto o progresso da medicina representava mais esperança do que a erradicação das epidemias, os habitantes de Curitiba viviam às voltas com medo de contaminações:

*Assistimos hoje, ao meio-dia, atravessar as ruas mais públicas desta cidade, um carro de praça conduzindo o cadáver de uma criança de 3 anos, que falecera hoje, às 3 horas da madrugada, vítima de crupe. [difteria]*

*O perigo que decorre de semelhante fato está no conhecimento de todos, e cumpre agora evitar pelos meios ao alcance das autoridades competentes, que esse veículo seja alugado para o transporte de outras pessoas, sem passar por uma rigorosa desinfecção. (...)*<sup>113</sup>

---

111 A Semana. Seção científica. Seleção médica. Ano I, nº10. Curitiba, 5 de março de 1893. p. 2.

112 A Semana. Seção científica. Seleção médica. Ano I, nº10. Curitiba, 5 de março de 1893. p. 2.

113 Diário da Tarde. Abuso. Ano V. nº 1325. Curitiba. 11/07/1903. p. 1.

Manipular roupas e objetos, isso sem falar no contato direto com pessoas atacadas por doenças contagiosas, ofereciam extremo perigo, pois as vias respiratórias poderiam absorver as "poeiras e miasmas nocivos" produzidos por escarros, suores e outras excreções. A desinfecção tornava-se indispensável, o Dr. Landouzy atribuía a grande freqüência da tuberculose nas lavadeiras apenas à manipulação das roupas antes da lavagem.<sup>114</sup> Entre 1917 e 1918, os habitantes de Curitiba foram acometidos de um grande temor com a chegada da "gripe espanhola". Apesar do medo do contágio, o trabalho das mulheres foi fundamental para a contenção da epidemia e o tratamento dos doentes. Nos hospitais e asilos agiam as enfermeiras, profissão restrita ao sexo feminino, e em suas próprias residências organizaram-se voluntariamente as senhoras filantropas com esta mesma finalidade.

A doença significava antes de mais nada uma perda. O organismo debilitado gerava improdutividade, incompatível com a industrialização e o progresso. Neste sentido os sujeitos eram chamados a higienizar-se e nutrir-se. Os preciosos líquidos orgânicos podiam irrigar o corpo tanto com a saúde quanto com as moléstias — sangue e sêmen deveriam ser depurados e nutridos:

*A nutrição do sangue. Para nós, criaturas mortais, o sangue é o princípio e o fim da existência.*

*Um sangue são significa uma vida completa; um sangue doente é meia vida, a perda do sangue é a morte.*

*Hematogen Dr. Hommel – É empregado com êxito crescente que não é alcançado por outro preparado, para produzir e melhorar a Anemia, Chorose, Neurastenia, na Convalescência, Raquitismo, Escrofulose, perda de sangue, é um ótimo fortificante durante o período da gravidez.*<sup>115</sup>

No caso dos homens, havia uma preocupação especial com a "perda" do sêmen, pois era entendida como a perda da virilidade e como o esvaír das forças másculas. Uma infinidade de anúncios de tônicos e elixires demonstrava a

---

114 Pátria e Lar. Desinfecção de roupas. n.º7 e 8. Curitiba, Janeiro e Fevereiro de 1913.

preocupação com as perdas do líquido seminal, bem como com a impotência e debilidade dos órgãos genitais. Prometendo o vigor sexual, depurativos e "específicos" eram aconselhados aos homens para manterem corpos viris. Moços ou velhos que queriam casar, deveriam, a bem da família, fazer uso dessas fórmulas durante algum tempo. "*Hipertrofias dos testículos, perdas na faculdade de procriação, abusos de prazeres sexuais, fraqueza dos órgãos*" e doenças venéreas contavam com as "curas infalíveis", vendidas em milagrosos frascos regeneradores anunciados nos jornais<sup>116</sup>:

*[Específico Áureo de Harvey. O Grande Remédio Inglês.] Cura rápida e radicalmente todos os casos de debilidade nervosa, impotência, espermatorréia, perdas seminais noturnas ou diurnas, inchação dos testículos, prostração nervosa, moléstia dos rins e da bexiga, emissões involuntárias e fraqueza dos órgãos genitais.*

*Este específico faz a cura positiva em todos os casos, quer de moços, quer de velhos, dá força e vitalidade aos órgãos genitais, revigora todo o sistema nervoso, chama a circulação do sangue para as partes genitais e é o único remédio que restabelece a saúde e dá força às pessoas NERVOSAS, DEBILITADAS e IMPOTENTES.*

*O desespero, o receio, a grande excitação, a insônia, e o desanimo geral desaparecem gradualmente depois do uso deste específico, resultando sossego, a esperança e a força. Este inestimável específico tem sido usado com grande êxito por milhares de pessoas, e acha-se à venda nas melhores farmácias e drogarias do mundo.*<sup>117</sup>

Mas não só os segredos da virilidade masculina eram engarrafados em poções de químicas manipuladas. O medo em torno da independência das mulheres estimulava também uma outra prática: elas deveriam sentir-se bem em casa, ao lado

---

115 Ilustração Paranaense. Nº 6. Curitiba, 1928.

116 Diário da Tarde. Anúncios. nº 21. Curitiba, 13 de abril de 1899. p.4.; Diário da Tarde. Maravilhoso medicamento. Ano V. nº 1325. Curitiba, 11/07/1903. p. 4; Diário da Tarde. Elixir Nogueira. Curitiba. 1903.

117 Específico Áureo de Harvey. Diário da Tarde. Ano V. nº 1318. Curitiba, 03/07/1903.

de seus maridos — daí a existência de alguns anúncios direcionados aos homens, com a promessa de através de manuais e elixires acabar com a "tristeza", a "frieza íntima", as "debilidades nervosas, neurastênicas e histéricas" femininas. Manter um bom funcionamento do organismo, evitando perdas energéticas, vinculava-se à produtividade e ao desempenho sexual. A impotência e a frigidez representavam "a causa de muitas desgraças sobre a felicidade da maioria dos casais", transformando o homem "num ser inferior" e a mulher em "geniosa e irascível". Em 1924, livretos e manuais podiam ser comprados "discretamente" pelo custo de 450 réis em selos do correio. Em prol da recuperação e promoção de tudo que fazia a "alegria e a felicidade do viver", "A frieza na voluptuosidade", de autoria do Dr. Beaugendre, continha um "gráfico viril", além de instruções e conselhos de acordo com as últimas descobertas da ciência.<sup>118</sup>

Longe de ser substância, receptáculo vazio, ou página em branco, o corpo era processo operador que se individualizava o tempo todo. As relações culturais de gênero emergiam como seu constituinte, ao mesmo tempo que denotavam sua transformação a partir da construção de novos hábitos e novos movimentos. A virada do século XIX para o XX representou para as mulheres, muito além da mera repressão, uma abertura de possibilidades performáticas do corpo, pois, embora houvesse um esforço em contê-las, não só as suas atitudes, mas a de muitos homens, demonstram um avanço na aquisição de liberdade de movimentos, passando a se sentirem sujeitos do seu próprio corpo e do seu próprio desejo.

### **3. 1. Sexualizando e transformando os comportamentos**

Medicina, psicologia, biologia, antropologia, entre outras modalidades científicas, nomeavam, classificavam e estabeleciam parâmetros de análise dos comportamentos sexuais, concorrendo para a codificação das práticas da sexualidade como sendo intrínsecas ao masculino ou ao feminino. Como exemplo desta intertextualidade, onde falas se entrecruzam, destaca-se o discurso pedagógico. Amparado na instituição escolar, disciplinava os comportamentos e reproduzia a

---

118 Gazeta do Povo. A frieza íntima. Curitiba, 15 de fevereiro de 1924.

visão sexista, conforme percebe-se no discurso de 1906 do Inspetor Escolar da Capital:

*Que se pretende do menino? Que como particular e como cidadão, trilhe o caminho do dever e da virtude. Que se pretende da menina? Que seja o anjo velador do lar, a carinhosa promotora da educação e da família. Pois o regime disciplinar da escola deve ser o mais acomodado para que no menino forme-se o homem de bem e na menina a matrona exemplar.*<sup>119</sup>

As instituições escolares tiveram um importante papel na difusão dos ideais republicanos de "ordem e progresso", calcados na disciplina e na edificação de uma moral classificatória e circunscritora de "papéis" diferenciados tanto para os meninos e meninas, quanto para os diferentes estamentos sociais e etnias<sup>120</sup>. Produzindo significados, "verdades" e saberes, as instituições mesclam redes complexas de poder, que se atravessam, sobrepõem-se e contradizem-se na constituição dos ideais de "feminino e masculino". O conjunto de aparatos reguladores do falar e do fazer sobre a sexualidade, evidenciados por múltiplos mecanismos, localizavam a preocupação com o comportamento feminino, na incerteza de um futuro em transformação.

Em Curitiba, diferentes correntes de pensamento — positivistas, anticlericais, maçônicos, católicos, espíritas, neopitagóricos, livres-pensadores — opinavam sobre como a mulher ideal deveria se comportar. Uns afirmando a dualidade feminino/masculino e outros, principalmente as feministas, insistindo na igualdade de direitos entre os sexos. Na "cidade das araucárias", imagem idealizada da mulher frequentemente a restringia ao espaço doméstico, atribuindo-lhe a nobre missão de mãe, esposa e "anjo velador do lar". Assim como a pátria seria a família ampliada, a

---

119 PARANÁ, S. Relatório do Inspector Escolar da Capital. In: Relatório do Director Geral da Instrução Publica. Curitiba: s. ed., 1906. p. 18.

120 Etelvina Trindade ressalta a educação das filhas de famílias imigrantes alemãs e do leste europeu era voltada ao trabalho, enquanto que as escolas de origem francesa atingiam a camada burguesa da população, desenvolvendo as prendas para uma boa esposa e mãe. In: TRINDADE, op.cit.

família seria o microcosmo da pátria, protetora e educadora de seus filhos, conforme lia-se nas notinhas corriqueiras do Clube Coritibano:

— *O que constitui a grandeza e a beleza morais da família é que ela descansa inteira sobre o sacrifício. (...) Que é que dá a mãe de família este caráter de dignidade que a eleva acima de si mesma? É que ela oferece em si a imagem viva do sacrifício.*

— *Uma boa mãe é o ídolo do seu sexo, o objeto caro e sagrado da veneração pública e das mais doces emoções. O verdadeiro sol para um menino é o sorriso de sua mãe.*

*A melhor das lições para uma filha é o exemplo de uma virtuosa mãe.*<sup>121</sup>

Entretanto, a publicização das mulheres tornava-se inevitável, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX, inclusive devido à afirmação do regime republicano, que promovia o discurso da "igualdade" e a educação feminil. Neste contexto houve uma mudança nas proposições discursivas, contudo tal modernização soa aparente, visto que ocorrem concessões que deslocam as "representantes do sexo feminino" de um patamar não mais de inferioridade, mas de complementaridade aos homens, não abolindo, portanto, aquelas diferenças tidas como naturais. Em vez de reafirmarem diretamente a desigualdade entre os sexos, os discursos articulavam-se mascarando as hierarquias, valorizando as mulheres no seu papel complementar, de auxiliares construção sociocultural, mesmo participando ativamente.

Segundo E. Trindade, a educação voltada à mulher neste período enaltecia "*a imagem da mãe, doce e protetora, garantia e confiança de que 'tudo está bem'*" e de seu papel conciliador. Era preciso "*domesticar*" desde cedo a personalidade feminina, a fim de que cumprisse com a missão de garantir a felicidade da família e o engrandecimento da humanidade. A educação feminil fora pensada no intuito de instruir e educar as mulheres conforme os padrões morais e éticos que as sujeitavam

---

121 Club Curitibano. n.º 23. Curitiba, 16 de dezembro de 1890.p.6.

a este modelo, utilizando "técnicas formadoras de um sentimento interno". Educar moralmente significava desenvolver hábitos e virtudes indispensáveis à missão materna e à construção de um lar harmônico e saudável para seu marido e filhos, repercutindo na sustentação da grande família chamada nação:

*A complementação da instrução pela educação — sobretudo educação moral — visa concretizar um nível ideal em que a mulher seja, ao mesmo tempo, amiga e conselheira do marido, companheira sedutora, boa doméstica e boa mãe de família, alcançando, assim, um desejável "meio-termo" de equilíbrio conjugal.*<sup>122</sup>

O fenômeno da feminização da cultura emergente na modernidade girava em torno destas conceituações, pensadas acima de tudo pela alteridade, fixando o homem como "exemplar modelar" a ponto de o gênero masculino ser identificado de forma generalizada com o gênero humano. O entendimento sobre a feminilidade é dado na sua oposição à masculinidade, então considerada intrínseca ao homem. Ao refletir sobre o nascimento da família nuclear na França, Elisabeth Badinter<sup>123</sup> mostra que no modelo da família patriarcal os homens encontravam-se num porto seguro, assumindo um lugar hierarquicamente superior. Assim a masculinidade é naturalizada a ponto de adquirir uma certa "invisibilidade", o que significa dizer que a feminilidade é que foi problematizada. Em 1908, já na primeira página de sua conferência sobre a mulher, Rui Teixeira Mendes afirmava: "*a apreciação do lugar que cabe à mulher no conjunto da existência humana, coletiva e individual, constitui, constituiu sempre, em todos os tempos, o máximo problema humano*".<sup>124</sup>

Da mesma forma, em Curitiba, vemos o comportamento feminino ser questionado e disciplinarizado como se somente ele corresse o risco de desviar-se, tentando mantê-lo dentro de um ideal. A historiadora Cynthia Roncaglio<sup>125</sup> observa que a "*felicidade masculina consistia em preservar o eterno feminino*". As virtudes

---

122 TRINDADE. op. cit. p. 45.

123 BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

124 MENDES, R. T. op. cit. p. 3.

125 RONCAGLIO, C. Pedidos e recusas, mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba: Pinha, 1997.

femininas de "doação ao outro" e docilidade seriam o contraponto à cultura masculina agressiva, competitiva e egoísta. Embora reivindicassem sistematicamente o direito à cidadania, a conquista do espaço público pelas mulheres curitubanas não significou a abdicação da dedicação ao espaço privado, num movimento conciliatório. Porém, baseando-se na "triade mãe-esposa-dona-de-casa", muitos contestavam a ampliação da participação pública das mulheres.

A questão do sufrágio feminino ilustra a polêmica. Embora possuíssem o "discernimento necessário" para escolher governantes, votar significava "equiparar-se ao homem", o que era visto como ameaça à manutenção social que cabia à mulher. O artigo do senador Barbosa Lima, publicado em 1925, no jornal O Dia, demonstra sua contrariedade às mulheres assumirem a função pública de votar e também de trabalhar, o que impediria a tarefa de educar e instruir a família:

*À mulher incumbe presidir o lar, educar a prole. Se a desviam para a vida pública, para a agitação dos comícios, ficará o lar entregue a quem?(...)*

*Não é o voto que se precisa dar à mulher. É, antes, uma casa, o pão, o conforto, que alicerçam a dignidade de suas nobilíssimas funções, como insubstituível deusa do lar.*<sup>126</sup>

O senador finaliza seu discurso, afirmando que o capitalismo deveria propiciar a permanência das mulheres em casa, dando condições aos maridos, pais e irmãos de sustentá-las. Assim, recuperando a "função feminina", a sociedade estaria a salvo, vendo inclusive diminuir a necessidade dos asilos, hospitais, creches e jardins-de-infância. Dessa forma propalava-se a "missão da mulher", dita superior à do homem "por sua influência moral" e cuidado com os outros. Estes discursos salientavam a inteligência e capacidade feminina, porém insistiam em mantê-las em esferas separadas e nas profissões que representavam a extensão da maternidade.

Para "Sexxito", articulista da Gazeta do Povo, a mulher até poderia vir a substituir o homem em atividades até então restritas ao seu sexo, mas uma mulher

---

126 LIMA, Barbosa. "O direito de voto das mulheres". O Dia, Curitiba, 08 de setembro de 1925.

engenheira ou advogada seria uma "anomalia". Temeroso diante das mudanças, sua opinião converge para a idealização da imagem de "anjo-da-guarda do homem":

*(...) então a divindade doméstica, esposa e mãe terá a satisfação de ver a sua missão produzir frutos, e em recompensa aos seus nobres esforços ela prosseguirá em seu caminho com aquele a quem ela assistiu de mão dadas, olhos levantados para o céu, cheia de confiança e de esperança e mesmo do orgulho por ter cumprido fielmente o seu dever.*<sup>127</sup>

Como mostra E. Showalter<sup>128</sup>, no *fin-de-siècle* a posição de segurança masculina se desestruturaria, principalmente porque se acentuava a problematização dos padrões de feminilidade. Atitudes diferenciadas dos padrões, a transitoriedade da moda, dos tratos com o corpo e dos comportamentos nos vários espaços urbanos, implicavam e eram impulsionados pelo redimensionamento da feminilidade, que invadia o público, feminizando-o. Tida como um atributo inato, universal e permanente, a virilidade era considerada característica "essencial" ao homem e um dever constantemente posto à prova, portanto constantemente reconstruído e retrabalhado, mesmo que ser homem moderno, no contexto estudado, partisse de uma posição de poder já consolidada socialmente. As mudanças nas relações entre os gêneros afetariam ambos os sexos.

Jacques Le Rider<sup>129</sup> alega que o fenômeno da feminização da cultura corrói as certezas dos valores tradicionalmente tidos como viris, instaurando a crise da masculinidade na modernidade vienense. Neste mesmo raciocínio, Badinter sugere que o surgir de um novo tipo de mulher ameaça romper com as fronteiras sexuais tradicionalmente impostas, outro fator na crise de identidades sexuais:

*Longe de ser pensada como absoluta, a masculinidade, atributo do homem, é relativa e reativa. Tanto que, quando a feminilidade muda – em*

---

127 SESXITO. "A missão da mulher". *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 de setembro de 1926.

128 SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual. Sexo e Cultura no fin de siècle*. RJ: Rocco, 1993. p22.

129 LE RIDER Op. cit.

*geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade, a masculinidade se desestabiliza.*<sup>130</sup>

A crise da identidade sexual masculina foi uma das evidências da feminização da cultura na virada do século em Curitiba. Os discursos analisados denotam a instabilidade provocada pelo medo da feminização dos espaços públicos e da mudança nos comportamentos que estreitam as fronteiras entre os sexos. As maneiras femininas de fazer tornam-se mais presentes nas atividades culturais até então predominantemente masculinas:

*Mais uma vitória do feminismo! É esse o nosso grito de satisfação, a cada senhora ou senhorita que ingressa numa secretaria de Estado para encanto da burocracia e, dizem os entendidos, também para boa ordem dos serviços públicos.*<sup>131</sup>

A modernização da cidade e a crescente industrialização desconcertava o ideal de virilidade masculina, a partir do momento em que a mecanização de certas tarefas já não exigia mais as "qualidades viris" para serem cumpridas, podendo ser realizadas por mulheres e até por crianças, reforçando a angústia de alguns homens. Algumas mulheres, por sua vez, entendiam a importância de entrar para o mercado de trabalho, não só por força da necessidade, mas também pelo ideal de independência. A abertura do campo profissional para a população feminina motivava uma diferenciação qualitativa na sua atuação. Em 1926, a fábrica de tecidos São José, situada no centro de Curitiba, considerada tão ampla e moderna como as do Rio de Janeiro e São Paulo, tinha seu quadro de empregados formado majoritariamente por mulheres:

---

130 Op cit, p. 11.

131 MAUL, Carlos. "Feminismo, feminismo". Gazeta do Povo. Curitiba, 14 de janeiro de 1924. p. 4.

*(...) Possui grande quantidade de teares, os mais modernos que existem, que trabalham continuamente, produzindo enorme quantidade de tecidos.*

*(...) Trabalham, além dos empregados no escritório, numerosos operários em sua maioria de sexo feminino, sendo esta uma orientação acertada, visto que o trabalho sendo leve e demandando cuidado e caprichos especiais, adotassem a maravilha ao temperamento da mulheres operárias. (...)*<sup>132</sup> [sem grifo no original]

Apesar do grande esforço empregado para circunscrever as mulheres em espaços restritos de atuação, tamanha preocupação em regular as condutas advinha da percepção da transformação social. A modernização dos costumes, visualizados principalmente via mudanças no comportamento feminino, causava o medo da desestabilização dos "pilares" da sociedade: a família e mãe. Apesar da insistência na manutenção da normatividade, imprimiam-se na formação cultural curitibana as ações daquelas que afirmavam sua especificidade, construindo novas possibilidades de vida. Já é hora de questionarmos uma leitura do passado profundamente vitimizadora e apassivadora da imagem da mulher.

---

<sup>132</sup> "Pelas indústrias". Ilustração Paranaense. Ano I. n° 1. Curitiba, novembro de 1927. p.17.

#### 4. Maneiras femininas de fazer: ações afirmativas

As mulheres curitibanas no *fin-de-siècle* tinham entendimentos sobre si muito mais amplos, perspicazes e diferenciados do que a normatividade vigente pretendia fixar, ou que nosso olhar hoje admite. Anônimas ou não, elas provaram cotidianamente que também estavam construindo a si mesmas e à cidade. Traçando linhas que fogem aos modelos e exercitando sua subjetividade, as atitudes afirmativas das mulheres iam incessantemente proporcionando a feminização dos espaços, de práticas e da construção cultural.

Neste sentido, conforme sugere Foucault, visualiza-se o poder apreendendo sua capacidade produtiva, ou seja, é a própria ação coercitiva e disciplinarizadora dos discursos sobre a sexualidade/feminilidade que abre a possibilidade de analisar os mecanismos utilizados pelas curitibanas para intervir nesta ordem, trazendo à tona a multiplicidade de diferenças, extrapolando os limites em relação ao gênero, enleados num jogo de domínios e oposições, subjetivação e resistência.

Vale notar, como as atitudes estratégicas e questionadoras das mulheres chamavam a atenção da imprensa. A coluna "casos interessantes", do jornal "O Diário da Tarde", freqüentemente as noticiava. Ainda no século XIX, em 1899, fora publicado o artigo "Marido e Mulher", sobre a desavença de um casal provocada pela vontade da mulher de vender a casa onde viviam, de sua propriedade. Depois de um "bate-boca infernal", considerando-se lesado no negócio, o marido, Francisco Eugênio, "avançou sobre a esposa".

Verônica, a esposa, andava há tempos tratando de separar-se, porém ainda eram "efeitos do casamento civil" investir o marido dos direitos de fixar residência, autorizar a profissão da mulher, sustentá-la e administrar os bens comuns. Pode-se imaginar as dificuldades legais e principalmente morais que envolviam uma separação. No entanto, sofrendo ameaças de agressão, Verônica levou o caso à polícia, que "fez o que pôde e o que na sua atribuição lhe cabe", adiantando e tornando legal o processo de separação:

*(...) a policia fez o mau marido assinar termo de segurança. A desunião estava estabelecida, a desarmonia firmada. Iam agora viver separados; nem mais uma hora juntos! ... Continua agora o divórcio, o divórcio! ... ai! se a moda pega!*<sup>133</sup>

Numa época em que não era comum o divórcio, tampouco a mulher tomar frente dos negócios do casal, atitudes como a de Verônica, de fazer uso da instituição policial, convertendo as leis vigentes em benefício próprio, demonstram que havia possibilidades de trânsito e até de escape da ordem moral, permitindo aos sujeitos operacionalizar ações sobre sua própria conduta. Criando fórmulas para lidar com constrangimentos, regras e obrigações, as mulheres encontravam brechas para se deslocar e jogar com as normas.

Apesar de práticas e linguagens constituírem sujeitos masculinos e femininos, produzindo "marcas" que se efetivam devido a uma gama de investimentos feitos pela família, escola, igreja, lei, etc., pode-se vislumbrá-las agindo tanto como reforço de práticas hegemônicas, quanto como disponibilizadores de divergências, contradições e alternativas, pois os sujeitos não respondem a este processo como "meros receptores". As curitibanas não estavam simplesmente sujeitas à manipulação das estratégias alheias, externas, mas criavam suas próprias possibilidades de movimento, sendo ativas na constituição de suas identidades. Em estudo sobre a identidade de gênero, Guacira L. Louro afirma:

*(...) Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas*

---

133 Diário da Tarde. Anno I, nº 13. Curitiba, 4 de abril de 1899.

*formas de ser ou “jeitos de viver” suas sexualidade e seu gênero.*<sup>134</sup> [Sem grifo no original]

Pode-se vislumbrar a feminização cultural a partir dos "jeitos femininos de viver", desestabilizadores dos padrões de ideais binários de virilidade/masculina e maternidade/feminina. Feministas como Júlia Wanderley, Leonor Castellano, Raquel Prado e Marianna Coelho defendiam a instrução e o trabalho feminino, buscavam igualdade social, afirmando e lutando pela garantia e ampliação de direitos. Entretanto, mesmo defendendo a cidadania feminina, incluindo aí a profissionalização e o direito ao voto, lembravam em seus artigos que as mulheres não precisavam desconsiderar sua importante missão no lar. Provavelmente, ao menos em parte, este discurso fora usado como estratégia conciliadora, pois havia a necessidade de convencer sobre a importância da atuação pública da mulher rompendo com o preconceito em relação ao feminismo. Era preciso fazer entender que a igualdade de direitos não traria o tão temido caos social nem uma inversão dos papéis masculinos e femininos.

Uma das feministas mais ativas, a educadora Marianna Coelho deixava claro que seu ideal de emancipação da mulher não equivalia à usurpação de uma posição superior a do homem, "*o que seria necessariamente, de um insuportável ridículo que lhe roubaria a sua mais preciosa e principal simpatia moral*", mas reivindicava respeito, valorização das capacidades femininas e igualdade de direitos:

*Não é dessa forma, absolutamente inaceitável, que minha compreensão e o meu senso concebem a emancipação da mulher; ela deve ser relativa, e tão justamente compreendida que não isole o vulto feminino de toda essa atraente e doce poesia que o cerca no lar – pois só aí encontrará o império que mais lhe compete e que melhor corresponde, em todo o sentido, a sua adorável e melindrosa natureza.*

---

134 LOURO. Guacira L., (org.) *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.p 25/26.

*Que a mulher trabalhe e estude, que se engrandeça pela sua elevação moral e intelectual ao lado do homem, fundando, em simpática associação, os alicerces da sociedade futura.*<sup>135</sup>

A professora, pintora e crítica literária Georgina Mongruel, outra mulher atuante na sociedade curitibana *fin-de-siècle*, escrevendo em francês, sua língua natal, expunha com igual determinação sua opinião, porém opunha-se às colocações de M. Coelho, defendendo a instrução feminil desde que trouxesse benefícios à consagrada missão doméstica, afirmando que a mulher deveria permanecer no lar, sendo-lhe incompatível e desnecessária a profissionalização, bem como o direito ao voto.

Embora adepta do ambíguo "bom feminismo", que pouco questionava a situação das mulheres, Georgina apoiava a instrução feminina e, assim como outras articulistas, fazia questão de manifestar-se publicamente apropriando-se da imprensa como espaço de debate, aliás, acirrado, quando tratava-se de "dialogar" com d. Marianna Coelho.

As reivindicações feministas ao voto, educação e trabalho soavam como alarmantes, ameaçando os poderes públicos e a vida cotidiana dos homens. Mas a emancipação das mulheres mostrava-se inevitável; na prática muitas trabalhavam tanto quanto os homens e ainda tinham sua competência constantemente posta à prova. O regime republicano valorizava a educação feminina e abria o debate sobre a profissionalização. A demonstração de competência nos locais de trabalho que iam se feminizando provocava elogios, defendendo a entrada das mulheres no mundo profissional como ícone moderno, embora ressaltando a vantagem destas se submeterem a salários menores, conforme artigo do jornal "Paraná Moderno", publicado em 1911:

*(...) Nos grandes centros sociais encontra-se multidão de moças ocupando profissões até agora exercidas pelos homens exclusivamente. A mulher, devido à sua perseverança, inteligência, habilidade, graça e, por*

---

135 COELHO, M. "Emancipação da mulher". In: A Colméia. Curitiba: Tipografia Setragni, 1898. p. 3.

*que não dizer logo, pela sua aptidão e zelo pelo desempenho de suas obrigações, tem conseguido êxito de esforços nas lutas em que se empenha com o homem: além disso, se satisfaz com salário menor. (...) Porém, para esta batalha cotidiana elas necessitam de aprender, de estudar, de praticar no comércio, na indústria, nas escolas – portanto compete ao Estado ou a iniciativa progressista de particulares, conduzir a mulher pelo caminho dos seus novos destinos sociais.*<sup>136</sup>

Eram freqüentes os “meetings” de mulheres para discutir questões políticas, culturais e profissionais. As trabalhadoras lutavam por melhores condições de trabalho e salário, enquanto aquelas que podiam estudar reivindicavam ingressar em cursos profissionalizantes e na universidade para atuar em profissões consideradas masculinas<sup>137</sup>. A trajetória da “primeira professora de Curitiba”, Júlia Wanderley, ilustra bem esta questão. Paranaense nascida em Ponta Grossa, veio para Curitiba em 1879, tendo como mestres prestigiados intelectuais do final do século XIX.<sup>138</sup> Destacou-se desde o início da sua trajetória estudantil pelas aprovações com distinção nos exames, que eram constantes, bem como os elogios à sua notória inteligência.

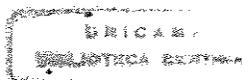
Em janeiro de 1891, então com 16 anos, Júlia Wanderley requisitou ao Governo do Estado autorização para cursar a Escola Normal, cuja freqüência na época só era permitida aos alunos do sexo masculino. Às mulheres cabia apenas o recurso de prestação de exames para a habilitação ao magistério. Desejando porém ter o mesmo direito que os rapazes, insistiu e acabou não só por receber tal autorização, como abriu caminho para outras mulheres<sup>139</sup>, pois lhe fora imposta a condição de que não fosse a única moça a assistir aulas neste espaço considerado masculino. O ingresso de mulheres na Escola Normal deve-se portanto ao seu incentivo, gesto de enorme repercussão na sociedade do final do XIX. Em novembro

---

136 Paraná Moderno. O problema da existência. nº15, Curitiba, 5/03/1911. P.2.

137 Embora houvesse no Brasil faculdades já tradicionais, a Universidade Federal do Paraná foi a primeira a surgir no país com este título, inaugurada em Curitiba em 1912.

138 Entre seus professores estão: Nivaldo Braga, Justiniano de Mello, Francisco Guimarães, Miguel Schleder, Euzébio da Mota e Mariano de Lima.



de 1892, foi a primeira mulher a formar-se como professora no Estado, passou a lecionar e dirigir a Escola Tiradentes em 1895 e, em 1901, ainda nesta instituição, tornou-se regente do curso do 2º grau.

Contrariando a afirmação de certos estereótipos da feminilidade, a "nossa professora" era reconhecida pelo "espírito científico"<sup>140</sup> e de luta; colegas consideravam-na a advogada do professorado, defendia arduamente seus direitos: "*muitas vezes clamou com eloquência e vitoriosamente perante o Governo, contra erros e injustiças que afetavam interesses de colegas seus*"<sup>141</sup>. Júlia Wanderley atuava politicamente, quando não de forma direta, como "conselheira", com "*espírito clarividente e patriota, preocupava-se também com as cousas públicas de sua terra, aproximando-se dos próceres de nossa política, com os quais sabia confabular, sempre com elevação de vistas*".<sup>142</sup>

Colaborou com a imprensa local nos periódicos "Operário Livre", "O Artista", entre outros. Conhecedora de política, filosofia e sociologia, escreveu artigos sobre educação, pedagogia, questões sociais e ciências. "*Observe-se a série de artigos sobre o ponto de transição das espécies, escrita com menos de 18 anos de idade. Seria hoje assinada, ufanosamente, por qualquer naturalista renomado*".<sup>143</sup>

Na revista do grêmio dos professores públicos do Paraná, "A Escola", publicou o relatório do ano letivo de 1905, mais que um relato, trata-se de um estudo que evidencia o pensamento educacional da época. Sempre atenta às novidades modernas, noticiava as recentes conquistas científicas — e, na montagem de seus álbuns pessoais, se utilizava da fotografia, pois lhe interessava *a história por imagens*. Foi nomeada membro efetivo do Conselho Superior do Ensino Primário, criado para sistematizar a educação, do qual também fez parte Joana Falce de Scalco, que fora convidada para estagiar na "Casa dei Bambini", na Itália, por Maria Montessori, com quem se correspondia. Júlia Wanderley lecionou durante 25 anos.

---

139 Também ingressaram na Escola Normal: Maria Rosa Gomes, Isabel Guimarães e Cândida Nascimento.

140 ERVEN, H. Munhoz van. *Júlia Wanderley. Uma vida que igualou o seu destino*. Curitiba: Edição do Autor, 1945. p. 10.

141 Idem, *ibidem* MACEDO, Francisco R. Azevedo. p. 9.

142 Idem, *ibidem* AMARAL, Victor do. p. 7.

143 Op.cit. ERVEN, p. 10.

Por ocasião de seu falecimento, em 5 de abril de 1918, fora decretado luto oficial de três dias nas escolas do Paraná.

Embora sejam relativamente poucos os registros encontrados sobre ela, sem dúvida uma mulher de atuação singular na sociedade paranaense do final do século XIX e início do XX, é interessante observar que não se ousou criticar sua postura. Textos e depoimentos de seus contemporâneos citam-na como referência e com admiração, "símbolo da mulher moderna", caracterizada pelo "caráter rígido e marcante" — o que teria lhe proporcionado alguns desafetos —, "inimiga da opressão", "cientista vocacional"... cujos maiores desejos foram o combate ao analfabetismo e a emancipação da mulher.

Entusiastas do feminismo elogiavam estas atitudes, e perguntavam-se até quando mulheres se contentariam com as meias conquistas trazidas com a profissionalização e a abertura do mercado de trabalho, já que estas não impediam as mulheres de receberem menores salários e serem vistas como "coisas":

*Mas o mais interessante é que, ao passo que as mulheres penetram nas oficinas que pareciam privativas dos homens, a sociedade luta por compeli-las à sua antiga condição de coisa, objeto de luxo, jóia muçulmana para a delícia dos sultões modernos...*<sup>144</sup>

As trabalhadoras contribuíam ativamente na manutenção econômica de suas casas, condição aceitável em casos excepcionais, mas bem difundida na prática, onde a posição de provedoras lhes assegurava maior autonomia. A preocupação de que "faltasse o homem", em caso de morte, abandono ou "solteirice", e o medo diante das possíveis conseqüências da I Guerra difundidas na Europa eram justificativas para que as mulheres entrassem para o mercado de trabalho.

A preocupação com o "ganha-pão" feminino foi alvo de debates durante todo o período pesquisado; o Almanach do Paraná de 1900 comentava o artigo de um escritor alemão sobre a dificuldade das mulheres para exercerem profissões que as

---

144 MAUL. op. cit.

tornassem independentes de qualquer tutela, situação provocada pela educação e não por elas próprias ou por alguma incapacidade de seu sexo:

*Na opinião de Herr Wild-Queisner, em vez de piano, de canto, de desenho (exceção feita dos casos especiais de vocação declarada), as moças deveriam aprender geografia, cálculo – cálculo muito particularmente - e também muita ginástica para endurecer o corpo e torná-lo resistente às fadigas da vida. (...) deseja ainda que durante um ano ou dois saiam para fora de suas casas, - completados que sejam seus estudos – e no seio de outra família aprendam o que é dirigir a barca doméstica (...). Afirma-nos ele que esta aprendizagem produziria os melhores efeitos, mesmo ao ponto de vista sentimental e que seria esse o melhor meio, para uma candidata ao matrimônio, de encontrar sem demora um bom marido.(...) Admitamos porém que o marido se mostre esquivo. É então que intervém diretamente Herr Wild-Queisner com uma lista de não menos de trinta e duas profissões acessíveis às mulheres. (...)*<sup>145</sup>

Desenvolvendo extensa atividade literária como cronista, ensaísta comentarista e jornalista, Leonor Castellano, que chegou na década de 40 a ser a primeira mulher a ter cargo de chefia na Procuradoria do Estado, escreveria ainda no início do século, sob o pseudônimo de Flor D'Alisa, em resposta a um de seus interlocutores fiéis, o anti-feminista Flávio Lacerda:

*Se a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação intelectual e pecuniária aí vem a grita dos rubros anti-feministas, a chamá-la de ousada. Por quê? Dizem duas palavras e escrevem, e... se sustentam, eis o grande crime!*

*De qualquer forma, não seremos jamais isentas de chistes e zombarias (...)*<sup>146</sup>

---

145 Almanach do Paraná. “O que virá a ser de nossa filha?”. Curitiba, 1899. s/p.

146 Flor D'Alisa. “O feminismo”. Gazeta do Povo. Curitiba, 30 de janeiro de 1924.

A emancipação intelectual e pecuniária denotava o quanto vinha se feminizando a cultura. As "zombarias" das quais eram vítimas as feministas revelavam o medo perante tal situação que desestabilizava os homens. Se as mulheres passaram a estudar, trabalhar, escrever para os jornais e a usar calças, o que o futuro poderia reservar aos homens? Chegaria o dia em que eles assumiriam as funções das mulheres convertendo-se em sujeitos femininos, abalando sua identidade viril tradicional?

A apropriação de atividades "masculinas" era ampliada, acontecendo em diferentes campos além do trabalho e educação. Assistindo partidas de futebol, corridas de cavalo, regatas, jogando peladas, ou competindo no basquete, natação, tênis, boliche, entre outros esportes, na década de vinte, consagravam-se as "sportswomen" como símbolos de saúde e beleza. A prática de esportes, divulgada principalmente pelas imigrantes alemãs e francesas, além de incentivada pelos médicos higienistas, foi mais uma forma de sociabilidade invadida pelas praticantes do "belo sexo". Ao contrário de significar mera futilidade, as competições esportivas também denotavam sua emancipação. Na coluna "Pelo Sport" da revista "Senhorita", em 1920, a foto de um time feminino de basquete vem acompanhada do seguinte comentário:

*As nossas gentis leitoras que competem o valente Team do Internacional "Basket Ball" desta capital. Assim vão as nossas patricias acompanhando a evolução da moderna civilização, solidificando-se não só na música, nas letras, como no esporte e em todos os ramos da atividade humana.*<sup>147</sup>

Entre os episódios mais inusitados que envolveram esportes e mulheres em Curitiba está o primeiro vôo de balão realizado na cidade, pela espanhola circense Maria Aída, assistido por um público recorde lotando o Passeio Público ansioso pelo espetáculo deste mecanismo voador, ainda mais curioso tratando-se da coragem aventureira de uma mulher. O fato do vôo ter se resumido a uma pequena trajetória

---

147 Senhorita. Pelo Sport. Curitiba, julho de 1920.

aérea, terminada com o enroscado do balão na torre da catedral, não diminuiu em nada os brios de tal apresentação, assistida por uma "verdadeira multidão".

A imprensa também se configurava como crescente oportunidade de expressão. Ao comentar uma carta anônima que recebera através de sua coluna, a jornalista Raquel Prado respondeu indignada à crítica da autora que considerava a carreira de letras muito árdua para as mulheres, dizendo que estas deveriam agradecer por si só, ocupando-se única e exclusivamente de seu vestuário, de manter-se bela e de freqüentar teatros, concertos e bailes: "*Letras, ilustração, isso tudo é só para os homens, mulher deve ler jornais e figurinos, coisas que tratam das últimas modas*". A feminista Raquel Prado, que iniciara bem jovem na carreira do jornalismo, aos catorze anos, respondeu comentando que mesmo para ir ao Lírico não bastava ser elegante, mas era necessário entender do que se tratava a ópera e, para tanto, conhecer línguas era fundamental. Quanto aos bailes e concertos, comparecer ricamente vestida e distribuir olhares aos admiradores também não bastava; era preciso ao menos saber travar conversações indo além dos habituais sim e não que garantiam a sustentação dos "*castelinhos que faziam a seu respeito*"<sup>148</sup>.

Desenvolvendo múltiplas atividades, Raquel Prado, nascida em 1891, foi decana de diversas instituições culturais do Estado, como do Centro Paranaense Feminino de Letras, fundado em 1933. Tendo residido no Rio de Janeiro, fora reconhecida por seu "espírito eclético e progressista", recebendo elogios públicos de renomados "homens de letras", entre eles: Luiz Edmundo, Theo Filho, Sebastião Sampaio, Rocha Pombo, Martins Fontes, Coelho Neto e Goulart de Andrade. Conferencista, poetisa, autora de contos infantis e educativos, a líder feminista desenvolveu campanhas de alfabetização, de educação sexual e foi a primeira mulher paranaense a ser editora, fundando a Editora Ravaró em 1934.

O reconhecimento das maneiras de fazer femininas nas produções culturais são de extrema relevância, pois atestam a influência e a importância destas contribuições. O espírito crítico e polêmico acompanhou o trabalho jornalístico e literário das mulheres paranaenses, marcando a feminização destes espaços em Curitiba.

---

148 Diário da Tarde. Curitiba, 08 de outubro de 1908. P. 1.

A literatura paranaense teve como marco inicial a produção de uma mulher, a poetisa Júlia da Costa, nascida em Paranaguá em 1844. Nascida em uma família culta, desde cedo habituou-se ao piano e a leitura de poesias. Em 1867, aos 23 anos, publicou seus primeiros poemas sob o título de "Flores Dispersas", o segundo volume (2ª série) com o mesmo título seria publicado em 1868. Em "Bouquet de Violetas"<sup>149</sup>, de 1868, provavelmente estejam editados os poemas publicados entre 1882-3, no jornal O Itiberê, de Paranaguá. "Flores Dispersas" foi a primeira obra de autoria paranaense publicada no gênero. Em 1896, o também escritor e literato Dario Vellozo, ao traçar um panorama da literatura no Paraná, cita esta obra como o marco da primeira fase da literatura no Estado:

*A primeira obra literária, firmada por paranaense, creio ser o opúsculo de D. Júlia Maria da Costa. – Esta senhora, nascida em Paranaguá, escreveu as Flores Dispersas, ... Tem a mulher, pois, a primazia entre os cultores do Verso no Paraná. A uma poetisa se deve o primeiro livro que revela encantadora feição da alma Paranaense...*<sup>150</sup>

Sua poesia romântica caracterizada pela sensibilidade e lirismo têm a nota passional e íntima dos afetuosos nostálgicos pungidos de tristeza e saudade<sup>151</sup>. Ao escrever sobre Júlia da Costa, seus contemporâneos paranaenses<sup>152</sup> apontam uma obra profundamente marcada por uma vida infeliz devido à imposição familiar de casar-se contra a vontade, indo viver em outro Estado, longe da terra que amava, e a frustração de não ter concretizado um amor impossível. Júlia da Costa correspondia-se com o poeta e professor catarinense Benjamim Carvolina, seu grande amor. As mais de 40 cartas cuidadosamente conservadas por ele revelam um romance repleto de ilusões e desencontros. Dedicou-lhe muitos de seus poemas como "Ao autor das

---

149 Nenhum dos estudiosos da autora localizou esta obra.

150 VELLOZO, Dario. Esmerilhos. A Litteratura no Paraná. In: Revista Club Coritibano, Anno VII. Curitiba: Typografia Dezenove de Dezembro, 15 de junho de 1896. Artigo considerado como a primeira tentativa de traçar um panorama das letras no Paraná.

151 idem, ibidem, p.1.

152 Entre os contemporâneos que citaram Júlia da Costa estão: Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Rodrigo Júnior, Leôncio Correia, Tasso da Silveira e Marianna Coelho.

rimas de ouro", do livro "Flores Dispersas". A primeira separação teria acontecido porque Carvolina afastou-se sem coragem para assumir o relacionamento.

Há controvérsias sobre quando a poetisa teria deixado o Paraná para residir em Santa Catarina<sup>153</sup>. Sabe-se que casou com o comendador Francisco da Costa Pereira, então com 58 anos, em 1871, na cidade de São Francisco do Sul, onde viveu até falecer. Embora mantendo-se fiel ao seu grande amor, casada, projetou-se socialmente ao lado do marido, personalidade importante na província de Santa Catarina. Sua vida social era intensa, recebendo para reuniões políticas e saraus literários característicos do final do século XIX; chamava a atenção pela elegância, inteligência e cultura singulares.

Continuou colaborando com jornais do Paraná e de Santa Catarina. Escreveu também sob os pseudônimos de Americana, A sonhadora e \*\*\*, mas sua poesia adquirira neste período outra conotação, ainda mais "melancólica e dolorosa". Esta tristeza é vista pelos seus biógrafos, como de "origem remota muito íntima... típica das *"éternelles blessées"*<sup>154</sup>, ou como tradução do infortúnio, revolta íntima associada à infelicidade conjugal que lhe obrigava a conviver com "o caráter rude e mercantil do esposo, ... inculto marido".<sup>155</sup>

Em 1892 ficou viúva. Já estava com a visão comprometida. Quase cega, Júlia passou seus últimos anos isolada, vivendo reclusa num dos quartos da casa. Consta que perdera a razão em 1900, vindo a falecer "demente", em 12 de junho de 1911. Após sua morte, foram encontrados no seu quarto painéis feitos de recortes de tecido e papel, e versos escritos em tampas de caixas de papelão. Provavelmente não pôde extravasar como queria seus sentimentos e pensamentos incomuns para uma mulher da época em que viveu, daí citar em carta ao primo que a "inteligência nas mulheres é um dom fatal".<sup>156</sup> Muitos dos episódios relacionados à sua vida tornaram-se "lendários", sendo alvo de diferentes interpretações. A biografia da primeira poetisa paranaense sem dúvida mereceria hoje maiores atenções.

---

153 Colombo de Souza afirma ter sido em 1870, já seu biógrafo catarinense, Carlos da Costa Pereira, afirma que Júlia já vivia em São Francisco antes da publicação de Flores Dispersas (1867), podendo ter ido residir em SC por ocasião da morte de seu pai, em 1849.

154 PEREIRA, C. da C. Trços da vida da poetisa Júlia da Costa. Florianópolis: FCC, 1982. p. 30.

155 NICOLAS, Maria. Pioneiras do Brasil. Estado do Paraná. s. ed., 1977. p. 179.

A Colméia, revista dirigida às famílias publicada em Curitiba a partir de 1898, ilustrava a ambigüidade existente entre o cumprimento dos papéis normatizados por uma rede discursiva e as ações individualizadas na esfera pública. Publicizando subjetividades femininas traçadas nos artigos escritos por mulheres, nota-se a busca por interlocutores e o próprio redimensionamento da identidade feminina, expresso na vontade presente de interferir no cotidiano e na visão que as mulheres tinham sobre si.

Deslocando questões de ordem privada para o debate público, promovendo a circulação entre os dois espaços, a Colméia e outros periódicos femininos da época<sup>157</sup> prestavam auxílio à organização do lar, oferecendo toda a sorte de conhecimentos indispensáveis sobre moral, higiene, maternidade, culinária e conselhos domésticos, mas inovavam mantendo ainda seções especiais dedicadas à propaganda feminista.

A ocupação de novos espaços de produção pelas mulheres refletia a movimentação das fronteiras entre os gêneros. Nesse sentido, as representantes do "belo sexo" desconstruíam os preconceitos e o forjar das suas identidades. Além disso, a dinâmica cultural que escapava à ação racional dos sujeitos, alterando maneiras, hábitos, modos e costumes.

---

156 PEREIRA, op. cit. p.28.

157 Entre os periódicos femininos encontrados na pesquisa encontram-se alguns poucos exemplares da "Revista Azul" e "A Sempre Viva" e apenas um exemplar de "A Colméia" e "A senhorita".

## 5. Filantropia e coquetismo: artes femininas de fazer

### 5.1. Assistencialismo e filantropia: cuidar é saber

A urbanização de Curitiba trouxe consigo uma série de problemáticas sociais: pobreza, embriaguez, mendicância, abandono, desemprego, prostituição, maternidade não assistida, doenças endêmicas e epidemias. A gravidade e dificuldades geradas por estes problemas estimulou a prática filantrópica, que por sua vez contribuiu para a retirada das mulheres do confinamento do espaço doméstico.

Visitar doentes, ajudar os pobres, assistir as mães carentes, recolher e distribuir donativos, organizar campanhas e festas beneficentes, construir e manter instituições assistenciais, entre outras atividades afins, demandaram intensas relações públicas femininas, em cujos encontros revelava-se a descoberta de uma cumplicidade de gênero.

Grupos organizados de mulheres surgiam como um espaço de atuação pública, expressando a feminização da organização social. Principalmente moças e senhoras burguesas participavam dos grêmios, centros, sociedades e uniões, com diversos objetivos. Estes promoviam desde *meetings* políticos, discutindo, por exemplo, a questão dos limites entre os Estados de Santa Catarina e Paraná, a produção literária na capital, até a pobreza e necessidades sociais. As "*chics sorriés*", festas e recepções no lar burguês e os saraus, bailes, festas temáticas, homenagens e comemorações realizadas nos clubes, aconteciam geralmente organizados pelas mulheres, com fins beneficentes, sendo um viés pelo qual aumentavam sua visibilidade.

Esta entrada no público via práticas de sociabilidade, cuidado e assistência incentivou a criação de vários grupos filantrópicos, culturais, religiosos, literários e desportistas. Os grêmios como o Juvenil, Dramático, Glória, Cassinista, Bouquet, Regina Marguerita e das Violetas, entre outras associações, promoviam atividades recreativas, religiosas, cívicas e beneficentes, "lotando e encantando" os ambientes "vistosamente enfeitados" para tais ocasiões. As colunas sociais dos jornais e revistas, sempre atentas aos salões dos clubes, noticiavam os bailes e "*grand parties*"

que aconteciam no Curitibano, Concórdia, na Sociedade Thalia, no Hauer, na Sociedade Garibaldi e demais.

Cada vez mais mulheres se engajavam nos grêmios e associações, prática que se acentuou em Curitiba a partir da década de 1910 e ganhou enorme visibilidade na década de 1920. Era ação obrigatória para as mulheres burguesas que queriam ir além da futilidade dos salões para se colocar a serviço dos necessitados e da civilização. Na coluna "Cartas a Sylvia" da revista "A Sempre Viva", de 1924, a articulista comentava que a vida das moças ricas deveria mesmo ter uma finalidade mais nobre:

*Querida Ghislaine. Acabo de ler tua preciosa cartinha. Tens razão,(...) a nossa vida de moças ricas, devia ter outro fim, outro alvo do que o de seguir a moda em seus mínimos detalhes, ir sempre aos saraus dançantes, ir sempre a teatros... Sim, é necessário que nos convençamos que outro fim mais nobre do que essas mil futilidades em que empregamos o tempo, devem ocupar nossa existência.*

*(...) que útil seria, Ghislaine, si por tua e minha iniciativa, surgisse uma associação de moças. Prontas para socorrer os pobrezinhos(...)*<sup>158</sup>

No entanto, não foram somente as ricas que praticaram o assistencialismo. A prática da ajuda mútua era comum entre as mulheres mais pobres, socorrendo umas às outras nas horas de dificuldades financeiras, na saúde e no cuidado com as crianças. Pouco se sabe sobre a vida de "Maria Polenta", como ficou conhecida dona Maria Trevisan Tortato, imigrante italiana natural de Veneza, residente em Curitiba a partir de 1892. Vivendo modestamente, "dedicou-se a aliviar males dos seus semelhantes (...) a todos atendia com o mesmo interesse de bem servir, suavizando dores". Adepta da caridade, não se preocupou em ganhar pelos "atendimentos", morreu pobre e seu enterro em 1959 foi "um dos mais concorridos"<sup>159</sup> da época. Em homenagem a Maria Polenta fora confeccionado um busto através da contribuição popular, que figura até hoje próximo de onde morava.

---

158 Doris. *Cartas a Sylvia*. In: *A Sempre Viva*. n°5, Curitiba. 15/09/1924.

159 NICOLAS. *op.cit.* .p.242.

Já a intensa atividade assistencial promovida pelas mulheres burguesas figurava nos calendários dos clubes. A missão social de buscar a felicidade coletiva através do cuidado dos outros, então atribuída à mulher, fazia com que as "distintas damas" da sociedade curitibana estivessem mobilizadas o tempo todo, sempre envolvidas com alguma causa em prol dos necessitados, demonstrando a vontade de saírem do espaço doméstico. Arrecadando dinheiro e donativos, os grêmios femininos contribuíram significativamente para emancipação das mulheres, no tocante à atuação pública e para a construção e manutenção de orfanatos, asilos e hospitais.

Mulheres como dona Zelie Vieira da Costa, fundadora do Grêmio das Violetas, ficaram conhecidas pela preocupação com o social, pelas atividades recreativas para angariação de fundos, como o primeiro baile à fantasia realizado em Curitiba, pela edificação de muitas de nossas instituições e igrejas, mas principalmente pela perspicácia em manter relações políticas estratégicas com o governo e com o "alto comércio" a fim de obter colaboração em suas campanhas, instaurando a prática de despertar o interesse dos homens para as questões sociais.

O já tradicional Dia da Caridade, promovido pelo Grêmio das Violetas, mobilizava a todos, mulheres, crianças e senhores em torno da assistência aos pobres. Uma tenda instalada na rua XV de Novembro vendia violetas para arrecadar fundos.<sup>160</sup> Chamadas nos jornais avisavam das reuniões para a organização dessas atividades: *"Realiza-se amanhã na associação Comercial do Paraná uma reunião da comissão encarregada do Dia da Caridade. Por nosso intermédio, são convidadas, para essa reunião, todas as senhoras competentes da referida comissão"*.

O dinheiro arrecadado era destinado às instituições de assistência como o asilo São Vicente de Paulo, à Maternidade Paranaense, à Sociedade Protetora da Infância, à Santa Casa de Misericórdia. Extremamente elogiado, o trabalho destas senhoras parecia ser no mínimo eficiente dentro do que se propunham, atingindo em cheio o público passante: *"Uma flor e um sorriso em troca de uma moeda, a esmola*

---

160 Ilustração Paranaense. Curitiba, 1927.

*feita assim se torna um prazer; ninguém resiste ao mimoso ataque das vendedoras de violetas...*<sup>161</sup>

Mas por trás da atmosfera de romantismo que envolvia a caridade, nem tudo eram flores, muitas destas atividades compartilhavam das amarrações que compunham o cenário político da cidade, do qual as mulheres participavam mesmo que indiretamente. A própria natureza assistencialista as configurava num patamar diferencial de classe e demonstrava a precariedade em que vivia boa parte da população. Contudo, a voluntariedade dos mais abastados não dava conta de resolver todos os problemas, conforme mostra a carta do Provedor do Hospício Nossa Senhora da Luz, Monsenhor Alberto Gonçalves:

*Levo ao conhecimento de quem possa interessar que, devido ao número elevado das pessoas internadas neste estabelecimento e a escassez de recursos para sua sustentação, a administração resolve, por enquanto, sustar a entrada de alienados não pensionistas.*

*Curitiba, 24 de julho de 1903.*

*Monsenhor Alberto Gonçalves. / Provedor*<sup>162</sup>

A historiadora Etelvina Trindade ressalta que embora a imprensa se referisse à caridade e filantropia indiscriminadamente, há um deslocamento cada vez maior para a "filantropia propriamente dita", este movimento se dá na distinção dos objetivos. A caridade promoveria o engrandecimento do doador, nutrindo-se da miséria, enquanto a filantropia "*consiste em novas modalidades de atribuição dos socorros, na busca de um procedimento que permita, ao mesmo tempo, discriminar o 'indigente factício' da 'verdadeira pobreza'*". Neste sentido a filantropia estaria mais preocupada com a supressão das causas e conseqüências da pobreza, substituindo "as antigas formas assistenciais, ministrando conselho eficaz, em vez de caridade humilhante; e norma preservadora, em lugar da repressão destrutiva".<sup>163</sup>

---

161 Gazeta do Povo. "O dia da Caridade". Ano VIII. Curitiba 20/09/1926. p. 1.

162 Monsenhor Gonçalves. Hospício Nossa Senhora da Luz. Diário da Tarde. nº1341. Curitiba, 30/07/1903. p. 3.

163 TRINDADE. Op. cit. p. 254.

Michelle Perrot afirma que, através da prática filantrópica no século XIX, as mulheres desenvolveram inúmeras habilidades, perceptíveis também em Curitiba. Grupos femininos e suas lideranças tiveram influência sobre o poder político, formaram opiniões sobre as questões públicas, adquiriram sentimento de independência, iniciaram-se no manejo de grandes quantidades de dinheiro e mecanismos comerciais. As reuniões e encontros organizativos teriam funcionado como oportunidades para fomentar uma *"consciência de gênero", que por sua vez, foi muitas vezes matriz de uma consciência feminista*<sup>164</sup>. Esta hipótese revelou-se verdadeira, pois, as feministas curitibanas faziam parte dos grêmios. É possível que a percepção desta consciência tenha motivado tanta preocupação com as mães carentes.

Perrot sublinha que o parto era um acontecimento rigorosamente privado e feminino, "dar à luz no hospital é sinal de pobreza, e principalmente de vergonha e solidão; para lá vão as mães solteiras, que se dirigem à cidade para dar à luz, antes de sofrerem um eventual abandono".<sup>165</sup> A Maternidade Paranaense foi inaugurada em 1917, construída graças aos esforços humanitários da "associação de distintas senhoras" e a ação benemérita da Universidade do Paraná. Equipada com uma sessão anexa de Assistência à Infância, denotou o empenho das mulheres burguesas para minimizar os problemas enfrentados pelas parturientes e crianças pobres. Ao proferir o discurso de inauguração, o Dr. Petit Carneiro diria que "a soma da felicidade individual, consciente e nobre, é em absoluto dependente da soma da felicidade coletiva", entre os objetivos da instituição, ressaltou:

— *Clinico, por tirar da atmosfera viciada dos hospitais comuns as gestantes adiantadas e as parturientes, isolando-as em ambiente mais favorável às suas condições e lhes dando assistência especial, própria a esta fase delicadíssima de sua existência.*

---

164 PERROT, M. Salir. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.). *História de las mujeres, el siglo XIX. cuerpo, trabajo y modernidad*. Tomo 8. Madrid: Taurus, 1993. p.162.

165 PERROT, M. "Figuras e papéis". In: DUBY, Georges & ARIÈS, Philippe. (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 162.

— *Político - porque se tornando cada vez mais amplas as funções do Estado Moderno, compete-lhe antes prevenir que remediar (...) prestando amparo às mulheres que dele precisam e evitando o sacrifício de nascituras, mais tarde futuros cidadãos.*

— *Humanitário por ser uma forma a mais do exercício da virtude.*<sup>166</sup>

Amparar as mulheres na hora do parto, prevenir a manifestação de complicações na gravidez e a mortalidade infantil, incentivar o aleitamento materno, dar-lhes asilo para abrigar sua "penúria material ou moral", abrir-lhes refúgio para "ocultar os pesares de suas condições difíceis" e proteger o "organismo débil" de crianças para equilibrá-los na "falta de elementos bons de um lar organizado", eram as propostas assistenciais da Maternidade Paranaense.

As filantropas burguesas, provavelmente informadas pela idealização da mulher-mãe, preocupavam-se com a situação daquelas menos afortunadas. Demonstrando uma certa consciência de gênero, afirmavam a importância de sanar dificuldades específicas das mulheres. Todavia, estas ações beneficentes não eram isentas de conflitos de classe. A reconhecida competência das mulheres burguesas para gerir o social lhes conferia autonomia de decisões e o direito de serem porta-vozes das pobres, estabelecendo ambíguas relações de poder.

Embora a preocupação com as crianças fosse encarada como atitude "natural" às mulheres, pois funcionava como uma extensão da obrigatoriedade da maternidade, a assistência à infância também trouxe um saldo positivo para a emancipação feminina. A aparição pública de muitas mulheres foi impulsionada pela disposição de tomar para si e seus grupos a responsabilidade de resolver, voluntariamente, muitos dos problemas sociais da "pequena urbs".

O Asilo de Órfãos começou a ser construído ainda em 1899, com o apoio das caridosas e filantropas. No mesmo ano o jornal Diário da Tarde anunciava o sucesso de mais uma campanha de coleta em prol da Santa Casa de Misericórdia: Achando-se a frente de idéia caridosa e humanitária tão estimados cidadãos e tão simpáticas

---

166 Dr. Petit Carneiro. *Maternidade Paranaense*. Myrto e Acácia. nº 8. Curitiba, Estio de 1917. p.166.

senhoritas era de se esperar que grande fosse o resultado da coleta.<sup>167</sup> Pode-se observar quanto era significativo o montante arrecadado pelos grêmios e iniciativas pessoais, sem as quais estas instituições sequer teriam sido construídas.

Na Belle Époque curitibana, a filantropia aparece como a principal atividade de muitas mulheres que ganharam notoriedade pública por este viés. A professora Annete Clotilde Portugal Macedo, diretora-fundadora da primeira Escola Maternal do Estado, situada ao lado da Sociedade de Socorro aos Necessitados, criaria, nas primeiras décadas do século XX, um sistema inovador de contribuição chamado "Pecúlio", funcionando como uma espécie de cooperativa escolar, movida a doações, a fim de garantir a estada de crianças carentes no ensino maternal.

As mulheres também se dedicaram à saúde pública; mesmo com todo o medo que os surtos epidêmicos causavam, em 1917, os habitantes da cidade sentiam um verdadeiro pânico em relação à terrível "gripe espanhola". Responsável por diversas mortes, fechamento de escolas e locais públicos devido ao perigo do contágio, a "gripe" não impediu um grupo de voluntárias que se colocou a serviço da erradicação da epidemia. D. Isabel Withers Gomm instalou na sua própria residência um posto de primeiros socorros para atender vítimas de tal doença. O trabalho de D. Isabel e demais companheiras culminaria mais tarde na fundação da filial paranaense da Cruz Vermelha.

A assistência e a filantropia desenvolvidas pelas mulheres curitibanas na virada do século XIX-XX converteram-se paulatinamente em trabalho social, visto que exigiam a tomada de responsabilidades e compromissos contínuos, nem sempre fáceis de conciliar com outras atividades, obrigando a um redimensionamento do tempo e de posturas individuais. Embora o ato de "cuidar" possa reafirmar uma diferenciação de gênero nos papéis sociais — pois as mulheres ocupam-se desproporcionalmente das atividades de cuidado, principalmente no âmbito doméstico —, pretendeu-se ressaltar uma outra dimensão, que foi além do "trabalho do amor" e do "pensamento maternal".<sup>168</sup>

---

167 Diário da Tarde. n.º25. Curitiba, abril de 1899.

168 Sobre uma abordagem feminista do cuidado ver TRONTO, Joan C. Mulheres e Cuidados: O que as feministas podem aprender sobre a moralidade. In: JAGGAR, A. M. & BORDO. S. R. op. cit.

A partir deste trabalho social pode-se vislumbrar as maneiras femininas de fazer, agindo como transformadoras do contexto político e moral em que se situavam. As atitudes de cuidar do social proporcionaram a aquisição de um saber especializado, pois eram práticas difíceis que suscitavam tanto a capacidade de atenção para perceber as necessidades alheias, quanto questões de autoridade e autonomia. Entidades como a Associação Pão de Santo Antônio, uma das primeiras a ser fundada em Curitiba, pautavam suas ações através do mapeamento da pobreza na cidade; donativos só eram entregues àqueles "alistados" na instituição<sup>169</sup>. Pressupõe então um deslocamento para o profissionalismo, centrado no conhecimento, na aquisição de um saber social sobre um campo específico e no desenvolvimento de metodologias próprias de organização, redimensionando o grau de importância da participação pública das mulheres no período pesquisado.

## 5. 2. O borboletar das coquetes

Conforme aponta Richard Sennett, a sociedade moderna é marcada pela crença de que a personalidade se desenvolve através da estabilização das relações interpessoais, daí a ênfase na família nuclear, que limita os papéis e permite a regulação dos sentimentos: "*Sentimentos elementares são tidos por 'bons' sentimentos. Sentimentos complexos se tornam ameaçadores; não podem ser estabilizados(...)*"<sup>170</sup>. Neste sentido, a família nuclear seria um agente fixador de "imagens simples" como a da mãe e do pai, eliminando a variedade e a complexidade na formação das personalidades. Mas, apesar da fixidez imposta às relações familiares, imprimindo-lhes segurança e estabilidade, no *fin-de-siècle* afirma-se uma personagem cujo objetivo parece ser o inverso: a coquete.

Adepta dos novos modismos, da demorada "*toilette*" com um sem número de cremes, perfumes e pós, entusiasta das saias curtas e calças compridas, do "*flirt*" entre um "*fox-trot*" e outro nos "*dancings*", exibindo cabelos curtos preferencialmente "*blonds*", lábios vermelhos emoldurando uma "*chic*" cigarrilha, usando vestidos colados de musselina transparente, capaz de revelar movimentos

---

169 A Estrela. Damas de caridade. Ano II, nº107. Curitiba, 22 de abril de 1900, p. 3.

voluptuosos nunca antes percebidos... Em torno desta imagem nasce um novo tipo de mulher, tão desconcertante e complexa que já não é mulher, mas "*coquette*", "*garçonne*", "melindrosa".

Símbolo da mulher moderna, ícone do "anos loucos", as coquetes tinham o seu comportamento desestabilizador marcado pela ávida busca da independência. Elas queriam traçar carreiras profissionais, conhecer o mundo mesmo que fosse viajando através das "grandes magazines", pilotar aviões e traçar novos caminhos que levassem à liberdade sexual e emancipação moral.

Contrariando a afirmação de alguns estudos realizados, parece pouco provável que as coquetes tenham sido "mulheres viris", com a característica de "pensar e agir como um homem"<sup>171</sup>, ou ainda, que a "apropriação da beleza" não tenha significado o domínio da mulher sobre seu próprio corpo.<sup>172</sup> Observou-se nesta pesquisa que estas mulheres levavam ao extremo aqueles atributos físicos entendidos como próprios da feminilidade, mas faziam deles um uso criativo. Relativizando a idéia de que o coquetismo seria mais um meio de controle, ou mero consumismo feminino, as coquetes agiam conscientemente transformando beleza em vantagem, sedução em mistério, "fragilidade" em força para suas conquistas.

A coqueteria das mulheres nem sempre era bem vista pelos representantes da moral tradicional. A vontade de atrair para si todos os olhares, a vaidade excessiva e a "artificialidade" dos gestos e poses, medidos para seduzir, eram freqüentemente criticados, pois, de certa forma, rompiam com a moralidade vigente, ainda preocupada em manter a triade mulher-mãe-esposa. A exteriorização, através do corpo, de uma nova percepção sobre a sexualidade e o exercício da sedução, causavam principalmente nos homens o medo da imposição de um poder que decididamente eles não podiam dominar: a sensualidade feminina, cujos apanágios

---

170 SENNETT, R. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.227.

171 SOHN, Anne-Marie. Los roles sexuales en Francia y Inglaterra: una transición suave. In: DUBY, G. & PERROT, M. (org.). História de las mujeres, el siglo XX. Guerras, entreguerra y posguerra. Tomo 9. Madrid: Taurus, 1993. \* Neste artigo a autora afirma que a *garçonne* assume qualidades masculinas como o talento, a lógica, o domínio do dinheiro e uma consciência de sua irredutível individualidade, cujo atributo simbólico são os cabelos curtos.

172 SCHPUN, Mônica R. Beleza em Jogo. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boi Tempo, 1999. p. 83.

eram a inconstância e a indiferença, conforme destacam as "Notas Sociais" do jornal O Estado do Paraná em 1925:

*(...) As bonitas que são somente bonitas, olham com calculada indiferença, ouvem o elogio que lhe fazem, sem nunca revelar se gostam ou não do que ouviram. Intimamente, não desejam nem procuram outra coisa. Para uso externo, porém precisam aparentar o intangível, fazer a deusa que não se comove com as carentes súplicas dos mortais, visando merecer as preferências do próprio Júpiter.*<sup>173</sup>

A beleza das mulheres intangíveis à cobiça dos homens é criticada enquanto arte ou artifício de "*boudoir*". Alguns discursos que debatiam a feminilidade, principalmente masculinos, rechaçavam a sedução e a utilização do artifício de "*belle indifference*", como modernismo a ser evitado, denotavam uma certa misoginia e o medo da apropriação pelas coquetes de seus próprios corpos e sentimentos. Entretanto, estas mulheres modernas pareciam gostar dos desafios deste jogo, trabalhando técnicas de sedução que exigiam um constante repensar e uma grande carga de elaborações subjetivas.

Em seu vestido de gaze etérea, a bela, vertiginosa e esvoaçante coquete foi com freqüência metaforizada na figura da borboleta. A inconstância de seus movimentos era provocadora das mais terríveis incertezas. Optando por não ter pouso certo e ousando nos *flirts*, marcados pela prática do jogo peculiar de aparecer e fugir "*deixando na retina o encanto de suas formas, a beleza de sua cor, a suavidade de seu vôo...*"<sup>174</sup>, seguiam as coquetes a "borboletar":

*Zinha, a ingênua era assim.*

*Incerta, irresoluta, louquinha sempre, não conhecia constância: amava e ...esvoaçava um dia.*

---

173 O Estado do Paraná. *Notas Sociais*. nº158. Curitiba 16 de julho de 1925. p. 4.

174 Senhorita. *Borboleta azul*. Curitiba, julho de 1920. p. 9.

*Percorreu amplo estádio em conquistas amorosas, rápida no anelar um coração amante, vertiginosa em seus desrezos, ligeira em seus amores como um perfume volatizando-se.*

*Assim consumia o tempo, com a ingênita vocação de volúvel, sem saber, sem ver que a tenacidade é uma força valiosa que tudo vence, que tudo conquista.*

*Amava... amava, e era uma vertigem: viandante veloz em longe a romaria descuidosa passava além, juncando de esquecimento longo a longo o caminho por onde passava.*

*Era um defeito, mas lhe comprazia, era um sonho que a confortava, um traço de sua índole.*

*E nada vencendo, bela mas abandonada... borboletando passou a mocidade.*

*Borboletou, tentou voar com asas de Ícaro, mas o calor da inconstância crestou-lhe as asas. Desprezada, caiu e para sempre, vítima do... borboletismo.<sup>175</sup>*

Borboleta fugidia, agitando as asas ligeiras, cujo destino era voar de flor em flor sem parar, a coquete encarnava um duplo significado: o da invejável liberdade de "vão" da personalidade sedutora, volúvel e poderosa, ao mesmo tempo que, ao afastar-se da então preconizada virtuosidade das mães e esposas, corria o risco de acabar só, abandonada e triste. Os chistes dos jornais sempre alertavam para esta situação zombando da "velha coquete":

— *Quantos anos me dás? Perguntou-me uma velha coquete.*

— *Por minha palavra, senhora! Tendes muito para que eu vos dê mais.<sup>176</sup>*

Entretanto, mesmo às esposas virtuosas era recomendada uma dose de coquetismo, maneira pela qual conseguiriam "*reter ao seu lado o marido*". Era

175 A Semana. Borboletismo. Ano I, nº2. Curitiba, 08/01/1893. P. 2.

176 A Falúa. nº1. Curitiba, agosto de 1916. p.11.

importante que a mulher soubesse aproveitar seus dons naturais, "*dedicando uma parte da sua inteligência a tornar-se bela e ao mesmo tempo graciosa e agradável*". O que poderia parecer difícil à primeira vista tornava-se fácil através da adoção do coquetismo, que ademais tinha a vantagem de não ocasionar gastos supérfluos:

*Escolhendo para a sua toilette as cores que mais se harmonizem com a da tez ou com a dos cabelos, dispondo estes de maneira a emoldurar graciosamente a cabeça e o rosto ou a formar longas madeixas, fazendo valer o encanto do pequenino pé por meio de um sapatinho elegante, deixando sobressair através do ligeiro decote e das mangas transparentes e flutuantes de um vestido de interior ou de um roupão, a beleza do colo e dos braços, assinalando a cintura vespertina por meio de um cinto ou de uma "cordelère", perfumando-se ligeiramente e suavemente, numa palavra não desprezando coisa alguma que possa contribuir para as embelezar.*

*Lembrem-se minhas senhoras de que é preciso não somente agradarem ao seu próprio marido, mas também aos seus filhos.*<sup>177</sup>

Para muitos o comportamento da coquete, cujo corpo não se deixava aprisionar, era um "defeito", porém o que causava indignação era o fato deste defeito, "traço de sua índole", lhe comprazer. A coquete resistia à imposição dos padrões sintetizando um conjunto original, formado pelo uso de roupas, adornos e penteados ousados aliados à fabricação de uma linguagem corporal singular, construindo seu próprio ritmo, poses e gestos:

*Consciente de seus atrativos, a senhorita se nos apresenta sempre com aquele ar elegante e superior que tanta graça empresta às suas maneiras de completa "insouciance" pelos que a rodeiam.*<sup>178</sup>

---

177 Lapis. Bilhetes. Diário da tarde. Curitiba, 9 de fevereiro de 1904.

178 Senhorita. Silhuetas. Curitiba, julho de 1920. p. 15.

Simmel via no coquetismo uma verdadeira arte, indo muito além do mero desejo de agradar, pois qualquer mulher poderia lançar mão de seus encantos, sejam espirituais ou físicos para agradar. A singularidade da coquete estaria na arte de conseguir fazer-se atraente, situando aquele que a desejasse entre o "ter e o não-ter".<sup>179</sup> Esta característica fora descrita nas "notinhas" do Almanach do Paraná, ainda no *fin-de-siècle*: "*Em amor, a mulher virtuosa diz: - não; a apaixonada: - sim; a caprichosa: - sim e não; a coquete: - nem sim nem não.*"<sup>180</sup>

Manejando as regras de seu jogo de sedução, na contrapartida estaria o jogador apaixonado, suscetível ao movimento estonteante e simultâneo entre o ganhar e a impossibilidade de ganhar, obrigado a experimentar as duas coisas ao mesmo tempo. Os movimentos ondulatórios da coquete instauravam a lógica platônica do amor, o desejo de possuir o que não podia ser possuído, conforme diria Simmel:

*Porque o próprio desejo da coquete é despertar o prazer e o desejo por meio de uma antítese/síntese original, através da alternância ou da concomitância de atenções ou ausências de atenções, sugerindo simbolicamente ao mesmo tempo o dizer-sim e o dizer-não, que atuam como que "à distância", pela entrega ou recusa (...).*<sup>181</sup>

Nesse sentido, o "borboletismo" da coquete convertia-se num exercício de liberdade, ao construir e controlar movimentos gestuais pelos quais ela se entregava e se esquivava ao mesmo tempo, o que não quer dizer que num relacionamento no modelo do coquetismo não pudesse existir amor, ao contrário, aí o amor — ou algo que fosse tido como tal — distanciava-se das formatações, podendo assumir-se de forma lúdica e mais ousada.

Os traços gestuais específicos do coquetismo mantinham a atração do segredo. Ao invés de olhar de frente, posicionava em direções opostas o corpo e a

---

179 SIMMEL. op. cit.

180 Almanach do Paraná. Curitiba: 1899. s/p.

cabeça, para lançar olhares fortuitos, simbolizando num breve espaço de tempo entrega e recusa. Já o andar requebrado e balanceado, além de evidenciar a sensualidade do corpo, simbolizava também, ao mesmo tempo, os gestos de "voltar para e se esquivar". Simmel ressalta que os homens prestam-se a esse jogo que os lança à loucura e à incerteza, porque eles mesmos sentem um prazer particular nesse ritmo volátil e lúdico que os puxa em direções contrárias e imprevisíveis.

Nota-se que para além de uma territorialização em si mesmo, os corpos, mais do que meros receptores de ingerências, eram manifestantes e produtores de subjetivações e vontades próprias. Estas por sua vez nem sempre eram aceitas, pois soavam como críticas à moral burguesa. Muitas vezes visto como correlato masculino das coquetes e de sua derivação, a "melindrosa"; o "almofadinha" também escapava às determinações biológicas e naturalizadas do gênero, sofrendo igualmente ácidas críticas:

*Um vibrante cronista da paulicéia, estudando o "almofadismo", disse:*

*"O almofadismo não é, como por ai se supõe, o sucedâneo do dandynismo."*

*O dandy estaria hoje para o "almofadinha" como a coquete para a "melindrosa".*

*O "almofadinha", misto de Efebo e de Calino, é um tipo epiceno, um digno representante do sexo neutro. Tem de homem as calças e os colarinhos e de mulher os ademanes e os chumaços de algodão.*

*O "almofadinha" é a "melindrosa" de cuecas, o sr. de La Palisse dos salões elegantes. É oco como um camudo de taquara; tem cimento no cérebro em lugar de massa cinzenta; é finalmente um caso concreto da burrice pretensiosa".<sup>182</sup>*

Considerado um sujeito "afeminado", o "almofadinha" era criticado justamente por objetivar no corpo, através das roupas, gestos e usos, um desvio da

---

181 SIMMEL. Op. cit. p. 95.

182 O Palládio. Nº 3. Curitiba, setembro de 1920. s/p.

masculinidade normativa, pois ao invés de realçar a virilidade, compartilhava dos ideais de beleza e a lascívia, então vistos como femininos. Almofadinhas, "dandys", coquetes e melindrosas construía à sua maneira estilos de vida que se diferenciavam da maioria. Fabricando sua arte de existir, destoavam da multidão. Nas operações sobre os próprios corpos, nas roupas, adornos, gestos e maneiras de pensar encontravam as possíveis linhas de fuga em meio à cultura corporal normalizada. Estas apropriações do controle corporal, de um novo sentido da beleza e do domínio da sedução, preconizado pelas coquetes e almofadinhas desmobilizavam certos exercícios de poder que buscavam fixar papéis aos corpos.

Interessa-nos salientar que, numa cultura normativa onde impera a lógica masculina e universalizante até mesmo na constituição das subjetividades, a arte do coquetismo cria um ideal próprio legítimo, uma maneira de fazer feminina instaurada na positividade. Contribuição cultural feminina às relações de gênero, para Simmel o modelo do coquetismo atravessaria outras instâncias da vida, precisamente aquelas em que os sujeitos se encontram entre o sim e o não, diante das in/decisões mais banais ou mais graves: *"É a forma na qual a indecisão da vida se cristaliza num comportamento positivo, não fazendo por certo da necessidade virtude, mas prazer."*<sup>183</sup>

---

183 SIMMEL. op. cit. p. 110.

## 6. Mulheres modernas: usos e costumes

*Os objetos literalmente nos habitam através dos hábitos que nos legam.*

Peter Stallybrass

Conforme ressaltou Simmel, na modernidade a nossa cultura foi atravessada pela cultura das coisas. Neste período, atribui-se uma grande importância à "cultura objetiva", ou seja, à produção de objetos de consumo, ícones do sonho capitalista. Portanto, a constituição dos sujeitos, masculinos e femininos, seria mediada também pelo uso dos objetos, que lhes caracterizam, afirmam diferenças ou marcam rupturas nos processos de individualização.<sup>184</sup> Daí a necessidade de serem percebidos como agentes nas construções identitárias e nas relações de gênero.

Igualmente denotando o valor da cultura material para as análises histórico-sociais, Michel de Certeau critica as formas limitativas de abordagem dos usos dos objetos, comumente vistos como supostamente entregues à passividade, conduzidos pela disciplina e padronização. Acena, portanto, para outra proposta, onde as operações dos usuários relativas ao consumo "*cessem de aparecer como o fundo noturno da atividade social*".<sup>185</sup>

O exame das práticas engendradas no uso dos objetos deveria, então, considerar um certo número de operações minúsculas e cotidianas, às vezes submersas à primeira vista, dadas pelas "maneiras de usar". Abre-se assim a visualização da possibilidade de os indivíduos reapropriarem as finalidades primeiras dos objetos, reelaborando e produzindo culturalmente os usos, através de "movimentos táticos" articulados sobre os detalhes do cotidiano. Desta forma, pode-se vislumbrar o possível conjunto de operações criativas, de "bricolagens", no uso dos objetos, presentes nas maneiras de fazer individualizadas, onde cada sujeito ou grupo pode criar sub-repticiamente novas formas e funções de uso daquilo que é produzido para seu consumo, a princípio com uma finalidade única.

Nesse sentido, as práticas relativas aos usos dos objetos remetem à exploração não de um fim, mas de combinatórias de operações compositoras da

---

184 SIMMEL. op. cit.

185 CERTEAU. Michel. *A invenção da cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.37.

cultura. Operações como as maneiras femininas de fazer, enleadas à fabricações dissimuladas, escondidas ou sufocadas por uma racionalidade intrínseca aos sistemas de produção que impõe, entre seus fins, o reforço da divisão binária do gênero. Para tanto, faz-se necessário focalizar o consumo enquanto lugar de novas produtividades que viabilizam uma "poética", a criação e a invenção.

Para além da objetividade e materialidade dos produtos, desloca-se a prática do consumo de determinados objetos, para conferir lugar às marcas neles impressas pelos sujeitos. Segundo Certeau, o consumo seria uma produção que permite a subversão de práticas, ressignificando, porém não anulando as referências do sistema produtivo:

*[o consumo é uma produção] astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>186</sup>*

Saltando da fabricação dos objetos para a produção dada pela manipulação individual, abre-se um domínio de processos de utilização onde podemos visualizar práticas de subjetivação e de construção de identidades, baseadas na circulação e uso dos objetos como representações de códigos de sexualidade e moralidade.

Apreendidos em "*flashes* instantâneos" do cotidiano, os processos de utilização dos objetos mostram maneiras de usar como simbioses de significados estabelecidos entre o sujeito e suas manipulações. Tais usos podem configurar-se em dobras nas quais se localizam singularidades, elementos constitutivos de si, subjetivos, distintos de uma relação sujeito/objeto à outra.

Através das relações pessoais com os objetos, realizam-se territorializações, depositam-se marcas, denunciando mapas de espacialidade e de circunscrição identitária. Neste jogo, determinadas relações sujeito/objeto revelam marcas do eu, à medida que se ocupa espaço através dos usos, ao mesmo tempo em que se é tomado por eles. Assim, o sujeito é o locatário que torna o objeto habitável. Marcas de eu, as roupas,

---

186 CERTEAU. Op. Cit. P, 39.

os móveis como a cama, a escrivaninha, a mesinha e caixa de costura, o brinquedo, a bengala, a ferramenta, a cigarrilha, os cartões, livros, coleções e um sem-número de objetos pessoais demarcam e ocupam um espaço, estendem o próprio corpo e reforçam o sentimento individual.

Para além do senso prático e banal de uso, pode-se descrever uma pessoa, seus gostos, modos, peculiaridades e sentimentos através dos objetos que usa. Há uma íntima relação destes com a atribuição de papéis e *status* social, com a personalidade, o caráter, a idade, o sexo e o gênero. Domínio de um cotidiano pouco explorado e por vezes tão misterioso quanto o conteúdo de uma carta, um reflexo no espelho, a sensação provocada por um perfume; a análise da construção de si via uso dos objetos requer adentrar na experiência da vida privada, no suspense das intimidades, todavia seu caráter relacional não permita o descolamento da experiência pública.

A cultura objetiva assume importância para a pesquisa histórica, quando tratada como documento testemunho das formas pelas quais os indivíduos se colocam diante de si e do outro nas relações sociais. Entrelaçadas às mudanças, aprendizados, desenvolvimento de hábitos, costumes e tradições, o que tomamos como maneiras de usar foi, em outros termos, destacado por Simmel, Benjamin e Elias como documentos que dão sentido às experiências fragmentárias que constituem a história.<sup>187</sup>

Para Walter Benjamin, os brinquedos "evocam fascinantes mistérios" tradutores das especificidades da vida infantil. A utilização dos brinquedos faz parte de um universo próprio e pode revelar uma série de significações simbólicas e funcionais entre a criança e o objeto e entre a criança e o adulto.

Ao comprar um dos brinquedos dependurados entre os artigos da Casa Bichels, mães e pais curitibanos explicitavam a própria relação que enquanto adultos estabeleciam para com as crianças. Ampliavam-se os sentidos do objeto para além daquele que brinca, à apresentação de um universo subjetivo peculiar e à edificação de noções e expectativas sobre a infância, atravessada pela questão de gênero.

---

187 Ver: BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

ELIAS, op.cit. SIMMEL, op. cit.

Apesar do tom irônico, o artigo "A boneca", publicado na seção humorística da revista Club Curitbano em 1890, faz uma crítica ao costume "religioso e leviano" das mães darem bonecas às filhas reduzindo sua distração a este brinquedo. As pequeninas figuras de louça, pano ou cera poderiam provocar resultados funestos na educação das meninas, pois mais tarde, ao tentar despertá-las para conhecimentos superiores os resultados seriam infrutíferos devido à falta de iniciação, via brinquedo, que lhes despertasse o gosto por outros estudos:

*De fato, a proporção que vai se desenvolvendo o cérebro da criança, que ela vai discernindo e compreendendo melhor, a boneca vai também deixando gradativamente de representar – distração, entretenimento, para, conforme a imaginação da criaturinha, transformar-se em sedutora metáfora, preenchendo o lugar de símbolo, habituando a criança nos misteres de dona de casa (...)*

*— A boneca é prejudicial: Não só torna a criança inapta para dedicar-se com verdadeiro prazer ao conhecimento gracioso das Belas-artes, como para cuidar de outros estudos que, por mais agros e profundos, carecem de mais acurado trabalho e meditação mais prolongada.*

*(...) Pois bem; se quando entregamos uma boneca à filhinha, tentando acordar-lhe os caridosos e maternos sentires, lhe entregássemos também um pianozinho, um lápis ou qualquer outra coisa, conforme o sentimento que pretendêssemos enraizar-lhe no cérebro, e fossemos constantemente sustentando nosso princípio, infiltrando-lhe nossa vontade, veríamos que posteriormente, diminuto seria o trabalho para que a criança continuasse o caminho por nós almejado(...).<sup>188</sup>*

O artigo citado acima insere-se na discussão sobre as fronteiras entre os gêneros, em pauta no *fin-de-siècle*. Questiona a função da educação na permanência de certos atributos, como a maternidade e a restrição da mulher ao espaço

---

188 P. C. A. Seção humorística. Reflexão IX – A Boneca. Club Curitbano. n°23. Curitiba, 16 de dezembro de 1890.

doméstico. Mesmo sem avançar muito na proposta, pois pretende ser humorístico recomendando trocar a boneca pelo piano e artes plásticas, já acena para um deslocamento ao refletir sobre a educação das meninas e o papel representado pelos brinquedos na construção simbólica.

Embora a análise da cultura material possa contribuir para a verificar as permanências na construção cultural, a vida moderna apresentaria também uma série de rupturas com a tradição, além da maior possibilidade de individualização. Com a industrialização, produtos artesanais iam gradativamente sendo substituídos pelos advindos das fábricas. Difunde-se um sem número de novos aparatos, brinquedos, objetos, equipamentos, que invadem o cotidiano com os mais diversos fins. Seja para otimizar o tempo gasto com atividades domésticas, decorar, organizar, cuidar do corpo, estar na moda; ou devido ao fascínio por novidades e maquinismos, na modernidade entram em cena objetos e usos que atuaram na formação de um entendimento sobre si diferenciado.

A percepção de si coincide com a descoberta da própria sexualidade e neste sentido é preciso estar inscrito numa definição de gênero para reconhecer-se. O uso de alguns objetos tem justamente a faculdade de delimitar ações e gestos enquanto femininos ou masculinos, inscrevendo sexualmente os comportamentos. É como consequência de determinados usos, modos e modas, que se abrem na imprensa curitibana da *Belle Époque* polêmicas sobre a emancipação da mulher, a feminização da cultura, as fronteiras entre os sexos e o culto à civilidade.

O uso de objetos ícones da modernidade como o espelho, a fotografia, os cartões, entre outros que atuam na construção de si, revelam práticas que estabelecem regras e normas de conduta diferenciadas enquanto masculinas e femininas, bem como as transformações das maneiras de usar que repercutem nas transformações das relações de gênero.

A poetisa Ada Macaggi ficou conhecida nos círculos culturais de Curitiba e Rio de Janeiro no início do século XX. Sua elegância física e sensibilidade poética abrilhantavam as reuniões curitibanas e cariocas nas quais declamava seus poemas. Em "Pavor", refere-se ao espelho como objeto capaz de arremessá-la para dentro de

si; mais que isso, para seu próprio "fantasma", engolindo-a com a cor escura da morte:

*(...) O espelho, qual imensa boca livida  
me arremessa o fantasma de mim mesma,  
carregando a luz mortífera dos meus olhos  
como dois círios acesos...* <sup>189</sup>

A prática de usar espelhos difundida no final do século XIX e início do XX ia além de mera função decorativa. Apresentando desde o reflexo da vida até a alma, pode compreender sensações singulares na descoberta do corpo, nas noções de beleza, no auto-conhecimento e auto-agenciamento de sentimentos. Neste sentido, o espelho atuaria na construção de maneiras de fazer e na reflexão sobre as identidades, conseqüentemente na mudança dos regimes morais e concepções sobre a masculinidade e a feminilidade.

O ideal de domesticidade voltado à feminilidade, idealizando a mulher e suas graças físicas como adorno da vida social, merecia o máximo de aperfeiçoamento, para acentuar os encantos feminis. Às mulheres era permitido e de certa forma incentivado gastar tempo com a vaidade, o que poderia significar horas diante de um espelho, principalmente levando-se em conta o ritual de vestir-se com roupas brancas, várias saias, armações, espartilho, meias, luvas, vestido e adornos. No entanto, à medida que as mulheres vão assumindo outras funções, com a maior participação no espaço público, este objeto estreitamente relacionado ao "sexo vaidoso" adquire praticidade. As mulheres não deixam de usar o espelho, mas transformam sua utilização, adequando-o à modernização dos costumes. Destaca-se que as mulheres não abrem mão da vida pública, apesar do cultivo da vaidade. Nas décadas de vinte e trinta, o espelhinho de mão, companheiro fiel, era artigo obrigatório nas bolsas das senhoras:

---

189 MACAGGI, Ada. Ímpeto. Seleção de poemas. Curitiba: Feira do Poeta, 1995.

*(...) A formosa e jovem senhora Renato Montenegro, na porta do escritório de seu marido, mirou-se mais uma vez no espelhinho que trazia consigo, ajeitou com vaidade um lindo cachinho que indiscretamente lhe acariciava a testa e entrou.*<sup>190</sup>

Já para o homem, a vaidade denotava desvio ou fraqueza do espírito. Embora também lhe fosse recomendado o asseio e o cuidado com a aparência, sua "toilette" deveria ser mais simplificada, tomando menos tempo que a das mulheres. Os produtos utilizados pelos homens eram bem menos diversificados, embora não lhe faltassem novidades.

A começar pelo toucador, o móvel que organizava a toailete, até o uso de loções, sabões, talcos e cosméticos eram associados à imagem da mulher. Nas propagandas de móveis, o homem aparecia sentado à escrivaninha, mas nunca ao toucador. Os homens que muito se preocupavam com a estética, com os retoques de aparência e com a demorada observação da sua imagem no espelho, transfeririam para sua personalidade uma característica considerada essencialmente feminina. Daí a crítica ao "almofadinha", que por sua dedicação exagerada à aparência, é tido como detentor de personalidade afeminada, ou ainda como "representante do sexo neutro".

O uso explícito do espelho tal qual Narciso, por pura vaidade, apresentava-se como um modo feminino. Ao apropriar-se, o "almofadinha" realizava uma operação subjetiva que o constituía como um ser diferente, subvertendo o campo de práticas normativas das identidades sexuais. Apesar das calças, roupa exclusivamente masculina até o início do século XX, ele incorporava os produtos utilizados na toailete feminina e maneiras femininas de fazer, sendo tachado de ridículo:

*(...) A Graça e a Força, numa aliança admirável, constituem, incontestavelmente, o ideal supremo da mocidade do nosso tempo.*

---

190 CAILLET. Didi. Taiü. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & C., 1932. p. 187.

*A Graça é representada pela gentil melindrosa, e a Força pelo desportista robusto. O almofadinha não têm vida própria – é um enxerto mirrado, um parasita ridículo.* <sup>191</sup>

Percebe-se então que as maneiras individuais de ser e comportar-se, resumidas num estilo pessoal, bem como as conformações aos padrões vigentes, são atravessadas pelas maneiras de usar os objetos. Todavia os usos circunscrevem homens e mulheres em campos diferenciados, cada vez mais representantes do sexo masculino aderem à vaidade, aos adornos e à prática de mirar-se no espelho, denotando a feminização de hábitos masculinos.

O espelho exerce um papel privilegiado nas construções identitárias, pois enquanto refletor de imagem exercita a auto análise, a elaboração de estilos e a percepção de si através da visualização do corpo. O hábito de olhar-se no espelho, mais difundido com o aumento da industrialização e da fabricação de móveis que o incluem, como os toucadores e armários, e principalmente pela exigência dos cuidados com a aparência, revoluciona a construção das identidades corporais. O espelho permite, além da visão, a experimentação corpórea; diante dele reconhece-se enquanto feio, bonito, gordo, *chic*, etc. À sua frente treinam-se gestos, denunciam-se as aflições, os detalhes corporais e operam-se mudanças, como demonstra Martha, personagem do texto do escritor Renato de Alencar, publicado em 1928:

*(...) No desespero, ia, às vezes no espelho. Mirava-se, remirava-se, a procurar a causa daquela fobia toda do povo por ela. Então mirava-se, remirava-se. Dava expressão ao rosto. Mudava de posição, via-se de perfil. Fixava bem os traços fisionômicos com acuidade, com a atenção com que um biólogo trespasa a bactéria fugitiva numa célula orgânica.*

*(...) Martha meditou um instante. Pensou, pensou. Resolveu.*

*Foi ao espelho. Mirou-se, remirou-se. Passou um palito vermelho umedecido nas faces e nos lábios. Daria assim, mais beleza ao rosto. Era assim que as outras faziam quando queriam enganar os homens e causar inveja às mulheres.*

---

191 Senhorita. A senhorita. Curitiba, julho de 1920.

*Passou e olhou para os lados como um ladrão que teme ser surpreendido. Estava só.*

*Sozinha. Olhou-se bem no espelho. Animou-se. Estava bonita. Vestiu-se com esmero. Ensaiou passos e andares. Depois foi à porta de casa para ir corajosamente à festa. Olhou o pátio; cheio de gente. Batia-lhe estranhamente o coração. (...) <sup>192</sup>*

O alargamento do uso do espelho acompanhava a valorização das relações visuais em detrimento das relações mais orgânicas. Aquilo que antes era sentido, formas do corpo, gorduras, ossos, contornos... passa a ser visto, provocando outras maneiras de entender e experimentar o corpo. O uso deste objeto signo de vaidade reflete também a edificação de questões relativas à moralidade. Diante dos espelhos estariam visualizadas as transformações nos padrões de comportamento, protagonizadas pelas maneiras femininas de fazer, que tanto são incorporadas pelos homens, quanto afirmam outra dimensão das qualidades atribuídas às mulheres. É provável que tenha sido o espelho o companheiro nas mudanças dos comportamentos, no encurtar das saias, na abolição dos espartilhos, na aquisição de liberdades, na percepção do erótico, da volúpia, de dimensões mais dionísicas da vida. Acoplados a armários e toucadores, adornando quartos e salões, reluzindo nas paredes dos bordéis e nas salas de visita familiares, conferindo prestígio as residências burguesas, usados aos cacos pelos menos remediados, o pequeno amigo da boa *toilette*, carregado nas bolsas o uso do espelho tornou-se um hábito refletor das junções e disjunções entre a constituição dos sujeitos e o trânsito destes pelas normas.

Outro uso difundido na *Belle Époque* curitibana foi a fotografia, forte aliada no registro de sua memória. Popularizada no final do século XIX, este ícone da modernidade sintetiza a epopéia do olhar, o fascínio pelos maquinismos e a supervalorização da imagem:

---

192 Renato de Alencar. Martha a feia. Ilustração Paranaense Ano II nº1. Curitiba, janeiro de 1928, p. 39.

*Em Curitiba a fotografia vira uma panacéia e surgem os primeiros fotógrafos com destaque para João Batista Groff. O observador as olha como se fossem janelas e não imagens pois ele confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus olhos. Assiste-se um deslumbramento visual com a fotografia que gera até mesmo a subserviência do texto em relação à imagem.*<sup>193</sup>

Embebida na atmosfera mágica dos maquinismos modernos, a fotografia, eternizadora de imagens, também é um importante objeto que atua nos agenciamentos da visão de si e do outro. Voltar o olhar para os pequenos retângulos e observar cenários, poses e expressões que neles se arquitetam significa acionar percepções críticas sobre si, sobre a temporalidade, sobre a inscrição dos corpos em gerações, sobre a passagem do tempo nos corpos e nos lugares... sobre a produção de sentires múltiplos.

A prática familiar de montar e observar álbuns fotográficos remete a uma valorização da família, bem como dos momentos de nostalgia e da memória familiar, operando como fixador de vínculos afetivos, pois pertencer ao álbum de família significa de alguma forma estar ligado a ela emocionalmente. A professora Júlia Wanderley tinha o hábito de colecionar fotografias em álbuns, confeccionados para contar a sua história ao filho. Paisagens, eventos e as tradicionais fotos com turmas de estudantes para quem lecionara, ilustravam os álbuns que permitiriam uma "história por imagens".<sup>194</sup>

Os álbuns funcionavam como caixas de passado; neles estavam contidas a história familiar, por eles conservada e reatualizada — cada vez que um novo retrato, uma nova pose ou paisagem, fosse nele repousar. Diante da fragmentação do tempo acelerado na modernidade, os álbuns asseguravam a "permanência de uma continuidade visual do passado familiar"<sup>195</sup>, orientando e fixando memórias, narrando a "crônica familiar". Precioso agente no despertar dos sentimentos, a

---

193 PEREIRA, L. F. L. op. cit. p. 64.

194 MACEDO, Annette, In: Júlia Wanderley. Op. cit. p. 6.

195 SCHAPOCHNIK, N. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, N. (ORG). História da vida Privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

fotografia proporcionava nostalgia, a lembrança de um passado, a saudade, a alegria ou tristeza. Através da devoção à fotografia, expressa-se a ligação emotiva com o fotografado, trazendo-o para perto ao mesmo tempo que esta denota sua ausência:

*Beijo-lhe a boca, os olhos de veludo  
E ardo em febre, sentindo torturado,  
O meu próprio desejo, estranho e mudo,  
Ser o desejo de um alucinado!*

*Beijo-a porém e este meu beijo rudo,  
Profanador, sensual, eletrizado,  
Faz me crer na mentira em que me iludo,  
Numa doce ilusão que é meu pecado.*

*Beijo-a porém no meu delírio, beijo...  
E penso tê-la junto a mim, bem perto,  
Sugestão que me impõe este desejo!*

*Mas este sonho é momentâneo e ingrato,  
E volto a mim, bem perto,  
E encontro-me a beijá-la num retrato!*<sup>196</sup>

Assim como o espelho, a percepção corporal também se operava pela fotografia, este pequeno, porém tido na época como o mais "fiel" fragmento do passado, eternizava os detalhes do corpo, denunciava as transformações dos costumes. Embora fosse comum o uso de retoques, "milagrosa" técnica que "apagava" defeitos, a fotografia tinha um dom imagético: representar exatamente o que se via, reproduzir o real. Então, naquele simples cartão em que a pessoa se via, estava o veredicto sobre sua beleza, esbeltez ou gordura, juventude ou velhice, riqueza ou pobreza.

---

196 ASSUMPTÃO, Abel. In: *Senhorita*. Curitiba: julho de 1920.

O hábito de ser retratado, no início do século, incluía todo um ritual de composição de cenários, envolvendo objetos, painéis de fundo, roupas nem sempre usadas no dia-a-dia do retratado. Usado para atestar aquilo que se queria recordar, nas poses podia-se melhorar e brincar com a realidade, representada teatralmente na forma gostariam de serem vistos. Neste sentido, usar as roupas domingueiras, mulheres vestirem-se de homens, escolher um cenário apropriado, faziam parte do ritual da fotografia.

Nelson Schapochnik<sup>197</sup> ressalta o importante papel da fotografia na constituição da auto-estima, pois esta poderia representar um enorme prazer individual, ao mostrar uma imagem de si elaborada, mais bonita, retocada, além de permitir e alimentar fantasias à medida que pela foto os sujeitos se apropriavam de um cenário, de uma paisagem, denotando desejos como o de viajar num trem, voar num balão ou zepelim. Esta atmosfera lúdica foi intensamente trabalhada pelas mulheres; a sensualidade, a maquiagem, as roupas cuidadosamente pensadas para algumas fotos, inspiradas nas novas imagens de mulher divulgadas pelo cinema e revistas atestam a modernização de hábitos e o desejo de emancipação e as novas maneiras femininas de fazer. Um pequeno detalhe poderia ativar toda uma concepção de si via retrato. No início do século, o livro, mesmo que timidamente colocado no conjunto do cenário, passa a ser um elemento constante nas fotografias de mulheres, denotando transformação nos hábitos, ilustração e ares independentes.

O progresso também era fonte de inspiração para os fotógrafos e fotografados, empresários deixavam-se retratar ao lado das máquinas no interior de suas fábricas, prática apropriada pelas mulheres quando passam a adentrar nestes espaços de trabalho. A movimentação nas ruas, a urbanização, pavimentação, novos edifícios, vitrines, competições esportivas e vários elementos que de alguma forma atestavam o desenvolvimento da almejada identidade moderna e cosmopolita curitibana foram registrados pelas lentes de Groff, Weiss e Wolk.<sup>198</sup>

O conjunto exposto na fotografia, paisagens, objetos e pessoas, reforçava a noção de pertencimento a um grupo ou comunidade, como a família e a etnia, bem

---

197 SCHAPOCHNIK, N. op. cit.

198 Groff, Weiss e Wolk eram fotógrafos atuantes em Curitiba no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

como o pertencimento a uma identidade de gênero. A flor, metáfora da mulher, era um elemento frequentemente presente nos cenários que emolduravam os retratos femininos. Da mesma forma, a masculinidade é atestada nas fotos através dos cigarros, das poses nos gabinetes, nas escrivatinhas, ou ainda nas fotos de família onde o homem aparece imponente, como legítimo patriarca, à frente dos filhos, e ao lado da esposa segurando no colo o bebê. Entretanto, as imagens fotográficas acompanham a feminização da cultura, reconfigurando-se com a entrada cada vez maior das mulheres no espaço público.

Brinquedos, por sua vez, faziam parte dos cenários infantis, ainda recortados pela identificação sexual. Bonecas, pequeninas tinas de lavar roupa e vassourinhas compunham a cena para as meninas, ao passo que os meninos tinham à sua volta peões, carrinhos e soldadinhos de chumbo. A criança era instigada a visualizar a memória familiar pelas fotos, identificando-se com elas, construindo assim sua identidade familiar e sexual. Repousando na capacidade de mesclar o estampado na foto com a memória, a fotografia, assim como os cartões postais, teria a faculdade de suscitar efeitos articulados entre as imagens e lembranças. Utilizadas para eternizar grandes momentos e passagens da vida, a fotografia era sem dúvida o melhor registro para o batizado, o casamento, a comunhão, enfim, para os ritos de passagem que inscreviam os sujeitos em outro estágio de sua vivência, mostrando suas marcas, ilustrando a narrativa de suas histórias.

Neste sentido, é possível perceber outra mudança que atesta a feminização cultural em Curitiba: a partir de 1914, as mulheres começam a figurar com destaque nas fotografias das turmas da Universidade Federal do Paraná, bem como na direção de automóveis e à frente das casas de comércio por elas comandadas.

Fotos e retratos vêm fazer parte do cotidiano da virada dos séculos XIX-XX de tal maneira que há uma imensa produção em torno deles. Não só nas residências burguesas, pois, tirar um retrato era relativamente acessível, e ficou ainda mais popular com os chamados fotógrafos "lambe-lambe". O grande número de imigrantes moradores de Curitiba acentuava este comércio, sendo a foto o melhor presente para quem estava longe. Sobre as paredes, cômodas, escrivatinhas e

mesinhas, ostentavam-se retratos e confeccionavam-se caprichosamente caixas, envelopes e álbuns para guardá-las.

Nas primeiras décadas do século XX, a máquina portátil inaugura novos estilos de fotografar, impulsionado pela cultura visual, o uso particular da câmera eliminava a mediação do fotógrafo profissional passando para o terreno da informalidade, registrando a intimidade e a privacidade. Concursos fotográficos nacionais e internacionais eram divulgados por Groff, em Curitiba. Em 1926, prêmios oferecidos por revistas especializadas eram distribuídos em categorias que abrangiam retratos, interiores, miscelâneas, esportes e nus, demonstrando como o hábito de fotografar havia se difundido. Atividade restrita aos homens no início do século, a partir da máquina portátil as mulheres invadem mais este espaço, utilizando tanto estes novos maquinismos que sua imagem foi associada às propagandas de máquinas fotográficas, dirigidas muitas vezes ao público feminino, como o da filmadora caseira *Pathé-Baby*:

*Alegres acontecimentos dos dias felizes, as crianças mergulhando, o picnic da família com os amigos, enfim, de tudo aquilo que nos proporcionou horas alegres é um prazer recordar e agora se pode obter com a magia da cinematografia reduzida a seus mais simples ternos pela Câmera Pathé-Baby. (...) Filmai vós mesmos. Um grande problema resolvido. A cinematografia ao alcance de todos. A câmara Pathé-baby torna a cinematografia tão fácil e tão barata como a simples fotografia (...).*<sup>199</sup>

Constituindo também marcas pessoais, os cartões postais, cartões de visita e de felicitações apresentavam percepções afetivas, estéticas, de familiaridade e pertencimento, revelando os traços de identidade dos remetentes e estabelecendo vínculos de memória e entre ausentes que se personificavam via cartões. Usados como registros de viagens e datas importantes, ou simplesmente para atestar vínculos afetivos, enviar cartões também se configurava como hábito na modernidade. Exaltação da técnica reprodutora de imagens, seu sucesso e rápida

---

199 *Pathé-baby*. Ilustração Paranaense, nº1. Curitiba, novembro de 1927.p. 30.

popularização relacionava-se ao desenvolvimento dos transportes que encurtavam as distâncias. Em Curitiba, imigrantes utilizavam largamente este recurso para se comunicar com parentes distantes através das imagens levadas pelas ferrovias e linhas transoceânicas cada vez mais rápidas.

Transmissores de mensagens, nos cartões desenvolvia-se uma escrita singular. As mensagens deveriam ser curtas e objetivas, pois precisavam ocupar pouco espaço. Expostos ao público ao circularem por várias mãos até chegarem ao destino, figuravam preferencialmente as mensagens polidas e lacônicas. Num cartão de felicitações de aniversário, adornado com coroas de flores cor-de-rosa em formato de coração circundando pombinhos brancos em relevo, com influência *art nouveau*, as amigas Juventina e Ester escreveriam com caligrafia rebuscada:

*Salve 19 de Setembro de 1918*

*Cumprimentamos a boa amiga Alzira Galvão pelo motivo de seu aniversário que se passa hoje. Desejamos muitos anos de vida e felicidades.*

*Juventina e Ester.*<sup>200</sup>

Estimuladas à escrita polida e inocente dos cartões, estes transformam-se em signos de boa educação, elegância e ilustração entre as mulheres. Curiosamente a maioria dos anúncios desses pequeninos espaços de escrituras de si dirigiam-se às "gentis" senhoras e senhoritas:

*Cartões e bilhetes de visita estão à mercê da moda, que nisto como aliás em quase tudo que respeita aos usos convencionais da sociedade é sempre que dá as suas leis, efêmeras e variáveis.*

*Aconselhamos todavia às gentis leitoras a que procurem, quando necessitadas de cartões, o estabelecimento mais distintamente achalandé, em que haja mais elegante clientela e se determinem pelo que lá virem de mais moderno.*

---

200 Cartão de Aniversário. Curitiba, 1918.

*Os mais distintos bilhetes de visita, hoje como há vinte anos atrás, devem ser em pergaminho ou cartão bristol; nem muito grandes nem muito pequenos e com nome litografado ou em relevo.*<sup>201</sup>

Em diversos estilos, os postais e cartões convergem para o culto à beleza e sensualidade, difundidos na *Belle Époque*. A imagem da mulher iria então circular largamente pelos cartões nos quais a erotização do corpo feminino estaria cada vez mais presente. Signos de volúpia e estímulo erótico, fotografias de corpos nus e seminus passavam a compor as coleções. Espaços para a composição de subjetividades, as coleções de postais viram uma verdadeira febre em Curitiba; surgem clubes e revistas especializadas para os colecionadores, através das quais tomariam parte do "cortejo à civilização".<sup>202</sup>

Para Benjamin, a coleção é marcada pela relação de paixão entre o colecionador e seus pertences, envolta em mistérios, cujo critério de posse não leva em conta o valor funcional ou utilitário, a serventia do objeto, mas põe em destaque o "cenário de seu destino" e o conjunto de significações próprias que dão sentido à forma de ordenar, seleções, séries, recortes, temáticas e à compra do objeto que tem o intuito de renovar a cada nova aquisição os valores subjetivos que a compõe, encerrando-a num "círculo mágico" de desejos, individualidades e afetividades.<sup>203</sup>

Outros objetos pelos quais se edificam as subjetividades são os adornos femininos. Complementos da vestimenta como os chapéus, leques, luvas... e jóias, embora muitas vezes propalados pela moda que colocava à disposição diferentes modelos, para diferentes estilos pessoais. Imprimindo marcas singulares, os usos dos adornos, ao contrário do possa aparentar, nem sempre constituíam uniformidades. Complementando personalidades diversas da mulher moderna, eram usados tanto no intuito de seguir a moda, quanto para através deles diferenciarem-se das demais.

Gilberto Freyre<sup>204</sup> afirma que a ênfase da mulher como adorno na sociedade patriarcal demandou aos objetos de uso feminino um "requinte artístico", motivados

---

201 Ilustração Paranaense. Ano I. n° 1. Curitiba, novembro de 1927. p.17.

202 CARTÃO POSTAL. Órgão do Club Philocartista do Paraná. Curitiba, 1905.

203 BENJAMIN. W. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

204 FREYRE, G. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record: 1987.

pela necessidade de constante aperfeiçoamento e atualização. A fim de valorizar os encantos feminis "naturais", estes objetos operariam revoluções ao serem transpostos do uso masculino para o feminino, como no caso do relógio, que saiu das paredes para os bolsos dos coletes masculinos até chegarem aos pulsos das mulheres transformados em jóias.

Para este autor, o esmero no uso dos objetos que enfeitavam as mulheres correspondem a um paradoxo, pois refletem sua posição de "adorno" social ao mesmo tempo que têm a positividade da transformação e de valorização da cultura brasileira, visto que não são desprezíveis as produções nos setores estéticos da nossa arte em jóias, leques e rendas, além de evidenciarem a circulação de costumes entre as classes, pois as modas não se inspiram somente na burguesia.

Principalmente a partir da décadas de 1920-30, a linguagem e os objetos significantes de uma mulher mais moderna passaram a ser mais familiares; agentes da modernidade, tornaram-se símbolos da liberdade individual feminina e da feminização da cultura. Escrita, moda, maquinismos, estampavam o maior acesso das mulheres ao espaço público e refletiam a apropriação de suas maneiras de fazer. Ao rastrear os modelos de intimidade criados no romance, Maria Inês C. Azevedo demonstra a feminização dos folhetins, jornais e revistas:

*Neste período de modernização, caracterizado pela introdução das ilustrações à pena e dos clichês fotográficos, pelo aumento do número de páginas dos jornais e pela multiplicação das revistas ilustradas, a crônica se trona uma parte indispensável das publicações. Com a expectativa de captar principalmente as leitoras, segmento que adere significativamente ao hábito de ler, os folhetins aprimoram seu poder de sedução explorando uma linguagem leve, onde a graça e a delicadeza dão o tom.*<sup>205</sup>

---

205 AZEVEDO, M. I. C. Laços de intimidade. Códigos do afeto em romances do século XIX. Tese de Doutorado, Departamento de Letras, PUC-RIO, 1997.

Didi Cailet, a miss Paraná que se destacou no Estado e nacionalmente no início do século, não só pela beleza, mas por sua inteligência e atuação como escritora vinculada ao movimento cultural do Paranismo, dedicou um conto ao seu antigo camafeu de rostinho "muito vivo", onde estariam impressas as maneiras femininas nas várias histórias daquelas que poderiam tê-lo possuído:

*(...) - era uma velha jóia fidalga que me fazia pensar... A quem pertencera ... com o seu delicioso perfil de moça, pelo qual os dedos dos séculos passaram tão brandamente...? Sabe Deus quantas donas ele teve, antes de ser meu!... Talvez tivesse pertencido a uma marquesa fútil no século 17 ... Uma duquesa solene do século 18... Afinal, uma dama nobre a quem a Revolução matou. Uma fidalga emigrada que levou-o no peito, como se carregasse um filho, agarrando-o bem junto de si...*

*Como esse camafeu tão alvo, que resistiu assim ao tempo, frágil e eterno como o sentimento humano, transitou humilhado pela loja de um leiloeiro, figurou numa vitrina de ourives, veio enfim, como um amigo que a gente encontra ao acaso, e se alia para sempre à nossa vida, para o meu escrínio de antigüidades?*

*A história do camafeu...*

*As saudades que ele tem, as emoções que ele guarda, os segredos que ele testemunhou...*

*Si ele falasse....*<sup>206</sup>

---

206 CAILET, O Meu Camafeu. Op. cit. p. 33-35.

## 6.1. Nos descaminhos da moda: as aparências e a construção de si

*A mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor e até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos...*

Peter Stallybrass

As transformações sociais e culturais ocorridas na *Belle Époque* em Curitiba tornavam-se visíveis nos corpos e comportamentos. Sobre os corpos, as roupas. Vestir-se passou a ser também um signo de modernidade, pelas vestimentas estabeleciam-se fronteiras, distinguiam-se os sexos, as etnias, as idades, as classes e, principalmente, os estilos de vida. O fenômeno da feminização da cultura fez da moda sua vitrine viva. Os hábitos de vestir se transformavam à medida em que a mulher e as noções sobre a feminilidade também se modificavam. Encerrando polêmicas, num emaranhado efêmero de tecidos, adereços e modelos que entravam e saíam de moda, elas inovaram os guarda-roupas e, mais que isso, os costumes tradicionais.

A moda foi durante quase todo o século XIX um dos principais fatores de distinção entre a masculinidade e a feminilidade. As roupas deste período não seguiam os mesmos imperativos para os dois sexos. No entanto, no *fin-de-siècle*, as coisas começam a mudar, tanto pelo desenvolvimento tecnológico, que produz novos tecidos, industrializa as roupas fabricadas em série e enxerta novos gostos e produtos, quanto pela pressão feminina, pois as mulheres apropriam-se desse terreno que lhe fora concedido como próprio para transformá-lo.

Embora homens e mulheres seguissem os preceitos da moda, o prestígio do belo, associado ao "sexo frágil", estimulava os cuidados com a aparência e conferia às mulheres uma legitimidade para que se dedicassem mais detalhadamente ao hábito de vestir. Neste sentido, a moda configura-se como um dos princípios que organizava as relações entre os gêneros, e por conseguinte, própria modernidade.

Na sociedade curitibana da virada do século XIX para o XX, discursos dividiam-se entre o que deveria ser roupa de homem e roupa de mulher, mas este

debate só surge no momento em que as mulheres passam a apresentar um comportamento que escapa aos padrões normativos, são as transformações nas relações de gênero que lhe conferem sentido.

Acompanhando estas polêmicas, o desejo crescente de individualização insere-se na dinâmica da moda operando através dela um jogo constante de reivindicações e negociações particulares. Neste sentido, Gilles Lipovetsky<sup>207</sup> aponta que a moda pode ser um veículo de promoção da autonomia dos sujeitos. Apesar de até certo ponto ser imperativa, através da moda os sujeitos tiveram, a oportunidade de adaptar ao corpo seus gostos pessoais. Cores, modelos, panos, cortes, enfeites, adornos e detalhes eram elementos que estruturavam os trajes, onde residiam escolhas e possibilidades de exteriorizar as subjetividades. Possibilidade esta, que muitas mulheres curitbanas souberam aproveitar, apesar das críticas.

Entre as peças de vestuário extremamente debatidas neste período, os espartilhos, tornaram-se signos da transformação dos costumes. Homens e mulheres, entre conservadores e progressistas, doutores imbuídos dos novos pressupostos médicos e feministas articulavam sobre a promoção dos "talhes finos" e "cinturas artificiais" opiniões diversas. Refletindo sobre as variações dos trajes e costumes, um dos articulistas da revista Club Curitbano admirava-se quanto ao fato de ainda não ter aparecido alguma "mulher de gênio", propagando o abandono do prejudicial ornamento em que consistia o espartilho na "fase do natural e saudável":

*(...) Em nossos dias, que o traje há variado com os costumes, as nossas belas, escravas de modas absurdas, aprisionam o peito dentro de uma couraça de baleia, estrangulam a cintura, comprimem o estômago e predisõem-se a diversas enfermidades. Eis a verdadeira causa do raquitismo de nossas mulheres (...).*<sup>208</sup>

---

207 LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

208 A. P. C. Club Curitbano, Seção humorística – Reflexões V – O espartilho. Ano I, nº 17, 16 de setembro de 1890, p. 3.

Para o autor do artigo, a mulher que tomasse tal iniciativa quanto ao uso da "couraça de baleia" seria uma heroína, "*laureada pela ciência e ocuparia na história da humanidade salientíssimo lugar*". Talvez pouco informado, ou apenas para referir-se a esta questão com ironia, o articulista não levou em conta as inúmeras reivindicações femininas no intuito de livrar costelas, cinturas, peitos e estômagos do aperto. Quando se tratava, no entanto, de defender maior liberdade de movimentos e a emancipação do sexo feminino, as feministas discutiam a moda sob a perspectiva da "evolução", "*Tendo a modificação do vestuário sua importância na evolução do feminismo (...)*".<sup>209</sup>

Ainda na mesma década, a revista feminista A Colméia denotava a importância nas mudanças de vestuário para a "*evolução do pensamento e da vontade no mundo feminino*", publicando com satisfação a carta de uma jovem contrariada pelo apelo de um importante jornal de moda, que defendia a modelagem do corpo pelo colete:

*E permite-me que vos faça observar que essa curva elegante natural a qual todo corpo bem formado que vós admirais, nunca o vi, que eu saiba, na Vênus de Milo, que até hoje era considerada como um tipo perfeito da forma feminina (...) e eu imagino que essas belas criaturas estariam muito incomodadas com um desse coletes que modelam o talhe, cujos méritos vós exaltais, se considerar assim os instrumentos de tortura que se usam desde muitos anos.*

*(...) Quanto a mim,... consideraria desde já, como uma má ação de minha parte o diminuir, por pouco que fosse, minha força de resistência, pela atrofia parcial de um ou de muitos de meus órgãos essenciais (...)*<sup>210</sup>

Outra polêmica levantada no período é o uso de calças pelas mulheres. Mesmo despertando as mais ferrenhas críticas, pouco a pouco os olhares iam acostumando-se a este uso, inicialmente considerado como um atentado à arte, à beleza e à moral. A "morte da saia", entretanto, nos leva a refutar as concepções que

---

209 A Colméia. O Colete. Curitiba: Tipografia Setragni, 1898. p. 9.

vêm as mulheres aceitando passivamente a idéia de serem dadas tão somente ao cultivo do belo, visto que a principio as calças foram consideradas feias por muitas mulheres que as usavam como símbolo de emancipação. A relação intrínseca que buscava-se estabelecer entre o "belo sexo" e o cultivo frenético da beleza viu-se ameaçada com esta inovação da moda e foi utilizada para persuadir mulheres no intuito de que não a aderissem, sob pena de tornarem-se menos sensuais:

*(...) a mulher de calças, lamentavelmente ridícula, destrói a linha estética, vaporosa, ondulante e perturbadora que só a saia lhe empresta, envolvendo-lhe as formas em caricioso amplexo, dando-lhe a mais subtil e poderosa das seduções: - o mistério. A saia completa, corrige, ilude, se a mulher não é positivamente, um primor de estatuária; realça modela com arte suprema as formas divinas quando é estatua viva, enobrecendo-a, prestigiando-a com o delicioso, insubstituível, imperecível marulhar de tecidos e rendas delicadas, alongando-lhe a silhueta, assemelhando-a aos belos arbustos frágeis e esbeltos, esguios e farfalhantes. (...)*

*Deixemos as calças, às sufragistas inglesas, à mulher do Norte, angulosa e varonil, de exótica psicologia.*

*A mulher latina, amorosa por excelência, toda poesia e graça, misto sublime de paixão e sentimento, - chama e perfume, jamais poderá despir-se da saia, cujas dobras ondulantes encerram, incontestavelmente, todo o seu prestigioso e poderoso encanto.(...)*

*A competidora do homem, temerária e audaz, máscula e rude, adotará com acerto as vestes masculinas.<sup>211</sup>*

Contudo o uso das calças chegou para ficar e as mulheres não abriram mão desta inovação que lhes conferia maior liberdade de movimentos. No exercício da composição dos trajes havia lugar para diferentes estilos, desde os mais clássicos até os inovadores. Neste período inovar correspondia a estar em dia com a moda

---

210 A Colméia. idem ibidem.

211 Ivanette D'Argés. A jupe-culote. Paraná moderno. n° 26 21/05/1911. p. 4.

européia, o que as curitibanas mais favorecidas faziam acompanhando figurinos entre os prediletos estava o francês *Le Parisien*; e as crônicas de Madame Joly e Madame Charlotte, entre outras conselheiras e modistas, ou ainda indo aos magazines mais requintados, como o "Ao Louvre" e a loja "A Parisien".

Para algumas conselheiras falar em moda era falar de moda francesa. Importavam-se da França tecidos – "crepe Georgette, veludos, rendas, tafetás..."- "fitas cré", botões, meias, chapéus, luvas, roupas brancas, sapatos e bolsas, enfim, era possível comprar praticamente tudo que as mulheres e homens "elegantes" usavam na França e outros países europeus.

O historiador Camporesi, ao estudar o "paladar e o gosto" na Europa da época das Luzes, demonstra através dos hábitos alimentares o afrancesamento europeu. Guardadas as devidas proporções, este fenômeno é semelhante ao que ocorreu nas emergentes "urbs" brasileiras que também nos gostos se afrancesavam. Ser francês era "*chic*" e civilizado, conselheiras de moda, cabeleireiras, costureiras e prostitutas adotavam nomes franceses. A culinária, a decoração, a arquitetura e diversos outros campos também seguiam estes ditames. Conforme destaca Camporesi:

*A França dos coquerants, dos belicosos e coléricos gauleses, pôs-se a exportar, juntamente com os evangelhos dos nouveaux philosophes, exércitos de cozinheiros e cabeleireiros, de alfaiates e de professores de dança, divulgadores empíricos e intérpretes sociais das novas tendências de sua nascente civilisation.*<sup>212</sup>

A moda clássica francesa era indiscutivelmente a preferência das senhoras burguesas, entretanto as novidades que eram criticadas, como o uso de calças compridas, também vinham da Europa ou dos Estados Unidos, instalavam-se "dois partidos", ambos com influência estrangeira:

---

212 CAMPORESI, Pietro. *Hedonismo e exotismo. A arte de viver na época das Luzes*. São Paulo: UNESP, 1996, p.7.

*(...) Na grande corte feminina dois partidos se definem com precisão surpreendente: um o das conservadoras do antigo e clássico estilo, outro o das inovadoras e transformistas. (...) O segundo apega-se à necessidade de evoluir, à utilidade de aproximar, ao menos no traje, a mulher de seu desgraçoso complemento o homem, a reivindicar por esta forma os direitos que lhe são vedados e à, pouco a pouco, conquistar um lugar semelhante ao do sexo forte (...)*<sup>213</sup> [sem grifo no original]

Podem ser observados vários significados que circundam a adoção desta peça de vestuário masculino pelas mulheres, desde a almejada "liberdade de movimentos", no sentido literal do termo, até o livre exercício das subjetividades no sentido estético. Entretanto, de um modo geral, ao contrário das críticas que se faziam a respeito, para além de uma inversão dos papéis através do traje, tal inovação era muito mais abrangente, conforme coloca Lipovetsky:

*(...) quando as mulheres usam calças, não procuram ficar parecidas com os homens, procuram oferecer uma imagem diferente da mulher, mais livre em seus movimentos, mais sexy ou mais descontraída. Não mimetismo do Outro, mas reafirmação de uma diferença mais sutil sublinhada pelo corte específico dos trajes ou pelos signos da maquiagem.*<sup>214</sup>

Vitrine viva da mudança nos costumes, a moda abriu polêmicas sendo a principal forma de visualização da construção de novas expressões corporais e morais. A moda era o "cartão de visitas" pelo qual se media o grau de civilidade e modernidade dos sujeitos, já a primeira vista. Portanto, adotar o uso de calças, relógios de pulso, dirigir automóveis e ocupar profissões até então masculinas não significou para as mulheres curitibanas uma simples inversão de papéis; mais do que isso, revelou um processo de construção de subjetividades alinhado à feminização da cultura, informada pelas maneiras femininas de fazer.

## 7. Considerações finais

Neste trabalho procurou-se demonstrar a feminização da cultura na *Belle Époque* curitibana. Rupturas e transformações marcaram este período, havendo um aumento da participação das mulheres na esfera pública da sociedade e o surgimento de novas aspirações morais, sexuais e sociais para toda a população, inserindo uma nova dinâmica às relações de gênero e à própria construção cultural da cidade, que então se modernizava.

O diálogo com as fontes revelou um cenário muito inspirador, tanto no conteúdo quanto na forma em que se apresentou. Não resisti, inclusive, a incorporar na escrita muito de seu vocabulário. Os discursos presentes nos jornais, revistas e livros do período incitaram novas descobertas, apontando outra dimensão na compreensão do passado, pois neles encontrei respostas que iam muito além da imposição masculina de um ideal de feminilidade, fabricante de estereótipos e impositor de atributos estanques naturalizados.

As próprias fontes indicaram ser possível visualizar uma outra perspectiva, mais positiva e valorizadora da participação cultural das mulheres, pois, mesmo reiterando algumas vezes mais outras menos a construção do "discurso do outro", as mulheres não se colocaram como sujeitos passivos neste processo, encontrando linhas de fuga onde desenvolveram suas próprias maneiras femininas de agir.

Com atitudes afirmativas de questionamento e criação, as mulheres provaram haver simultaneidade na construção cultural, refutando a idéia de unilateralidade de gênero nas formas de organização social. Sua multiplicidade de entendimentos e vozes acabou por preencher o espaço aparentemente vazio entre a incorporação e resistência à normatização dos comportamentos, mostrando ser possível a invenção de outros campos de ação, não conformados totalmente a ideais opressores e reguladores.

Tal compreensão assenta-se numa observação contraditória, à medida que percebe tanto a eficácia dos discursos normativos, quanto a configuração de

---

213 Paraná Moderno. Nas regiões da moda. O conservantismo e a inovação. n° 20 09/04/1911. p. 1.

214 LIPOVETSKY. Op. cit. p. 138.

maneiras de fazer que não só os desestabilizam como criam lugares totalmente novos de ações transformadoras. A elaboração teórica sob esta perspectiva trouxe um desafio metodológico. A incorporação da categoria gênero sublinhando as relações entre mulheres e homens na constituição sociocultural, sem considerá-los em separado nem naturalmente hierarquizados, foi fundamentada nas questões propostas pela epistemologia feminista, pautada na confluência entre emoção e razão, sensibilidade e crítica à ciência, buscando novas categorias, olhares e posturas, ampliando as possibilidades de análise e permitindo o engenho de novos objetos de estudo como a feminização da cultura.

Tratou-se de desvendar as intrincadas relações entre as mulheres, a cidade, os grupos e os fatos, visualizando-as como seres sociais articulados aos fatos socioculturais que elas também fabricam e dos quais fazem parte. Valorizando as diferentes experiências femininas, aflorou-se a sua influência na transformação dos hábitos cotidianos, dos valores morais e das concepções de mundo de toda a população, como apontou o engenho da urbanização que teve como elemento civilizador a feminização.

As mulheres da Curitiba *fin-de-siècle* mostraram ter reflexões sobre si muito diferentes, mais criativas e independentes daquelas que lhes queriam impor e fixar como naturais, ou ainda diferentes daquelas que muitos olhares historiográficos contemporâneos possam admitir, pois cotidianamente construíram a si mesmas e à cidade, feminizando os espaços, as práticas e a cultura.

Principalmente por tratar de um tema bastante recente e com uma metodologia que tenta buscar ligações com uma diversidade de saberes e discursos, o presente estudo não se pretende conclusivo em nenhum momento. Antes disso, seu objetivo é despertar o debate e incentivar o desenvolvimento de pesquisas sobre um tema que representa, além de uma constante preocupação acadêmica, objeto de paixões e de grandes expectativas.

## 8. Bibliografia

- ABRAHAM, Tomás. (org.). Foucault y la ética. Buenos Aires: Biblos, 1988.
- AGUIAR, Neuma. Gênero e ciências humanas. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. Feminismo como crítica da modernidade, releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire, Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BORDO, Susan. (org.) Gênero Corpo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BRANDÃO, Angela. A fábrica de ilusão. O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913. Curitiba: Fundação Cultural, 1994.
- BRUSCHINI, C. & COSTA, A. de O.(org.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- BUENO, Wilma de Lara. Mulheres polonesas (1870-1920). Curitiba: Dissertação, Mestrado, UFPR, 1996.
- CADERNOS AEL. Mulher, história e feminismo 3/ 4. Campinas: IFCH, Arquivo Edgar Leuenroth, 1995.
- CAMPORESI, P. Hedonismo e exotismo, a arte de viver na época das Luzes. São Paulo: UNESP, 1996.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. “A História das Mulheres, séculos XVI e XVII”. In: DUBY, G. & PERROT, M. As mulheres e a História. Lisboa: Dom Quixote, 1995. Anais; 19.
- \_\_\_\_\_. A história cultural, entre práticas e representações. RJ: Bertrand, 1990.
- COSTALLAT, B. Mademoiselle Cinema. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- DAVIS, Natalie Zenon. Nas Margens. Três mulheres do século XVII. São Paulo:

- Companhia das Letras, 1997.
- DENIPOTI, Cláudio. Páginas de prazer, a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: UNICAMP, 1999.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUBY, Georges & ARIÉS, Philippe. História da vida privada; da Revolução Francesa à Primeira Guerra. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle. Historia de las mujeres; el siglo XX; guerras, entreguerra y posguerra. Tomo IX. Madrid: Taurus, 1993.
- \_\_\_\_\_. Historia de las mujeres; el siglo XX; la nueva mujer. Tomo X. Madrid: Taurus, 1993.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador, uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. A sociedade da Corte. Lisboa: Estampa, 1987.
- \_\_\_\_\_. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade, I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade, II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade, III: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: PUC - RJ., 1996.
- FREYRE, G. Modos de homem e modas de mulher. Rio de Janeiro: Record: 1987.
- HARDING, S. Whose science? Whose Knowledge. Thinking from women's lives. New York: Cornell University Press, 1991.
- HOLANDA. H. B. de. Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KOSSOY, Boris. Origens e expansão da fotografia no Brasil. Século XIX. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

- LE RIDER, J. A modernidade vienense e as crises de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LIPOVETSKY, G. O império do efêmero, a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTINS, A. P. e TRINDADE, Etelvina. (org.) Mulheres na História do Paraná, séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. O espírito das roupas; a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MURICY, Kátia. A razão cética. Machado de Assis e as questões do seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NYE, A. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- PEDRO, J. M<sup>a</sup>. e GROSSI, M. P. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinidade. Editora Mulheres, 1998.
- PEREIRA, Luís Fernando L. Paranismo: O Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos quatro ventos, 1997.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história; operários, mulheres e camponeses. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- POE, Edgar Allan. O homem da multidão. Porto Alegre: Paraluá, 1993.
- PRIORI, Mary Del. (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.
- RAGO, L. Margareth. Do cabaré ao lar, utopia da sociedade disciplinar, Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. Os prazeres da noite; prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SANT'ANNA, D. B. (org.). Políticas do Corpo, elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

- SCHUPUN, Mônica Raisa. (org.) Gênero sem fronteiras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- \_\_\_\_\_. Paulistanos e Paulistanas. São paulo: SENAC, 1999.
- SCOTT, Joan. "História das Mulheres". In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: EDUCAÇÃO E REALIDADE 16(2) Porto Alegre, 1990.
- \_\_\_\_\_. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1988.
- SENNETT, R. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SHOWALTER, Elaine. Anarquia sexual. Sexo e cultura no fin de siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SIMMEL, Georg. Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SOARES, Carmen. Educação física, raízes européias e Brasil. Campinas: Editores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOMBART, Werner. Lujo y capitalismo. Madrid: Aliança Editorial, 1979.
- SOUZA, J. e ÖELZE, B. (org.) Simmel e a modernidade. Brasília: UNB, 1998.
- SWAIN, Tânia N. Feminino/Masculino no Brasil do século XVI: um estudo historiográfico. In: Historia no plural. Brasília: UNB, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Por mares nunca Dantes navegados..." Construção do gênero nos discursos do descobrimento do novo mundo In: Jaime de Almeida (org.). Caminhos da historia da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico. Brasília: ANPHLAC - UNB, 1998.
- \_\_\_\_\_. O que é lesbianismo? Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na I República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.
- WAIZBORT, L. Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.

## 9. Fontes

### 9.1. Obras Literárias da época:

- ARANHA, Graça. A esthetica da vida. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.
- BERTHIER, A. A mulher, conferência em 13 de maio de 1911. Ponta Grossa: Econômica, 1911.
- CAILLET, Didi. Tauú. Rio de Janeiro: Pongetti, 1932.
- \_\_\_\_\_. Reviver. Rio de Janeiro: Pongetti, 1933.
- CARNEIRO, R. da Costa. O que as mães devem saber. Rio de Janeiro: B. Frères, 1909.
- \_\_\_\_\_. A mulher, a arte, a sciencia. Curitiba: Impressora Paranaense, 1919.
- DANTAS, Júlio. Abelhas doiradas. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada, s.d.
- FRANÇA, Aristides. Dona Laura. Curytiba: Graphica Paranaense, 1903.
- MACAGGI, Ada. Vozes ephemerias. Curytiba: Empreza Graphica Paranaense, 1926.
- MARTINS, Romário. Album histórico do Paraná. Curityba: Tip. Setragni, 1901.
- \_\_\_\_\_. Catálogo do Estado do Paraná. Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics, 1908.
- MENDES, Rui Teixeira. A Mulher. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1931.
- NICOLAS, Maria. Amor que redime. Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1938.
- PEDROSO, Quintiliano. Délia. Curityba: Ideal, 1923.
- PEREIRA, Lucio. Contos paranaenses. Curityba: Impressora Paranaense, 1896.
- POMBO, Rocha. Contos e pontos. Porto: Magalhães e Moniz, 1911.

### 9.2. Periódicos:

- Ilustração Brasileira. 1929.
- A Estrella. 1898-1906.
- Ilustração Paranaense. 1927-1930.
- O Operário. 1915.
- Acácia. 1901.

Diário da Tarde. 1905-1930.  
A República. 1887-1930.  
Almanach do Paraná. 1896 – 1929.  
Almanach Paranaense. 1896 – 1909.  
O Azzorrague. 1902.  
Galeria Ilustrada. 1889.  
O Cenáculo. 1895.  
Pallium - Revista de Arte. 1898.  
Revista Azul. 1900.  
A Exposição. 1903.  
Cartão Postal 1905.  
A Penha. 1897.  
Esphinge 1899.  
O Sapo. 1900.  
Victrix. 1902.  
Brasil Cívico. 1918.  
O Palládio. 1920.  
O Olho da Rua. 1927.  
Cinema. 1909.  
O Miko. 1914.  
Revista Moderna. 1916.  
A Semana Ilustrada. 1927.  
Semeia Semeador. 1928.  
A Cidade. 1929.  
A Senhorita. 1920.

### **9.3. Filmes:**

Panorama de Curitiba. Curitiba: Sec. Municipal de Cultura. Fundação Cultural de Curitiba., 1929.  
Carnaval de Curitiba, 1910. Curitiba: Sec. Municipal de Cultura. Fundação Cultural

de Curitiba.

Neve em Curitiba, 1927. Curitiba: Sec. Municipal de Cultura. Fundação Cultural de Curitiba.

Novo governo paranaense. BOTELHO FILM, 1928. Curitiba: Sec. Municipal de Cultura. Fundação Cultural de Curitiba.

Pelo Paraná maior. BOTELHO FILM, 1927. Curitiba: Sec. Municipal de Cultura. Fundação Cultural de Curitiba. Iconografia

#### **9.4. Acervos Consultados:**

Biblioteca Pública do Paraná – Divisão de Assuntos Paranaenses - Curitiba.

Casa João Turin – Curitiba.

Casa da Memória – Fundação Cultural de Curitiba.

Arquivo Público do Estado do Paraná – Curitiba.

Biblioteca da UFPR – Setor de Humanas – Curitiba.

Circulo de Estudos Bandeirantes – Curitiba.

Biblioteca do Museu Paranaense - Curitiba.

Casa Romário Martins – Curitiba.

Arquivo Edgar Leuenroth – UNICAMP – Campinas.